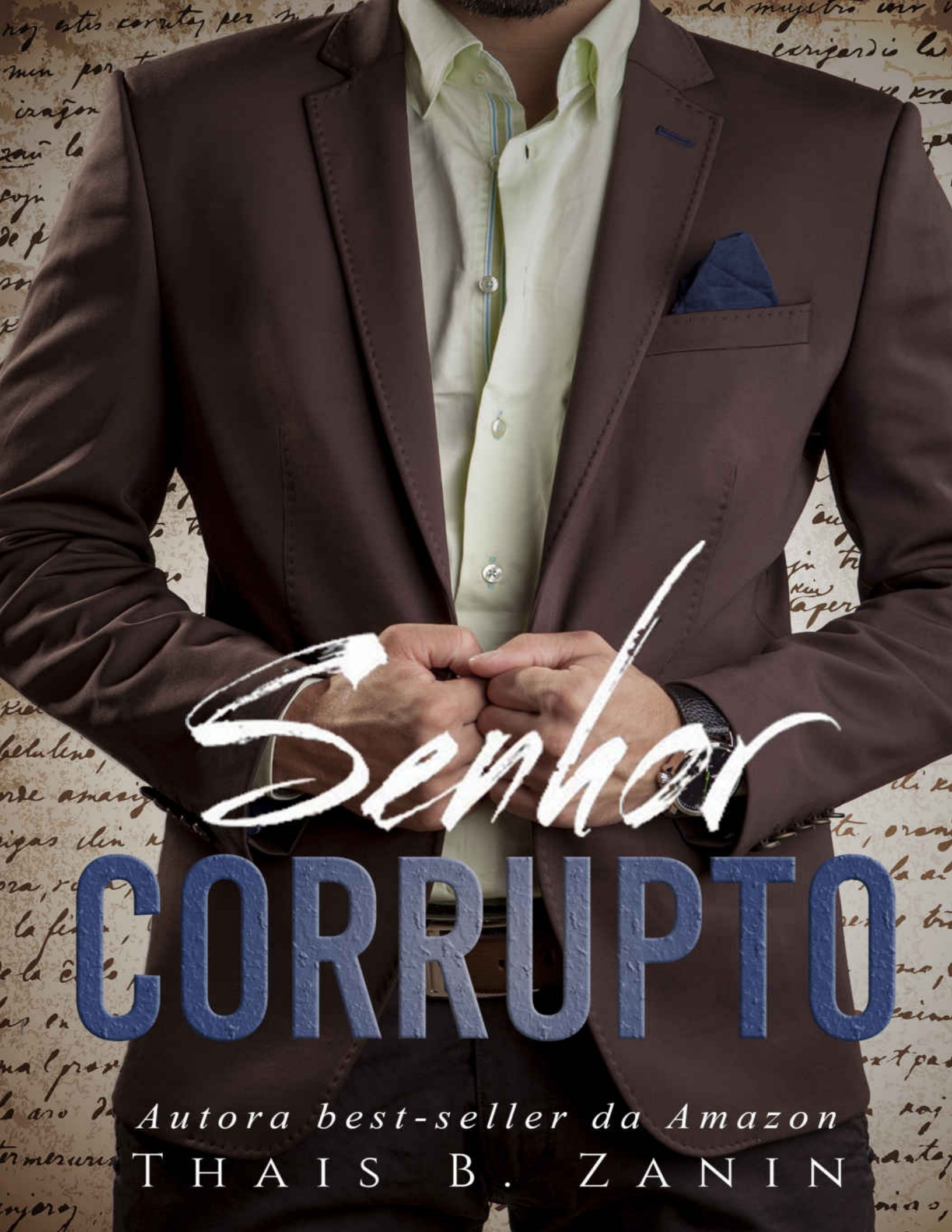




Senhor

CORRUPTO

Autora best-seller da Amazon

THAIS B. ZANIN



Senhor CORRUPTO

Serie Senhores - 2 Livro

Autora best-seller da Amazon

THAIS B. ZANIN

Copyright © 2018 Thais B Zanin

Capa: Layce Desing

Revisão: Margareth Antequera

Diagramação Digital: Love Art Desing

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

E-mail para contato: thais.b.zanin@gmail.com

Thais Brassanini Zanin, nasceu na grande São Paulo, onde ainda mora, com sua família, três Maltês e uma rottweiler. Seu amor por livros começou no ano de 2014 ao ler A seleção, depois disso, ela virou uma viciada em livros assumida. Mas, só em 2015 começou a escrever seu livro Futuro Incerto, seguido por Vende-se Virgem com milhões de leituras online. Em seu tempo livre, Thais gosta de assistir séries e brincar com seus cachorros.

Contato

Email: thais.b.zanin@gmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/thaispergens.7>

Grupo do Facebook :<https://www.facebook.com/groups/s.t.lucato.autora/>

Pagina da autora: <https://www.facebook.com/AutoraThaisBZanin/>

Perfil no WattPad: <https://www.wattpad.com/user/ThaisBZanin>

Outros Livros

Vende-se Virgem – Trilogia Beast - 1

Doa-se Cafajeste – Trilogia Beast - 2

Encontra-se o Amor – Trilogia Beast - 3

Lila, meu anjo, minha salvação. – Trilogia Beast – 0.5

Futuro incerto - Duologia Incerto - 1

Destino incerto - Duologia Incerto - 1

Paixão Instantânea - Conto

Sr. Perigoso – Serie Senhores - 1

Senhora Perigosa Serie Senhores - 1.5

Sumário

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

As cartas que você nunca lerá

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[Epílogo](#)

Prefácio

Para Viver um Grande Amor

É preciso abrir todas as portas que fecham o coração.
Quebrar barreiras construídas ao longo do tempo,
Por amores do passado que foram em vão
É preciso muita renúncia em ser e mudança no pensar.
É preciso não esquecer que ninguém vem perfeito para nós!
É preciso ver o outro com os olhos da alma e se deixar cativar!
É preciso renunciar ao que não agrada ao seu amor...
Para que se moldem um ao outro como se molda uma escultura,
Aparando as arestas que podem machucar.
É como lapidar um diamante bruto... para fazê-lo brilhar!
E quando decidir que chegou a sua hora de amar,
Lembre-se que é preciso haver identificação de almas!
De gostos, de gestos, de pele...
No modo de sentir e de pensar!
É preciso ver a luz iluminar a aura,
Dando uma chance para que o amor te encontre
Na suavidade morna de uma noite calma...
É preciso se entregar de corpo e alma!
É preciso ter dentro do coração um sonho
Que se acalenta no desejo de: amar e ser amada!
É preciso conhecer no outro o ser tão procurado!
É preciso conquistar e se deixar seduzir...
Entrar no jogo da sedução e deixar fluir!
Amar com emoção para se saber sentir
A sensação do momento em que o amor te devora!
E quando você estiver vivendo no clímax dessa paixão,
Que sinta que essa foi a melhor de suas escolhas!
Que foi seu grande desafio... e o passo mais acertado
De todos os caminhos de sua vida trilhados!

Mas se assim não for...
Que nunca te arrependas pelo amor dado!
Faz parte da vida arriscar-se por um sonho...
Porque se não fosse assim, nunca teríamos sonhado!
Mas, antes de tudo, que você saiba que tem aliado.
Ele se chama TEMPO... seu melhor amigo.
Só ele pode dar todas as certezas do amanhã...
A certeza que... realmente você amou.
A certeza que... realmente você foi amada...

- [Carlos Drummond de Andrade](#)

Prólogo

PRESENTE

Após alguns anos, eu estava voltando para minha cidade natal, San Rafael. Apesar de ter perdido contato com as pessoas mais próximas, tinha recebido uma chamada da enfermeira que cuidava de Gigi, ela tinha falecido. A senhora sempre foi como uma mãe para mim, saber da sua morte me arrancou lágrimas, muitas lágrimas e eu não chorava há anos. Este era o motivo de estar dirigindo para San Rafael, para o seu velório.

Eu a amava demais para não voltar para me despedir, não importava que talvez eu pudesse reencontrar Michael e que ele fizesse perguntas.

Não gostava de lembrar da noite que parti, mas era só fechar os olhos, que a imagem do sorriso perfeito dele vinha. Estava gravado na minha cabeça, cada detalhe dele. Seus olhos castanhos com manchas verdes me perseguiram, era só olhar para ela.

Assim que entrei na cidade e avistei a placa, dando boas-vindas para San Rafael, meu coração acelerou. Eu não estava pronta.

Parei o carro no sinal vermelho e respirei fundo. Vou conseguir fazer isso, são só três dias e então voltaria para Fort Bragg, 150 milhas e três horas de distância. O sinal abre e volto a dirigir, procurei um hotel e não foi difícil de achar. Há cinco anos não tinha nenhum, agora tinha vários.

Parei o carro no estacionamento e tirei o cinto.

Capitulo

Doze anos atrás.

Mazikeen

— Mazi... Cadê você, querida? — eu estava tremendo, tentando controlar minha respiração e não revelar onde estava escondida. — Mazi, não adianta tentar se esconder, eu vou achar você e quando eu achar, você vai se arrepender de se esconder de mim.

Agarrei minha boneca, fechei meu olho e contei até dez segundos, foi o tempo que ele levou para me achar. Só senti sua mão puxando minha perna, meu corpo escorregando pelo chão de madeira frio. Tentei agarrar no estrado de madeira da cama, mas ele era forte e me puxou com força.

— Você nunca vai fugir de mim. — Ele me jogou na cama, ao mesmo tempo que tirava seu cinto. Encolhi-me, abraçando minha boneca. — E como sempre, vai ser castigada por isso...

(...)

Podemos chegar a um ponto da vida que estamos perdidos?

Eis a questão.

Cinco anos antes

Você pode ser muitas coisas durante a vida, mas aos trinta e três anos de idade, já vi muita coisa acontecer e eu ficar para trás.

Eu tinha uma namorada, ela me largou por um cara, um presidiário, que nem conhecia pessoalmente.

Consegui uma bolsa de esporte na faculdade, fui jogador na NFL e aos vinte e cinco anos, minha carreira acabou por causa de uma lesão.

Tinha uma noiva, que me deixou, após, perceber que eu ainda amava minha ex-namorada. A mesma ex que eu ajudei a ficar com o seu marido, a mesma por quem continuo apaixonado.

Não sei como parei aqui.

O dia estava chuvoso, eu estava aguardando do lado de fora de uma

floricultura. Era exatamente cinco horas da manhã, poucas pessoas na rua, e os comércios fechados. Este também era o único momento que eu poderia sair na rua, sem que a população da minha cidade me linchasse.

Como prefeito, eu era adorado por todos. Como eu disse, o verbo está no passado, pois agora eu sou um homem odiado. Todos acreditam que eu tinha roubado a cidade, mas não era verdade. Eu só não tinha como provar, por enquanto, mas eu ia ser inocentado.

Ouvi passos se aproximando, foquei minha atenção na pessoa que se aproximava. Reparei na blusa de moletom, o capuz que escondia o rosto, mas ao olhar as pernas da pessoa, vestida com uma legging, percebo que é uma mulher.

Ela parou na frente da floricultura, tirou a chave do bolso e abriu a porta de vidro.

Parei para observar cada passo da mulher, como ela olhava por cima do seu ombro, quando ela focou sua atenção em mim.

Eu estava do outro lado da calçada, sendo encarado por uma mulher desconhecida. Eu sou Michael Finch, o prefeito de San Rafael, e mais um político corrupto.

O vento soprou forte contra o rosto da moça, tirando seu capuz e revelando seus cabelos escuros. Eu não olhei para ambos os lados da rua, para conferir se não vinha carro, só atravessei a rua.

Ao ficar perto o bastante para perceber seus grandes olhos azuis, a vi abaixar a cabeça e colocar o capuz.

— A floricultura já está aberta?

— Não, como você mesmo pode perceber, acabei de chegar. — Manteve o olhar baixo, dei alguns passos para frente e ela para trás.

— Qual seu nome?

— Não interessa, por favor, volte às dez da manhã, preciso arrumar as coisas. — Não esperou eu dizer mais nada, apenas se virou e entrou, fechando a porta de vidro.

Eu precisava de flores, não poderia vir até o centro da cidade neste

horário, a não ser que eu quisesse ser "assassinado". Bati na porta de vidro, ela não virou para abrir. Então, bati mais uma vez, e pedi para que abrisse.

— Por favor, eu só preciso de um buquê. — Ela ficou algum tempo parada, então foi até uma bancada. Fico olhando enquanto ela procurava alguma coisa, então se aproximou da porta, fiquei na expectativa, mas logo sumiu, quando ela pendurou a placa de fechado.

Imaginando que não conseguiria encomendar nada com a moça, me afastei da floricultura e voltei a correr. Minha casa não era muito longe dali, então o caminho foi rápido.

Cheguei em casa, fui direto para meu escritório, precisava do telefone da floricultura, quem sabe ela me responderia por lá. Sentei-me na frente do computador e procurei pelo local. Logo achei o site da loja, peguei o número e tentei ligar. Depois de quatro chamadas na caixa postal, decidi tomar outra atitude.

Peguei uma folha sulfite da impressora e fiz meu pedido. Passei na cozinha para pegar uma xícara de café, antes de partir para a floricultura. Ao chegar no local, a moça não estava a vista. Abaixei-me e empurrei o papel através do vão da porta.

Ao me levantar, bati duas vezes no vidro e isso chamou à atenção dela, pois surgiu por uma porta.

Sorri antes de me virar e afastar-me.

(...)

Mazi

Observei o homem se afastar da porta, só quando o perdi de vista, me aproximei dela. No chão tinha um papel, me abaixei para pegá-lo.

Quando me levantei, reparei na letra masculina, não era muito bonita, mas legível.

Senhorita Desconhecida,

Gostaria muito que enviasse um lindo buquê, as flores a sua escolha, sei que é perfeitamente capaz de enviar lindas flores à Maya.

Obrigado, Michael.

**Can we be friends?
Can we be friends?
Can we be friends?
Wondering if you got a body
To hold you tight since I left
Wondering if you think about me
Actually, don't answer that
Girl, you wonderin' why I've been callin'?
Like I've got ulterior motives
No, we didn't end this so good
Would you know we'd had something so good?
I'm wondering, can we still be friends?
Can we still be friends?
It doesn't have to end
And if it ends, can we be friends?
Será que podemos ser amigos?**

Eu não acredito nas palavras do prefeito, Michael Finch. Além disso, ele havia escrito uma parte da música de Justin Bieber. Eu não tinha o visto muitas vezes, as poucas, eram quando ele estava no parque, com o filho de Maya.

No início achei que seria o filho dele, mas ouvi rumores que não, eram só amigos e ele ajudava a mãe, enquanto o marido estava preso. Nunca me interessei nestes assuntos, mas ele era o assunto mais comentado da cidade no momento.

Amassei a folha e joguei na lixeira mais próxima, nas próximas horas organizei a floricultura e fiz um lindo buquê para Maya. Quando Cole, o entregador chegou, avisei que todas as encomendas estavam no balcão e voltei até o galpão. Eu nunca ficava na linha de frente da loja, logo a dona chegaria.

(...)

Michael

Eu já estava cansando de todos, me arrisquei a sair no meio da tarde, passei pelo centro, mas a população mal olhava para mim. Parei em frente a uma banca de jornal, estava exposto um jornal, com a minha foto e o título em letras maiúsculas.

"PREFEITO FINCH É ACUSADO DE FRAUDE, ROUBO E LAVAGEM DE DINHEIRO."

Puxei o jornal e fui até o caixa.

— Quero todos os jornais! — aquilo era tudo mentira, nunca me meti em corrupção, mas ao que parece, eu tinha roubado imposto e subornado a construtora do novo hospital de San Rafael e da biblioteca regional.

Realmente, hoje em dia, temos muita corrupção, mas eu não precisava roubar, eu não era pobre, meu pai um grande senador, e meu avô era governador. Com certeza, tinha alguém tentando me derrubar, mas agora ninguém acreditaria em mim. Nem mesmo meus amigos mais próximos, recentemente fui falar com Maya, a única mulher que eu amei e a mesma que também não acreditava em mim.

Ninguém pensou em mim, agora eu tinha mais dois meses antes da reeleição, estava sendo investigado, o que me deixava afastado do meu cargo.

Meu pai estava no meu pé, me pressionando para sair da cidade, para começar a trabalhar na sua empresa. A atual CEO era minha mãe, mas a mesma estava doente, filho único, não podia abandoná-los, mas eu amava esta cidade. Não sei se conseguiria ficar longe de Liam, filho da Maya, e o meu filho de coração. Durante sete longos anos, eu fui o mais próximo de um pai para ele e agora, o menino era o único que estava do meu lado.

Hoje era dia dos professores, fiz questão de enviar as flores, mas não sabia se a floricultura havia mandado. Após comprar os jornais, vou até um beco, joga tudo na caçamba de lixo e sigo em direção à floricultura.

Ao me aproximar, encontro Emma do outro lado da rua, aquela mulher foi a minha última namorada e que agora não conseguia mais olhar em meus olhos. Tinha uma longa lista de relacionamentos que não deram certo.

Mas, nosso relacionamento acabou de maneira bruta, ela queria casar e eu não noivaria novamente. Por alguma razão, não consigo esquecer a minha primeira namorada, há quatorze anos eu estive com ela e agora ela era casada, tinha um filho e não demoraria para ter o segundo. Seu marido estava livre da cadeia e agora eles eram felizes.

Eu sentia inveja, mas nunca faria nada para atrapalhar a felicidade deles. Eu a amava, mas me contentava em ser seu amigo. E agora, nem isso eu era. Estava quase cedendo a chantagem do meu pai, mas fugir não era do meu feitio.

Mantive minha cabeça erguida e passei por ela, parei na floricultura, antes de entrar, percebi que a moça, do capuz, estava saindo do emprego. Apertei meu passo, até chegar, chegar perto o suficiente para agarrar seu braço.

— Não me toque. — Ela virou rápido, seu capuz saiu, mostrando seu rosto. Mais cedo, não tinha conseguido olhar tão atentamente para aquele rosto. E que beleza, não sei se foram os olhos azuis que me encantaram, mas fiquei atordoado por um tempo.

— Desculpe. Só queria saber se enviou as flores. — Ela não me respondeu, apenas balançou a cabeça. Tinha voltado a ficar muda, não falou mais nada, puxou o braço e tentou se afastar, mas não deixei. Voltei a segurá-la, pelo braço. — Por que não me responde? Você mandou?

Ela apenas balançou a cabeça, confirmando.

— Obrigado, então. — Soltei-a e a vi se afastar, infelizmente eu não a conhecia, bem, não que me lembrava. Eu queria muito saber quem era ela, só havia uma pessoa para me dizer, a chefe dela.

Entrei na floricultura, avistei Holly atrás do balcão.

— Boa tarde, senhor prefeito.

— Ah, Holly, nós dois sabemos que não sou mais o prefeito, ou melhor, estou afastado.

— Então, senhor Finch, o que posso ajudá-lo? — como todos da cidade, estava sendo educada, mas podia ver em seus olhos a desconfiança.

— A moça, que trabalha aqui.

— Qual? A morena?

— Sim, ela mesma. O que poderia me falar sobre ela? — me aproximei, me escorando em seu balcão.

— Não muita coisa. Ela é uma boa garota, filha de Demétrio. — Eu não podia acreditar que o bêbado da cidade tinha uma filha tão graciosa como ela. O homem era um bêbado, ninguém gostava dele, pois era muito inconveniente.

— Obrigado. — Afastei-me, estava quase saindo, quando ouvi sua pergunta:

— Por que pergunta?

— Por nada, apenas curiosidade.

(...)

Mazi

Ao chegar a casa, não encontro meu pai, isso me deixa aliviada, segui para o meu quarto. Coloquei minha mochila no armário, tirei e coloquei meus sapatos ao lado da cama. Ao me deitar, ouço a porta batendo, no mesmo instante, me levanto.

— Mazikeen, cadê você sua putinha? — respiro fundo antes de sair, encontro papai, jogado no sofá, atrás dele estava Richard, assim que me viu abriu um longo sorriso.

Eu o odiava, tinha repulsa pelo homem corpulento atrás do meu pai.

— Oi papai.

— Richard, está aqui, pegue algo para ele beber. — Segui para a cozinha, ao abrir a geladeira, não encontrei nada, tinha só um recipiente vazio. Como a conta de água não foi paga, não tinha nem água para oferecer...

— Papai, não há nada.

— Pode ser água — sugeriu Richard.

— A conta de água não foi paga, então não há. — Papai ficou

vermelho e trincou a mandíbula.

— Você não pagou a porra da conta? — bate a mão, com força, na mesinha de madeira, ao seu lado.

— Não papai, eu tive que usar para pagar o aluguel. — Abaixei meu olhar, papai estava envergonhado, se levantou e falou:

— E o dinheiro do seu trabalho na floricultura?

— Paguei sua dívida, no bar de Richard.

— Tudo bem, não preciso de nada para beber, estou perfeitamente bem. — Tentou resolver o conflito, mas isso só seria resolvido, quando eu estivesse presa em meu quarto.

— E aquele filho da puta do Tor, não estava nos ajudando? — Tor era meu namorado, bom, ex agora.

— Eu e ele terminamos. — Tor nos ajudava aqui casa, na verdade, ele bancava as despesas da casa, pagava o aluguel e contas de água e luz, porém, recentemente havíamos terminados, pois ele era muito possessivo e isso causava uma série de problemas.

— Terminaram? Nunca, volte agora para aquele estúdio e reate esse relacionamento. Não há ninguém que vai querer você, Tor é um ótimo homem. — Isso não era verdade, mas papai não se importava. Só se aproximou e me agarrou pelos cabelos. — Volte lá agora. — Seu hálito quente, cheirando a álcool, contra minha pele.

Arrastou-me até a porta e me empurrou para fora, estava descalça, cansada e com fome. Eu não queria voltar para Tor, mas não tive nem a chance de ir para outro lugar, ele estava parado na calçada. De longe, eu podia ver seu sorriso satisfeito.

— Então, vai voltar para mim? Cansou de ficar na miséria?

— Nunca, já disse que eu não voltarei. — Ele se aproximou com passos lentos. Tentei não focar em seu rosto, que foi desenhado pelos anjos. Como alguém tão bonito, poderia ser o demônio?

Talvez, quando o conheci, deveria ter me afastado. As tatuagens pelo corpo, olhos castanhos quentes e sorriso arrebatador, deveria mostrar que ele

era perigoso.

— Para de bobeira, você é minha mulher, desta vez faremos diferentes.

— Não vou acreditar nas suas mentiras, da última vez, isso me custou um dente. — Quanto mais ele se aproximava, mas me afastava, ao bater as costas contra a parede, não tive mais como fugir.

— O que te custou um dente, foi você ficar de conversinha com aquele entregador.

— Merda Tor, ele trabalha comigo, falo o essencial, mas para você, é tudo traição.

— Traição porra nenhuma, pois se eu soubesse disso, não perderia só um dente. — Sua mão agarrou minha nuca, me puxando contra seu corpo.

— Tor...

— Mazi, deixa de besteira, estou com saudades de você. — Seu cabelo escuro estava molhado, provavelmente tinha acabado de tomar banho. Quando sua cabeça se abaixou, para poder beijar meu pescoço, o pelo da sua barba raspou contra minha pele.

— Não Tor, acabou. — Tentei empurrar seu corpo, mas ele não se mexeu.

— Querida, você é minha, não adianta negar. — Sua mão deslizou pela minha barriga, sua boca encontrou a minha, enquanto me beija e me distraia, aproveitou para abrir o zíper da calça. Senti meu corpo tremer ao toque de seus dedos gelados.

Ele sempre fazia a mesma coisa, terminávamos, ele parava de me ajudar em casa, papai me pressionava e eu tinha que correr de volta para seus braços. Meu pai em suas raras ocasiões de sóbrio, era um homem bom e nunca se lembrava do que fazia com o efeito de álcool.

Seu corpo pressionado contra o meu, seus dedos ágeis me masturbando na varanda de casa, em plena luz do dia. Deixei escapar alguns gemidos, então eu estava derrotada. Ele tinha conseguido vencer esta luta, eu precisava do dinheiro e enquanto Tor era meu namorado, papai não me batia, mas em compensação, Tor era pior que ele.

Fomos interrompidos, quando alguém limpou a garganta. Tor se afastou, bravo por ser interrompido.

— Aqui é a casa de Demétrio Nunes? — eu mal podia acreditar, que na minha frente estava o prefeito. O mesmo que ignorei nesta manhã.

— Ora, se não é nosso querido prefeito corrupto? Se divertindo a nossas custas? — Tor puxou sua mão das minhas calças e chupou seus dedos. Enrubesci, ao imaginar que ele sabia o que estávamos fazendo no meio da rua.

— Eu fiz uma pergunta, moleque. — O prefeito avançou alguns passos. — Ele está ou não?

— Papai está lá dentro. — Essas tinham sido minhas primeiras palavras. Ele acenou com a cabeça e seguiu para dentro. — Você precisa ir.

— Eu vou, mas não pense que irá se livrar de mim. — antes de partir, retirou a carteira e me entregou um maço de notas. — Para pagar as contas. — Beijou meus lábios e se afastou. Segurava o dinheiro, querendo jogar na cara dele, mas eu não podia, eu precisava daquele dinheiro. Não tínhamos água e nem comida, logo papai exigiria mais dinheiro para bebida.

Escondi o dinheiro dentro do sutiã e entrei, papai estava conversando com o prefeito, Richard não estava a vista, provavelmente tinha ido embora pela porta dos fundos.

— Está tudo bem? — me próximo dos homens, me sentia estranha na presença daquele homem. Tentei não reparar nas suas características, mas era difícil, tinha uma pele morena e tinha grande mãos, que gesticulava ao falar. Imagino que seja filho de italiano, pois tinha todos as características.

— Oh querida, o senhor Michael, pretende vender nossa propriedade. — Papai estava aos prantos e eu quase fiquei.

— Não, você não pode fazer isso.

— Não sou eu que estou fazendo, estou somente reportando a notícia da minha família. Eles querem os pedaços de terra para construir um hotel, a cidade está em crescimento e ainda não temos um hotel.

— Mas foi nesta casa que tenho as melhores lembranças! Mamãe está

em todo os lugares, não queremos deixá-la. Se sairmos daqui, perderemos um pouco mais da mamãe.

Capitulo

Michael

Enquanto eu dirigia para a casa da Demétrio estava contente por ser a casa em que ela morava. Eu não sabia muito sobre ela, muito menos, que eu estava a ponto de tomar a casa dela.

Quando parei na frente da sua casa, tinha um grande terreno, era bem localizado, mas a casa estava em condições deploráveis. Estaciono mais à frente da casa, estava com um boné, assim não reparariam em mim.

Quando estou na calçada, em frente à sua casa, vejo um casal se beijando. Não demora muito para perceber quem era, a moça de cabelos escuros estava beijando um rapaz alto e magro. Sua camisa regata, revela inúmeras tatuagens.

Limpei a garganta, interrompendo o casal jovem. Pensei na minha própria adolescência, no meu namoro com Maya, de como eu era absolutamente apaixonado e como nos divertíamos. Lógico que nunca fiquei agarrado com ela, na frente de todos e no meio da rua. Aliás, seu pai era xerife naquela época e eu corria risco de vida, só de namorá-la, imagina agarrá-la na porta de sua casa.

— Aqui é a casa de Demétrio Nunes? — perguntei.

— Ora, se não é nosso querido prefeito corrupto? Se divertindo a nossas custas? — o namorado da moça, puxou sua mão da calça dela e chupou os dedos. Isso definitivamente não era apropriado, tentei na prestar atenção. Mas estava chateado pela moça ter um namorado, eu que a achei tão bela e misteriosa. Apesar de ser muito nova para mim.

— Eu fiz uma pergunta, moleque. — Avanzo alguns passos, com pouca paciência para aqueles que zoavam de mim. — Ele está ou não?

— Papai está lá dentro. — Eu não podia imaginar uma voz mais doce, e estava sem capuz, podia ver seu rosto, avermelhado de vergonha. Acenei para eles e segui para dentro da casa.

Bati levemente na porta aberta, avisando a minha chegada.

— Prefeito? — ambos os homens, sentados no gasto sofá marrom.

— Senhor Nunes, não venho aqui como o prefeito e sim como dono destas terras. — Dei alguns passos, podia sentir o forte cheiro de álcool, que embrulhou meu estômago. Eu não bebia, na verdade, tinha aversão a bebidas.

— Não entendo, pagamos o aluguel deste mês.

— Sim, mas precisaremos que o senhor saia do terreno, tem três meses. Minha família decidiu fazer um hotel.

— Por favor, só...

— Infelizmente não há o que fazer, isso está além de mim. Como não queremos que vocês sejam prejudicados, lhe daremos uma casa.

— Não. — O homem gritou, quase aos prantos. — Minha filha cresceu aqui, minha esposa a criou aqui, não deixarei que destrua nossas lembranças.

— Não há muitas escolhas, seu contrato vencerá em seis meses, você tem a chance de aceitar minha proposta, ficar com outra casa ou podemos esperar até o contrato acabar, então terei vocês fora daqui e esta velha casa derrubada. — Eu sabia que estava sendo duro, mas eu não podia pegar leve, papai estava me cobrando e fazer esse hotel, me renderia mais tempo aqui, em San Rafael. Esse era o tempo que tinha para limpar meu nome, pois se não fosse candidato novamente, teria que ir a Washington, voltar a viver sob as rédeas de meu pai. Pode parecer que é um pensamento de um adolescente, mas quando se é filho de alguém importante, todos acreditam que sua vida está destinada há grande coisas, inclusive ser um político famoso e não um de cidade pequena.

Sabia que meu pai poderia fazer esse escândalo desaparecer, assim, eu poderia recomeçar minha vida, até porque San Rafael não era nada comparada a outras cidades, porém eu amava este lugar.

Gostava de andar pela rua e ser conhecido, ser prefeito não era algo muito importante para mim. Mas, eu gostava de estar na frente, ter meus amigos ao redor e viver uma vida tranquila. Só que agora, eu me encontrava em um beco sem saída.

— Está tudo bem? — a doce voz da menina, me pegou de surpresa, se aproximando.

— Oh querida, o senhor Michael, pretende vender nossa propriedade.
— Seu papai estava aos prantos e ela pareceu bem abalada.

— Não, você não pode fazer isso.

— Não sou eu que estou fazendo, estou somente reportando a notícia da minha família. Eles querem os pedaços de terra para construir um hotel, a cidade está em crescimento e ainda não temos um hotel.

— Mas foi nesta casa que tenho as melhores lembranças! Mamãe está em todo os lugares, não queremos deixá-la. Se sairmos daqui, perderemos um pouco mais da mamãe.

— Eu queria fazer algo por vocês, mas infelizmente não posso. Tenho que cumprir o que o meu pai quer, vocês têm três meses para saírem e lhe daremos outra casa. Se insistir em ficar, o contrato acabará em seis meses, então serão expulsos, a casa demolida e vocês não ganharão casa alguma.

Levantei-me, e saí da casa me despedindo.

(...)

Mazi

Papai estava chorando, Michael foi embora e eu estava sem chão. Não sabia o que fazer, estava completamente perdida.

Eu tinha problemas com Tor, o prefeito queria minha casa e meu pai estava bebendo mais. Tinha que sair desta confusão, mas nada estava dando certo.

(...)

Já passava das dez da noite, quando meu pai entrou no meu quarto completamente bêbado. Eu sabia o que aconteceria, já estava preparada, pois toda noite era a mesma coisa.

— Sua grande puta. — Ele se aproximou e me agarrou pelos cabelos.

— Papai.

— Tudo sua culpa, se tivesse pagado o aluguel, não teríamos que sair da casa que sua mãe morou. A única lembrança de minha Eliza, e agora você vai resolver isso.

— Papai, você não ouviu o que ele disse? Precisamos sair antes, assim vamos ganhar outra casa.

— Não. — Puxando-me pelo cabelo, me arrastou da cama e me jogou no chão. — Você vai amanhã convencer o prefeito a desistir desta ideia.

— Papai, não tem como.

— Tem sim, fale com ele, transe com ele. — Ele agarrou meu rosto, apertando o meu queixo e me fazendo olhar em seus olhos. — Você vai dar um jeito! Pois não posso sair da casa, não vou deixar a casa em que vivi com a Eliza.

Senti a bile subir, o cheiro de álcool em seu hálito, embrulhava meu estômago. Papai saiu do meu quarto, eu sabia que precisava fazer alguma coisa, mas não queria ser obrigada a fazer Michael se apaixonar por mim, todos na cidade sabiam que ele era apaixonado por Maya, sua antiga namorada. Eu não podia competir com aquela mulher, apesar de ser casada e mãe, Michael ainda era apaixonada por ela, deve ser porque era linda. Com cabelos e sorrisos brilhantes.

Voltei para minha cama, sem saber como agir, papai estava muito estressado, isso me afetaria muito.

Na manhã seguinte, sai de casa antes de amanhecer, para trabalhar na floricultura que eu adorava. Ao chegar, me deparei com um homem de capuz, imaginei que fosse Michael, mas mantive minha cabeça baixa e subi os degraus.

— Oi. — Sua voz me causou arrepios, ele era o primeiro homem depois de Tor, com que eu terminava e voltava diversas vezes, que me afetava.

Continuei a ignorá-lo, peguei a chave no meu bolso e abri a porta.

— Você vai voltar a me ignorar? Sabe, eu pensei que fosse muda, mas você falou em sua casa e te digo, fiquei surpreso.

— Surpreso?

— Sim, achei sua voz doce. — Isso era demais para mim, eu não podia deixá-lo mexer comigo. Passei a noite pensando no que meu pai disse, eu

podia me olhar no espelho e ver que eu não era feia, mas não sabia se tinha o suficiente para fazer um homem mudar de ideia!

Michael não podia destruir a minha casa, tinha que fazer alguma coisa.

— O que você quer, Michael? — Minha pergunta saiu baixa, mas ele ouviu perfeitamente, já que se aproximou e respondeu:

— Eu não sei.

— Acho que você gosta de brincar com as pessoas, me conheceu ontem de manhã e à tarde estava na minha casa, dizendo que eu tinha que deixá-la. — Virei-me para encará-lo, eu tentei não me perder nos seus olhos castanhos com manchas verdes.

— Eu juro, pura coincidência. Eu nem sabia que você existia, até vê-la ontem, então perguntei a sua chefe. E fiquei surpreso ao saber que Demétrio era seu pai.

— Bom, isso não ameniza as coisas, você ainda quer destruir a minha casa. A casa onde tenho as poucas lembranças de minha mãe, então não venha tentando ser meu amigo, me perseguir no trabalho e dizer que tenho uma voz doce. — Após falar tudo isso, entro na floricultura e fecho a porta de vidro.

Não olho para trás, quando vou para o fundo da loja, começar meu trabalho.

Depois de uma hora, do nosso encontro, ouço um barulho do lado de fora, ao me aproximar da porta, reparo em um papel grudado no vidro.

Mesmo horário amanhã, docinho? - MF

"O segredo está em não desistir, mesmo que nada pareça dar certo."

- Desconhecido

Eu não sabia como reagir àquele homem, me dando apelido, me perseguindo, eu precisava me afastar dele.

(...)

No final do meu expediente, dei tchau para minha chefe e o entregador e sai da loja. Na calçada, avistei Tor, estava encostado em seu carro.

— Vamos, Boneca? — Eu não queria, mas precisava terminar com Tor. Aproximei-me dele, pronta para terminar tudo.

— Tor, eu necessito que saiba que nós terminamos, não vou deixar você me comprar com dinheiro.

— Não é sobre o dinheiro, sabe que eu te amo.

— Tor, nós não nos amamos, foi tudo luxúria. — Ele se aproximou, agarrou meu braço e me puxou contra seu corpo. Assim que bati meu peito no seu, respirei fundo e tentei me afastar.

— Você acha que vai se livrar de mim? Não, não mesmo. Cansei desta brincadeira, vamos para sua casa, você vai pegar suas coisas e vai se mudar para minha casa.

— Não. — Fui dura em minha resposta, mas não era o suficiente:

— Isso não é uma opção. — Ele me puxou até o seu carro e após abrir a porta, me jogou dentro.

Tentei abrir a porta, mas ela não abria. Bati no vidro, tentando chamar a atenção de alguém.

— Tor, você está maluco. — Após entrar no carro, gritou:

— Chega. — diante do seu grito, me encolho no banco. Tor foi inúmeras vezes agressivo comigo, mas eu relevava, só que nunca me obrigou a morar com ele.

Durante todo o trajeto, fiquei encolhida, esperando chegar à sua casa.

— Você vai ver, vamos ser felizes.

— Tor, isso não está certo.

— Claro que é, estamos juntos há anos. — Ele pega em minha mão e aperta. — Eu te amo, e você também me ama, está na hora de morarmos juntos, não deixarei que trabalhe, podemos começar nossa vida.

Quando ele estaciona em frente à sua casa, tento respirar fundo.

— Tor, por favor.

— Querida, relaxe. — Saímos do carro e entramos em sua casa, era tão familiar e só de pensar que já desejei morar nesta casa e criar crianças com

Tor, me embrulha o estômago. — Chegamos a casa, quero lhe mostrar uma coisa.

Puxando-me pelo braço, me levando até a sala, me deparei com uma enorme televisão, eu queria chorar, a única televisão que tenho é aquelas de tubo e Tor sabia que era um dos meus sonhos, ter uma grande televisão.

— Vamos nos dar uma chance, eu te amo e quero que as coisas aconteçam da maneira certa.

— Oh Tor, eu não posso sair da minha casa, deixar meu pai:

— Eu sei, por isso nós vamos trazer seu pai. — Ele não me deixou responder, me beijou com força.

Empurrou-me contra o sofá, Tor ficou entre minhas pernas, acariciando meu corpo e nunca deixando de me beijar.

— Tor.

— Eu quero você — sussurrou em meu ouvido.

— Vamos para o quarto. — Ele começou a dar risada, enquanto pegava meu corpo e me levava para o quarto, me colocou na cama com delicadeza.

— Amor, vou pegar a camisinha. — Se afastou da cama e foi para o sofá, eu não sabia ao certo o que estava fazendo. Teve um tempo em que pensei amá-lo, mas agora esse não era o caso. Rolava a luxúria, toda vez que Tor me tocava era como se existisse uma nova Mazi. Tor tinha sido o primeiro homem com quem transei, me lembro que nossa primeira vez foi horrível, no banco do seu carro. Era nosso terceiro encontro, eu tinha bebido além da conta e me joguei para cima dele, que não sabia da minha virgindade. Ele foi bom comigo, pois na segunda vez, foi carinhoso e amoroso. Então, era esse antigo Tor que eu amava ou amei, não este, louco de ciúmes.

Levantei-me da cama e o segui para o banheiro, assim que entrei no banheiro, achei Tor, cheirando uma carreira de cocaína.

— Eu não acredito, Tor. — Ele se sobressaltou, sabia o quanto decepcionada estaria, mamãe teve uma overdose e morreu, no meu aniversário de oito anos e quando nos conhecemos deixei bem claro que não me envolveria com alguém que usasse droga, pois não sofreria novamente.

— Mazi, deixa eu explicar. — Largou o pino em cima da pia e se aproximou.

— Não, você sabia como me sinto em relação às drogas. Você me fodeu, quando me trouxe aqui, mas eu relevei. Quando me bateu, por um ciúme bobo, eu também relevei. Transou com outra mulher e eu te perdoei. Mas usar drogas, sabendo o quão isso poderia me afetar, é horrível e eu nunca vou te perdoar.

— Mazi, por favor. Eu vou mudar.

— Não, você não vai. — Então, dei as costas e corri para longe dele. Pude ouvir ele me chamando, tudo que consegui foi correr. Já tinha escurecido, mas não desisti.

Após correr alguns metros, paro para respirar. Ele não está por perto, então sento na calçada e coloco minha cabeça entre os joelhos.

Eu estava tão triste com ele, como ele pôde fazer isso, aquele grande filho da puta.

Ouvi um latido de um cachorro, levantei minha cabeça e procurei o animal, mas não achei, então senti um focinho me cheirando, ao me virar vi um grande labrador, latiu no meu rosto, senti seu hálito ruim e sua baba espirrou em meu rosto.

— Depois diz que eu estou te seguindo. — Eu conhecia aquela voz, me virei para me deparar com Michael, estava vestindo somente um short de basquete, seu corpo mesomorfo não tinha nenhuma tatuagem o que me deixou surpresa que me sentisse atraída, sempre tinha preferência para os ectomorfos, com tatuagens, como Tor, mas porra, Michael era um belo homem.

Capitulo

Eu não sabia onde esconder minha cara, eu estava passando tempo demais observando seu belo corpo, o cachorro se afastou e se sentou ao seu lado.

— Eu não estava seguindo ninguém, só correndo um pouco.

— Descalça? — seu olhar abaixou para meus pés, então percebi que estava descalça e que meus pés estavam machucados.

— Não quero falar sobre isso. — Levantei-me para me afastar, então ouvi o barulho de um carro, sabia que era Tor. — Preciso ir.

Afastei-me dele, mas o mesmo não deixou, agarrou meu braço com força e me manteve no lugar. Isso deu tempo de Tor largar o carro no meio da rua e descer.

— Onde você pensa que vai, Mazi? — Michael me solta, volto minha atenção a Tor.

— Tor me esquece, acabamos por aqui.

— Por favor, não faça isso. — Respirei fundo, não querendo arranjar briga na frente de Michael, me afasto dele e tento apaziguar as coisas.

— Eu prometo que vou parar com as drogas. — Tor me puxa pelo braço, me levando contra minha vontade para o carro.

— Cara, acho que ela não quer ir.

— Não se mete, ela é minha namorada.

— Ex namorada, pois nós terminamos. — Puxei o meu braço e me afastei. — Eu não vou voltar com você, nunca mais. Você destruiu a minha confiança, vai embora e não volte nunca mais.

— Mazi, por favor, não faça isso. — Voltou a me segurar pelo braço, já estava ficando dolorida, estava a ponto de socar seu rosto, quando Michael o pega pela blusa e sai o arrastando para longe de mim.

— Você não sabe o que significa um "não" de uma garota? — Michael abriu a porta do motorista e o jogou dentro. — Não me faça bater nessa sua

cara de idiota, fora da minha rua.

— Isso não vai ficar assim, ela vai voltar, sempre volta. — Tor a contragosto, liga o carro e sai em disparada pela rua, quase atropelando Michael.

— Obrigada por isso, mas eu logo resolveria;

— Só um obrigado, basta para mim. — Acenei com a cabeça e me afastei, mas ele não deixou, veio atrás de mim.

— Não pode voltar andando.

— Posso sim. — Quanto mais apertava o passo, mas perto ele ficava.

— Posso te levar em casa?

— Não, estou bem.

— E chamar um táxi?

— Também não quero, não tenho dinheiro para isso. — Parei brutalmente, Michael que estava no meu encalço, quase caiu em cima de mim. — Obrigada pela ajuda, mas já pode ir embora, sei me virar.

— Não vou deixar você se afastar e ir embora sozinha a noite. — Você sempre faz isso? — cruzei os braços e o encarei.

— Fazer o quê? — questionou.

— Bancar o cavalheiro, tentar salvar as damas.

— É, pode se dizer que sim. — Ele se aproximou com passos curtos, pegou uma mecha rebelde e colocou atrás da minha orelha. — Eu gosto de ajudar, eu não quero ver você ferida.

— Então você não deve destruir a minha casa.

— Eu não quero, mas sei que tem que ser feito, isso está além de mim. — Estava desconfortável com sua presença, meu estômago estava dando voltas, com medo que ele fosse me beijar. Isso era muito errado, mas eu queria.

— Eu vou indo, não se preocupe comigo, vou pegar um ônibus e chegar a casa em segurança.

— Isso não vai acontecer. — Em um movimento rápido, ele me pega no colo e sai correndo comigo, seu cachorro corre atrás de nós, latindo.

— Michael, me coloque no chão agora. — Mas ele não parou, me levou para a sua casa, que era na frente da qual eu havia me sentado.

— Não mesmo, está machucado, vou cuidar de você. — Entramos em sua casa e fiquei surpreendida pelo luxo. Ele me colocou no chão, senti o chão macio de madeira, com o espaço amplo, a casa de cores claras, me deixou sem fôlego.

Tinha uma longa escada, com o corrimão de madeira, no lado esquerdo uma sala, com a maior televisão que eu já vi e do outro lado uma porta, imaginei que poderia ser o seu escritório.

— Sente-se aqui. — Apontou para seu sofá, eu não podia me sentar naquele lindo sofá de veludo branco, estava suja, depois de correr e sentar no chão, não queria sujá-lo. — Vou buscar a maleta de primeiros socorros, para limpar seu pé.

Ele saiu correndo pela casa, me aproximei da sala. A ponta dos meus dedos passeou pelos seus móveis, era a primeira vez que estava vendo algo tão chique e bonito. O sonho de toda garota, uma casa como aquela, um marido como Michael, me pergunto porque nenhum dos seus relacionamentos anteriores não deu certo.

Pego o controle da televisão, analisando o aparelho com poucos botões. Ao passar a ponta do dedo no botão, acabo ligando a televisão.

— Ligando SmartTV. — Ao ouvir a voz computadorizada, levei um susto, deixando o controle cair no chão.

— Merda. — Abaixo-me para recolher o controle, quando ouço uma risada.

— Levou um susto? — levanto-me, para lhe responder.

— Sim, não é todo dia que ouço uma televisão “avisar” o que está fazendo. — Ele começou a gargalhar.

— Relaxa, é só uma televisão. Desligar SmartTV.

— Desligando SmartTV. — Novamente levei um susto, se tinha ficado

impressionada com a televisão de Tor, imagina a de Michael, que “fala”.

— Venha se sentar, quero ver seus pés.

— Realmente não é necessário. — Abaixo meus olhos, envergonhada. Eu poderia ao menos ter pintando a unha do pé, imagino que o esmalte vermelho que passei da última vez estaria descascado. Ao olhar meus dedos, confirmo minha suspeita.

— É sim, venha se sentar. — Ele me puxou até um sofá, mas evito sentar. — Senta-se.

— Não quero sujar seu sofá.

— Ah meu Deus, relaxa mulher, não vai sujar nada, você não está suja. — Ele me empurra para trás, caio sentada no sofá mais confortável em que já estive. — Acho que nunca conheci alguém como você.

— Alguém como eu? — Questiono.

— Sim, alguém tão inocente das coisas. — Michael se ajoelha na minha frente puxa minha perna e coloca sobre seu joelho. Tentei não reparar na sua mão lisa tocando minha pele nua, seus dedos eram delicados enquanto limpava as feridas. — Você estava correndo de seu namorado?

— Ex-namorado, mas sim, estava.

— Posso perguntar o motivo?

— Realmente? — arqueei a sobrancelha, questionando, mas ele confirma com a cabeça. — Sim, nós somos uma loucura de emoção, ele diz que me ama, mas não é verdade. Acho que temos só luxúria, ou pelo menos tínhamos. — Lembro da cena dele cheirando a cocaína, isso me deixa tensa, fazendo meu pé mexer, quando ele pressiona a gaze na ferida.

— Vejo que falar nele te deixa tensa.

— Sim, por isso mude de assunto, não quero falar sobre isso.

— Só mais uma pergunta. — Acenei deixando que fizesse a tal pergunta. — Foi uma separação definitiva?

— Por que está perguntando? Por acaso está, interessado em me chamar para sair?

— Pode ser que sim, eu adoraria ter um encontro com você. — Eu podia cortá-lo agora, me afastar e não correr o risco de me apaixonar pelo prefeito rico, mas também poderia seguir com o plano de meu pai, fazê-lo mudar de ideia e ter alguns momentos de diversão. Felizmente, eu queria correr o risco.

Tirei meu pé do seu joelho e me aproximei, me inclinando para frente, ficando a pouco centímetros do seu rosto.

— Podemos tentar.

— Ótimo. — Ele agarrou meu pescoço e aproximou sua boca da minha, eu nunca tinha sido beijada assim. Separei meus lábios para que nosso beijo se aprofundasse, ele tinha um jeito feroz e dominante de beijar, era perfeito, como ele podia arrancar gemidos com um único beijo.

Quando ele se afastou, não consegui evitar o meu suspiro. Não queria que Michael se afastasse e quebrasse nosso beijo.

— Michael, por favor, não faça isso.

— Isso o quê?

— Não me confunda. — Ele deu um leve sorriso, mostrando seus preciosos dentes brancos.

— Não quero fazer nada que a deixe desconfortável, não foi minha intenção. — Ele se levantou, ao se afastar, pego sua mão, o parando.

— Obrigada. — Acenou com a cabeça, então saiu da sala, ao voltar, me entregou um par de chinelos. Seus chinelos eram muito grandes para os meus pés, mas era confortável.

— Posso te levar para casa agora, se você quiser é claro.

— Eu vou aceitar sua ajuda, mas só desta vez. — Michael me estendeu a mão para me ajudar a levantar, aceitei de boa-fé. Era desconfortável andar, os machucados ardiam.

Quando chegamos na porta, a campainha tocou, deixando Michael surpreso.

— Parece que você tem visita.

— Visita? Você se engana, não há ninguém nesta cidade que esteja falando comigo. — Parecia chateado, Michael era um bom prefeito e duvidava que realmente fosse verdade.

— Eu estou falando.

— É, parece que sim. — Ele coçou a parte de trás da cabeça, incerto.

— Não sei se vai valer alguma coisa, mas eu não acredito no que os jornais publicaram. — Surpreso com a minha declaração, Michael abriu um grande sorriso.

— Vale muito. — Tocaram a campainha novamente, ele se apressou para abrir, fiquei surpreendida ao avistar um grande homem moreno e um menino.

— Luke?

— Oi tio Mike, senti saudades. — O menino agarrou as pernas de Michael, me senti desconfortável, não querendo atrapalhar.

— Liam, como você cresceu. — Ele não hesitou em pegar o menino no colo, que já passava dos oito anos de idade.

— Tio, mamãe não me deixou te ligar.

— Maya está muito triste, com o que publicaram nos jornais.

— Eu não fiz nada, nunca prejudicaria a escola, sabendo o quanto isso é importante para a Maya. — Os jornais tinham anunciado, que ele tinha desviado a verba da educação, divulgaram alguns documentos comprovando isso, mas eu não acreditei que fosse verdade. Em todo os anos, como prefeito, ele só tinha nos ajudado.

— Michael, não precisa me levar, fique com eles. — Passei por ele, saindo da sua casa.

— Não, vou te levar.

— Não precisa ir embora. — Luke pegou seu filho. — Estávamos só de passagem, Maya nos proibiu de vir aqui, está muito chateada.

— Eu sei, mas pelo menos recebeu as flores que mandei?

— Ela jogou tudo fora, tio.

— Pois é, mas como ela estava grávida, coloca a culpa de tudo nos hormônios. — Michael, arregalou os olhos, com a notícia que Maya estava grávida, Luke, seu marido, tinha um grande sorriso.

— Grávida? Nossa, parece que foi ontem que descobrimos que ela estava esperando Liam. — Luke não ficou confortável com suas palavras, a cidade inteira sabia que os três tinham um triângulo, apesar de Maya sempre ser apaixonada por Luke, que quando foi preso, foi substituído por Michael.

Fiquei receosa que Michael poderia ainda amar Maya, sua namorada de infância e quem ele ficou apaixonado quase toda sua vida. Liam era como um filho para ele, e agora ela tinha recomeçado sua vida, ao lado do seu marido e seus filhos.

— Bom, descobrimos recentemente, logo saberemos qual o sexo.

— Quero uma menina, tio. Assim, mamãe vai ter alguém para brincar, já que eu tenho o papai.

Antes que Michael fosse responder, o celular de Luke tocou.

— Conversamos depois, Maya está me ligando, provavelmente, porque ainda não voltamos. — Eles se despediram, eu quase invisível, nem falei comigo, mas já era de se esperar.

— Vamos, vou te levar. — Michael se dirigiu a mim, após Luke e seu filho saírem. O segui até o seu carro, não precisei falar o endereço, pois ele já sabia. Quando paramos na frente da minha casa, o clima ficou tenso. Tirei o cinto, mas antes de sair, ele agarrou minha mão. — Vocês já decidiram sobre a casa?

— Não.

— Talvez, eu pudesse te levar para jantar. Claro, para falar da casa e sanar todas suas dúvidas.

Você vai amanhã convencer o prefeito a desistir desta ideia.

Você vai dar um jeito! Pois não posso sair da casa, não vou deixar a casa em que vivi com a Eliza.

As palavras de papai, passaram na minha cabeça, queria tanto ficar na minha casa, mas não queria fazê-lo mudar de ideia, com base no sexo.

— Um jantar, mas é só um jantar. — Cedi.

— Você tem minha palavra de honra, apenas um jantar. — Ele me soltou, então em um rápido movimento, beijou minha bochecha. — Tenha um boa noite, docinho.

— Você também. — Saí do carro e fui em direção a minha casa, que estava vazia. Papai devia estar em algum bar, entrei no meu quarto e me certifiquei que a porta estivesse trancada, me joguei na cama e dei um suspiro.

Maldito prefeito, se infiltrando sob minha pele.

Capitulo

MICHAEL

O sol não tinha nascido quando sai de casa para correr, eu também queria vê-la chegar a floricultura e combinar nosso jantar.

Eu estava mais do que interessado nela, levando em conta todos os meus relacionamentos que acabaram subitamente. Acho que grande parte da culpa era minha, eu nunca consegui me entregar completamente.

Só que Mazi seria diferente, eu esperava que sim.

Quando cheguei na floricultura, a porta estava fechada e o interior estava escuro. Sentei-me na beira da calçada e esperei. Como estava perto do horário de abrir, não demorou muito para que uma mulher se aproximasse. Andava com a cabeça baixa e o capuz do moletom.

Levantei-me apressadamente, ela não pareceu surpresa em me ver.

— Bom dia, docinho. — Ela fez uma careta, quando disse o seu novo apelido. Docinho combinava com ela, já que sua voz era doce e parecia uma canção para meus ouvidos.

— Você me chamar de "docinho" me faz lembrar da The PowerPuff Girls.

— Eu não sei o que é The PowerPuff Girls. — Não fazia ideia da sua referência.

— Ah, desculpe, isso não é da sua época. — Ela tirou o capuz, para que pudesse ver seus olhos. — Eu tenho vinte e um anos, e você provavelmente já passou dos trinta anos.

— Nossa, pareço tão velho assim? — finjo me sentir ofendido, ela estava certa, eu recém completei trinta e três anos.

— Não, mas tem alguns cabelos brancos na têmpora. — Levei minha mão até a têmpora e sorri.

— Vou me lembrar de pintar, assim acharão que sou um garoto de vinte e cinco anos.

— Não, eu acho charmoso. — Ela se aproximou de mim, o que me

deixou surpreso, já que sempre se manteve longe e evitava contato corporal.
— Não me importo que tenha trinta anos.

— Tenho trinta e três. — Interrompo-a.

— Isso, continuo a não me importar, mas eu tenho vinte e um, são...

— Doze anos de diferença, que não muda em nada. — Ela deu um doce sorriso e se afastou.

— Ótimo, vai me levar para jantar?

— Claro, pode ser hoje, às dezenove horas?

— Sim, na minha casa. — Ela não disse mais nada, apenas se afastou e entrou na loja. Eu ia dizer mais alguma coisa, só que a porta bateu na minha cara.

Merda, Mazi sempre me afastava, e isso faz com que eu sempre insista, mas no final, eu sabia que ela valia a pena.

Voltei a correr, após duas voltas no parque, me sentei no banco para recuperar o fôlego. Meu celular tocou em meu bolso, o tirei e atendi.

— Michael.

— Michael, sou eu, seu pai. — Respirei fundo, antes de responder. Meu pai era muito chato e estava sempre na minha cola.

— Oi pai.

— Meu filho, quero saber se já falou com os moradores da casa? Preciso daquele terreno o quanto antes, assim poderemos iniciar as demolições e fazer um belo hotel. — Eu não queria tirar Mazi da sua casa, como ela disse, foi onde sua mãe a criou, ela e seu pai tinham muitas lembranças naquela casa e seria difícil convencê-los a saírem.

— Sobre isso, eu conversei sim, mas acho melhor procurar outro local.

— Não, quero aquele terreno, a casa deles é meu único empecilho. Temos um contrato de locação com eles, mas seis meses é muito tempo. Quero esse terreno para ontem, você vai convencê-los a sair.

— Eu estou tentando, mas querem permanecer...

— Seria muito fácil para você, se deixasse até o contrato acabar para

saírem, seria muito fácil. Você tem quinze dias, depois disso eu vou aí pessoalmente para fechar o negócio. — A linha ficou muda, pensei que ele tivesse desligado. Então quando fui encerrar a chamada, ouvi: — Não me decepcione mais uma vez, espero que possa resolver esse pequeno problema.

— Tudo bem, eu vou fazer.

— Ótimo, vou passar o telefone para sua mãe, está eufórica querendo falar com você. — A linha voltou a ficar muda, então ouvi a voz da minha mãe.

— Querido, está na linha ainda? É a mamãe.

— Oi mãe, estou na linha, esperando para falar com você.

— Seu pai disse que vamos para San Rafael daqui quinze dias, estou animada em te ver e com saudades daquele menininho, o Liam. Inclusive, ele está bem? — mamãe era faladeira, poderíamos passar o dia inteiro conversando.

— Estão bem, Maya está grávida. — Mamãe deu um longo grito, tive que afastar o celular do ouvido. — Mãe, deixe de gritar.

— Desculpe, foi a emoção, se você tivesse casado com ela, agora eu teria netos. Você já tem trinta e três anos, não é casado e nem tem filhos... Pensei que fosse casar com Emma, agora está solteiro novamente.

— Mãe, eu não me casei com Maya, pois ela ama outro.

— Vocês poderiam ficar juntos, não precisava ter tirado aquele assassino da cadeia.

— Mãe, deixe esse assunto. Eu creio que pedir ajuda ao papai para livrar Luke, foi o melhor. Mesmo que ele cumprisse a sua pena, Maya nunca ficaria comigo, pois o ama. E eu a amei o suficiente para fazer o que fosse preciso para sua felicidade e a de Liam.

— Ah querido, por mais que fique triste que ainda não tenha achado a mulher certa, mesmo com muitas tentativas, eu acredito que ainda vá achar a mulher que me dará netos.

— Sou novo ainda, posso ter filhos daqui alguns anos...

— Sim, mas estou velha, logo posso

morrer... — mamãe começou a dramatizar, fingir estar chorando. Eu já estava acostumado, então só ignorei. — Ainda espero o dia, que poderei adular seus filhos...

— Mãe, não estou namorando. Não voltarei com Maya ou qualquer outra ex. Então, vai demorar para adular seus netos... — mamãe volta a ficar séria, eu a amava, mas era difícil de aguentar. Ainda bem que ela se encontrava em outro estado.

— Tudo bem, mas não se esqueça da minha idade e que logo partirei...

— Não vou esquecer que você vem me visitar em quinze dias. Beijos mamãe, preciso voltar para minha casa.

— Sim, pode ir. A mamãe te ama, me ligue mais vezes. — Desliguei o celular e voltei correndo para casa. Toda essa conversa sobre Maya e filhos me deixou com dor de cabeça e uma pontada no coração, eu odiava que ainda tinha sentimentos por Maya.

Fechar os olhos e vê-la sorrir, enquanto brincava com Liam.

Nos sete anos que Luke ficou preso, fui mais que um amigo. Estava com ela em todos os momentos, criei Liam como se fosse meu filho e Maya continuou a sonhar e almejar seu marido todos os dias.

Eu não a culpava, e nem esperei algo a mais.

(...)

Mazi

Sai da floricultura a tarde, o dia estava quente, o que fez quase impossível usar minha blusa de moletom. Andei pela cidade com a cabeça baixa, aflita com as pessoas me observando.

Eu estava ansiosa para nosso jantar, tinha medo do que poderia acontecer. Michael era muito diferente de mim, era rico, vinha de uma boa família.

Já eu, era pobre, ficava impressionada com pequenas coisas, minha família era conturbada e meu pai estava me forçando a sair com Michael.

Eu não diria força, já que eu queria, mais do que poderia imaginar. De repente me encontrei ansiosa para encontrá-lo. Andei o mais rápido possível,

quando cheguei a casa, toda minha felicidade se esvaiu.

Meu pai estava em casa.

Assim que entrei pela porta, o encontrei sentado no velho sofá.

— Papai. — Aproximei-me com calma, coloquei minha mochila no chão.

— Querida, finalmente você chegou. — Dei um suspiro aliviada, meu pai estava sóbrio, então ele se tornava uma pessoa diferente e um pai amável.

— Sempre chego a está hora, acabei de sair da floricultura. — Ele bateu o pé contra o piso, seu sapato velho e gasto fez o piso de madeira ranger.

— Sim, não sei o porquê não lembrei disso, minha memória anda horrível. — Ele tentou se levantar e perdeu o equilíbrio, corri para segurá-lo e o ajudei a sentar de novo.

— Fique sentado, vou pegar um copo de água. — Fui até a cozinha, não tinha nenhum copo limpo no armário, todos estavam sujos na pia. Peguei um copo para lavar, mas não tinha água na torneira. — Não tem água.

— Por quê? — papai nunca se lembrava do que acontecia quando estava sobre efeito alcoólico.

— Não temos dinheiro para pagar a conta. — Afastei-me da pia e voltei para a sala.

— Isso é tudo minha culpa. — Ele começou a chorar, com as mãos no rosto, se escondeu de vergonha. — Eu sou um merda, como você pode me aguentar ainda?

Aproximei-me dele e o abracei.

— Está tudo bem, vamos dar um jeito.

— Tudo o que me resta é essa casa, as lembranças de sua mãe estão em cada parede, nesses móveis velhos que eu comprei com muito esforço. — Ele deixou de chorar e começou a acariciar o tecido do sofá. — Acho que você foi feita neste sofá.

— Ah, pai, isso é algo que não quero saber. — Com os olhos

marejados, ele abriu um largo sorriso.

— Quando sua mãe estava grávida, foi a melhor época de nossas vidas. Eu tinha um bom emprego, sua mãe estava limpa e tínhamos um lindo bebê a caminho. — Ele segurou minha mãe e beijou o dorso. — Era tudo perfeito, posso fechar os olhos e ouvir a voz da sua mãe cantando para você.

— Pai, não fique triste, sei que ela está conosco. — Mesmo que minha mãe fosse uma drogada, ela sempre foi amável e uma boa mãe para mim, pelo menos em minhas lembranças mais vagas.

Lembrava que seu cabelo era escuro, como o meu. Tinha grandes olhos amendoados e um lindo sorriso.

Ela era o grande significado de beleza. Sem falar na bela voz.

Essas eram as poucas lembranças que eu tinha: papai estava sempre me falando das suas antigas histórias. Quando eram adolescentes e bobos.

— Sim, sinto que ela está conosco, também. — Deixei meu pai na sala e segui para o quarto, eu não tinha água para tomar banho e eu precisava tomar banho. Não era a primeira vez que isso acontecia, como eu já estava acostumada, peguei uma muda de roupa, toalha e meus produtos de higiene pessoal.

Gigi era uma senhora que não morava muito longe e sempre me deixava tomar banho lá, quando era necessário. Quando cheguei na sua casa, toquei a campainha. Demorou um pouco, mas ela abriu a porta.

— Oi minha menina. — Aproximei-me dela e beijei sua bochecha.

— Oi Gigi, precisava usar seu chuveiro. — Gigi já era bem velha, sua idade não permitia que andasse sem sua velha bengala e bem devagar.

— Aquele bêbado do seu pai, não pagou a conta de água. — Ela também era ranzinza e detestava meu pai.

— Sim, mas por enquanto, temos luz. — Ela me deixou passar, fechou a porta com calma e se virou para mim.

— Demétrio é um saco de estorvo, eu avisei para sua mãe. Ela tinha sua idade quando engravidou de você, não foi por falta de instrução, já que sempre falei para ela se cuidar. — Parecia cansada, por isso logo se sentou,

seu gato, chamado Gato, pulou no seu colo. Gigi era ótima para dar nomes, já que além do Gato, ela tinha peixe chamado Peixe.

— Se ela tivesse se prevenindo, eu não estaria aqui. — Tentei ver o lado bom, mas ela continuou fazendo careta.

— Não estaria aqui sofrendo nas mãos daquele homem, Deus tenha piedade da alma dele, logo ele estará ao lado do Senhor, se não existir Juízo Final. — apesar de seus comentários, eu gostava de Gigi, já que era sincera e sempre me ajudou.

— Sim, mas continua a ser meu pai e eu vou cuidar dele, até que esteja ao lado do Senhor. — Parei na sua frente, para encará-la. — Bom, ele tem seus defeitos, como todos...

— Tem muitos... — interrompe.

— Sim, mesmo assim.

— Vai tomar banho minha filha, estarei esperando você para tomar um chá comigo. — Afastei-me dela e fui para seu banheiro. Tomei um banho rápido e fui tomar chá com a Gigi, enquanto ela reclamava de seu vizinho. Perto do horário que combinei com Michael, me despedi dela e voltei para minha casa.

Papai não estava a vista, me arrumei rapidamente e como eu não tinha nenhuma roupa nova, coloquei meu velho jeans, meu All Star e uma blusa. Eu me olhei no espelho e não me senti atraente, eu parecia uma adolescente e não duvidava que fosse me comparar com sua filha.

Eu imaginava que ele chegaria usando terno Armani, enquanto eu usava uma calça jeans que era mais velha que eu.

Estava torcendo para que ele não me levasse a um restaurante chique, pois eu o faria passar vergonha. A verdade era que eu não tinha dinheiro para comprar roupas, meu All Star estava tão usado que parecia estar andando descalça.

Quando estava com Tor, ele me dava roupas, mas logo que terminamos, ele ficou com raiva e as pegou de volta. Mesmo sendo um homem difícil, Tor me ajudava bastante, eu não gostaria de admitir, mas o nosso relacionamento parecia mais um emprego, já que sempre me dava

dinheiro e eu tinha que aceitar. Caso contrário, eu passaria fome, não tendo água e nem luz.

Papai gasta todo nosso dinheiro com bebida.

Saí de casa perto das dezenove horas, para minha surpresa tinha um SUV parada, me aproximei do carro.

Michael abriu a porta e veio até mim.

— Pronta? — eu o admirei, cabelo arrumado, perfume forte e caro e um maldito terno, tinha certeza que ele me levaria em um lugar caro e eu ficaria desconfortável.

— Sim. — Forcei-me dizer.

Capitulo

Michael

Eu estava ansioso.

Há algum tempo desde que levei uma mulher para jantar, mas Mazi era diferente. Era mais nova e me deixava inseguro, nunca me envolvi com mulher com menos de vinte e cinco anos e agora ela deveria ter uns vinte anos.

Quando ela saiu da sua casa, usando uma velha calça jeans, um par de All Star, me senti muito engomadinho. Diferente dela, eu estava vestido de forma social, com meu habitual terno marrom. Mesmo que não tivesse uma gravata, o blazer deixava ainda mais social.

Mesmo com as roupas surradas, eu só consegui enxergar seu lindo rosto. O cabelo preto, olhos claros e as covinhas que se formam em suas bochechas, ao sorrir.

Ela era linda e quanto mais eu a admirava, mais qualidade eu achava. Mazi era tímida, então quando a encarrei, ficou ruborizada e cabisbaixa. Ela estava próxima, eu mantinha a porta aberta para ela entrar no carro.

Quando passou por mim e se sentou no banco, fechei a porta e fui para o outro lado. Dei partida no carro, mas antes de dirigir me virei para ela e disse:

— Você está linda.

— Desculpe... — ela afastou o olhar.

— Por que se desculpa? Quero que fique feliz quando lhe digo que é bela.

— *Me desculpo, pois vou fazê-lo passar vergonha.* — Eu não me aguentei, comecei a gargalhar. Como que uma menina como ela poderia me fazer passar vergonha. Mazi era linda, ficariam com inveja de mim, isso sim. — Quer saber, não vou mais para lugar nenhum, ainda mais se você irá me caçoar.

Ela saiu do carro e bateu a porta com força, desliguei o carro e sai do carro.

— Dá para parar de correr, sempre, de mim. — Segui-a até a varanda da sua casa.

— Fácil para você falar.

— E é fácil para você correr, sempre que não quer encarar algo. — Ela estava parada no meio da varanda, o vento balançava seu cabelo, pude sentir o perfume do seu sabonete de lavanda, eu adorava este cheiro.

— Você não me entenderia, sair com você, provavelmente ir a algum lugar chique e diferente para mim.

— Sinto muito, eu realmente não te entenderia, pois tive uma criação diferente. Nunca imaginei que vestir um terno a deixaria tão afetada. — Subo os degraus e paro de frente para ela. — Eu não me importo se você está usando uma roupa cara de uma boutique famosa ou é do Walmart. Quero jantar com você e não com sua roupa ou com qualquer pessoa que deseje opinar sobre vestimentas apropriadas.

— Não estou indo a um restaurante chique com você. Pessoas da sua classe social esnoba pessoas da minha classe social.

Essa conversa não levaria a lugar nenhum, então me afastei.

— Sabia que desistiria. Agora quem é que está correndo? — gritou da varanda, mas continuei a caminhar para o meu carro. Abro o porta-malas e pego a roupa que eu normalmente uso para ir na academia.

— Não estou correndo — gritei.

— O que está fazendo então? — não a respondo, começo a tirar meu blazer. — Ah meu Deus, você é louco. — Depois removo a blusa e então começo a abrir o fecho do meu cinto. — Definitivamente.

Ela se aproximou, parou a poucos centímetros e começou a bater o pé.

— Sou louco sim, por você. — Após abrir a braguilha, desço a calça. Estava seminu no meio da rua, seu olhar estava fixo no meu corpo. As pessoas ao redor, estavam me observando, mas isso não me parou. Coloquei a roupa que costumo usar na academia, ela tinha cheiro de suor, mas era isso

ou terno. — Está bom para você agora?

Ela não me respondeu, ficou me admirando, então se aproximou e me beijou. Estava sem reação, mesmo que não fosse nosso primeiro beijo, mas eu sempre que tomava a iniciativa. Logo voltei à realidade, passei meus braços ao seu redor e a puxei contra meu corpo e devorei sua boca. Empurrei minha língua entre seus dentes, fazendo-a abrir a boca. Um grunhido escapou da sua garganta. Ela me roubou o ar com apenas um beijo, imagina outras coisas... Subo minha mão para a sua nuca, agarrando a parte de trás do seu pescoço, mantendo-a contra mim.

Um tempo depois, me afastei o suficiente para nossas bocas desgrudarem e nossos olhos se encontrarem. Seu corpo ainda estava pressionado contra o meu, subi minha mão até a sua bochecha e com o polegar acaricio seu lábio inferior inchado.

— Eu não ligo para o que outros falem ou pensem. Muito menos com roupa, sei que viemos de mundos diferente, mas isso não me importa.

— Isso é mais fácil para você, para mim não. Não estou acostumada com isso, supercarro, televisão que “fala” e restaurantes chiques. — Dei uma risada, ela era fascinante.

— E se cancelássemos o jantar...

— Não, quero sair com você. — Interrompeu-me.

— Calma, quero te levar à minha casa, podemos assistir um filme na televisão falante, comer pizza e ninguém lá ligaria se somos diferentes. — Essa ideia pareceu agradá-la, um sorriso surgiu em seu rosto, mas então voltou com a expressão fechada.

— Mas é só para assistir filme, não é? — por mais que eu ficasse tentado, eu não passaria de alguns beijos com ela.

— Faremos apenas o que você quiser. — Então o sorriso voltou e eu me senti mais alegre. Afastei-me dela e a puxei de volta para o carro, não antes de fechar o porta-malas.

— O que eu realmente quero é abacaxi na pizza. — Declara após eu entrar no carro, eu faço uma careta, zombando do seu gosto.

— Só no seu lado da pizza.

— Ótimo, tendo no meu lado já é o suficiente. — Ficamos em silêncio o caminho até a minha casa, quando viramos na minha rua, ouço seu estômago roncar. Ela fica envergonha e ruborizada, pego sua mão e aperto.

Merda, eu odeio pensar que ela sofre na casa do seu pai e que está com fome.

— Quando foi a última vez que você comeu?

— Eu não sei, eu provavelmente comi um salgadinho no almoço. — Estaciono na frente da minha casa, e aí que ela sai do carro, para fugir das minhas perguntas. Vou atrás dela, tranco o carro com o alarme e a sigo.

— Você não tem alimentos na sua casa, não é? — ela para de andar e se vira.

— Não quero que pense que saio com você por causa do dinheiro da sua família.

— Eu não penso isso...

— Bom, eu não quero seu dinheiro ou sua ajuda. Estou bem, tem sim alimentos na minha casa, só não tive tempo de preparar uma marmita para o trabalho. — Suspiro aliviado, não queria que ela passasse este tipo de problema, que passasse fome e vivesse de forma precária. Eu a conhecia há pouco tempo, mas me sentia conectado a ela.

— Vou pedir a pizza logo, assim poderá comer o quanto antes. — Entramos na minha casa, Mazi não mexe em nada e passa longe dos móveis, com medo de quebrar ou tirar algo do lugar. — Fica à vontade, vou pegar o cardápio.

(...)

Mazi

Observei Michael se afastar, tentei não reparar o quanto sua camisa branca era agarrada ao corpo e que definia suas costas largas. Entrei na sala, passei pela televisão e suspirei. Seria um sonho assistir um filme em uma tela tão grande, como se eu estivesse no cinema.

Sentei-me no sofá, pois tinha certeza que minha roupa estava limpa e

não sujaria o tecido. Respirei fundo e tentei seguir com minhas mentiras, como falar que eu tinha alimentos em casa, ou esconder o fato que falta água e logo faltará luz.

Eu não queria encarar a realidade da minha vida, era difícil me manter naquela casa, mas também não conseguiria sair. Deixaria de pensar nas coisas em casa, pensaria no Michael e no meu plano para fazê-lo mudar de ideia sobre fazer um hotel. Por mais que não gostasse desta ideia, tinha que ser feito.

Ele apareceu com o celular e um panfleto nas mãos, tinha um sorriso no rosto e levava consigo todo meu refúgio. Pois quando eu estava com ele, eu esquecia tudo, quando seus lábios tocavam os meus, a felicidade me preenchia.

Era difícil, eu tinha que odiá-lo, fingir gostar dele, mas não era o que estava acontecendo. Como não gostar de alguém que trocou de roupa no meio da rua? Ou que sempre vai me ver ao abrir a loja?

Eram pequenas coisas que me chamavam à atenção nele, sem falar que ele me tratava com respeito e carinho, isso era bom para mim, levando em conta os homens que tive na minha vida.

— Já sabe qual sabor vai pedir ou quer olhar o cardápio?

— Não me importa, qualquer uma, só não se esqueça do abacaxi. — Ele se sentou ao meu lado, ligou para a pizzaria e fez o pedido. Enquanto isso, eu o observei, senti o cheiro de suor misturado com o perfume fixado na pele. A roupa dele estava usada, a camisa em alguns pontos até estava molhada.

Atrevo-me a esticar a mão e passear pela camiseta, ele terminou de fazer o pedido e desligar o celular. Seu olhar estava fixo na minha mão, que agora estava passando pelas suas costas. Em um movimento rápido, que me assustou, ele puxou minha mão.

— Não toca nas minhas costas. — Ele mantinha minha mão na sua, apertando. Puxei minha mão e reclamei:

— Aí, não precisava me apertar assim. — ele se levanta do sofá, e se afasta. O Michael de alguns minutos não é o mesmo que estava do outro lado

da sala, com o olhar sombrio e sem fala. O seu sorriso sumiu, a alegria se esvaiu. — *Me desculpe, não deveria te tocar.*

— Não tem problema, eu que fui muito estúpido. — Ele estava desconfortável, saiu da sala dizendo ir pegar um copo de água.

(...)

A pizza tinha chegado, ele tinha parado de falar. Estava me sentindo desconfortável, mas com fome, três pedaços e meio de pizza e eu estou satisfeita. Ele me observava comer, achei estranho e perguntei o que ele estava fazendo.

— Só observando, fico satisfeito em ver toda a sua vontade em comer.
— Fiquei ruborizada e dei uma risadinha baixa.

— Assim me deixa constrangida, eu estou parecendo uma esfomeada.
— Ele se juntou a mim e deu risada.

— Eu realmente gosto. — Limpamos a bagunça que fizemos e seguimos para a sala, ele estava de joelhos na frente da televisão, escolhendo qual filmes assistiríamos.

— Pode ser ação, eu gosto. — Sugeri.

— Pode ser "O Assassino a Preço Fixo 2"? — ele mostrou o DVD, afirmei com a cabeça e fui me sentar no sofá. Deixei meu tênis no canto, escondo da sua vista e voltei a me acomodar no sofá.

Mike colocou o filme e se sentou ao meu lado, tínhamos um palmo de distância. Durante o filme, prestei mais atenção nele que no filme, vendo como respirava e que cada vez ele chegava mais perto. Quase no final do filme, o sono me venceu, a última coisa que lembro é que Michael segurava minha mão.

(...)

Acordei o dia seguinte em uma cama, muito confortável e com muitos travesseiros. Sentei-me na cama e analisei o quarto, que claramente era de hóspede, já que não tinha nenhum pertence pessoal.

Sai da cama e me estiquei, está muito bom dormir na sua casa. Não tinha que me preocupar com meu pai bêbado e nem com as contas. Poderia

me imaginar morando nesta casa enorme.

Sai do quarto e encontrei Michael vestido com um terno no fim do corredor, ele arrumava o cabelo no espelho pendurado na parede. Ele não me viu chegando por trás, quando perguntei o que estava fazendo, se assustou e virou para mim.

— Nossa, que susto.

— Desculpe, você estava muito concentrado arrumando o cabelo.

— É que tenho que falar com o vice-prefeito e queria estar perfeito. — Eu o analisei, sua roupa impecável, o cheiro do seu perfume caro.

— Você estaria impecável, mesmo que acabasse de acordar.

— Obrigado. — Ele piscou. — E você, dormiu bem?

— Sim, obrigada por me levar até a cama. — Balançou a cabeça.

— Você dormiu bastante, já são... — ele levanta o pulso para conferir o horário no seu relógio. — 10h32min da manhã.

Olho para ele assustada, eu perdi o horário. Eu nunca perco o horário.

Nem mesmo tinha despertador, mas parece que dormir naquela cama, fez com que meu corpo só acordasse quando eu estivesse totalmente descansada.

— Ah meu Deus, preciso trabalhar. — Ele notou minha aflição, sugeriu que eu me arrumasse e assim poderia me deixar lá.

Peguei meu tênis na sala e o coloquei, saímos apressados da sua casa. Em poucos minutos Michael estacionou na frente da floricultura.

— Obrigada pela carona — agradeço.

— Sem problemas. — Abro a porta, antes de sair, Mike me puxa.

— Eu gostei muito, talvez pudéssemos sair outras vezes. — O sol deixava seus olhos meio esverdeados, o que era fascinante, mas eu precisava voltar para o mundo real.

— Eu também, te ligo depois. — Ele acenou e eu sai do carro. Quando seu carro sumiu de vista, lembrei que eu não tinha nem o número dele e nem celular, mas sabia que ele me procuraria.

Capitulo

Mazi

Passei os próximos sete dias sem notícia de Michael, ele não apareceu na minha casa e nem no meu trabalho. Eu queria não sentir sua falta, mas sentia. Em todos os cantos eu o procurava, tentando achar o homem que em poucos dias e encontros me afetou tanto.

Era mais uma manhã fria, quando cheguei a floricultura. Parada em frente da porta, senti uma mão pegar meu braço e puxar, virei esperançosa para encontrar ... Tor. Fiquei sem reação, mas me puxou contra seu corpo e me abraçou, tive que tentar me afastar.

— Por favor, Tor, me solte.

— Não, não posso te soltar. — O seu cheiro era familiar, tanto quanto estar em seus braços. — Esse é o melhor lugar.

— Tor, não adianta, nosso relacionamento acabou. — Ele se afastou, o suficiente para beijar minha testa.

— Não consigo parar de pensar em você, cada minuto nestes últimos dias foram uma tortura. — Ao lembrar que Tor estava se drogando e isso foi algo que combinamos. Sem drogas, pois me lembrava da minha mãe. Quando ele escolheu quebrar nosso pacto, escolher acabar definitivamente o nosso relacionamento. — Está me mandando embora por que arranjou outro? Sei que o senhor engomadinho tem mais dinheiro, é por isso que está atrás dele?

Desta vez eu o empurrei com mais força e o afastei.

— Merda. Você está falando só merda.

— Nós sabemos que ficou comigo pelo dinheiro que te dava.

— Não foi isso, eu fiquei com você, porque pensei amá-lo. Pesando agora, eu vejo que era uma paixão boba, eu nunca tinha namorado e então você apareceu, pronto para me defender e me ajudar. — Era só lembrar do nosso primeiro encontro, quando eu o vi pela primeira vez, que tenho certeza que ele era tudo que precisava, ou seja, esquecer da minha vida.

— Não sou sua maldita distração, somos a porra de um casal. Quero me casar com você, por isso, repense, seríamos bem melhores juntos. — Ele pega minhas mãos na sua e beija os dorsos. — Poderíamos ser uma família, você sempre quis uma família. — Seus olhos castanhos brilharam com a possibilidade do nosso futuro junto, mas eu não conseguia, tudo que eu lembrava era do sorriso de Michael. — Sempre imaginei um futuro para nós, com ou sem seu pai. Comprariamos uma casa maior, uma televisão maior, eu cercarei o jardim com uma cerca branca e teremos um cachorro grande. Uma família perfeita.

— Eu não posso. — Puxei minhas mãos, e tentei não encarar seus olhos marejados.

— Eu parei com as drogas, estou limpo desde que você descobriu.

— Não são as drogas, não é Michael, sou eu. Eu não quero estar neste relacionamento que tira tanto de mim, que sou o personagem secundário. Vou cuidar do meu pai até o fim dos seus dias, eu sei também que não serão muito, a bebida vem acabando com ele. E quando seu dia chegar, eu vou estar lá, então serei livre e não vou querer estar nesta cidade.

— Podemos ir para outro lugar.

— Não, quero ir sozinha. Quero estar sozinha pela primeira vez, você foi ótimo para mim, foi bom enquanto durou, mas não quero mais. — Precisava sair desta cidade, odiava tentar me esconder dele e cuidar do meu pai. Eu sentia como se fosse uma obrigação cuidar dele, mesmo que muitas vezes me bateu ou me trancou em um quarto, de castigo.

Será possível não conseguir guardar rancor?

Eu deveria odiá-lo, certo? Então, porque eu continuo tentando ajudá-lo, continuo a passar fome, a ser surrada e aguentar seus xingamentos?

Eram perguntas que eu não tinha resposta, esse era o meu jeito, eu só conseguia enxergar o meu pai sóbrio. Aquele que é amigo, fiel e bondoso. Crescer naquela casa, me feriu de muitas formas, tanto físicas, quanto mentais.

— *Me responda uma coisa, por favor?* — pediu-me, com seus olhos marejados.

— Pode perguntar.

— Como você pode pensar nele?

— Eu realmente não sei, só não consigo abandoná-lo. Eu tentei morar com você, mas não consigo.

— Merda, eu perdi uma pessoa fantástica, não é?

— Modesta à parte, sim. — Deu um longo sorriso, sabíamos que eu e ele não ficávamos bem juntos. Tor era ciumento demais, eu preocupada demais. Trazíamos à tona nosso pior, melhor separados do que juntos.

— Eu me odeio por isso, deveria ter me casado com você, então estaria presa a mim. — Ele voltou a me abraçar, agora estava chorando. Agarrei-me a ele, segurei com força seu corpo e desejei que fosse feliz e que não voltasse a me perturbar. Queria viver, longe daqui, mas precisava cuidar dele primeiro.

— Merda, para de chorar, isso não é do seu feitio. — Ele balançou a cabeça, então limpou as poucas lágrimas e sorriu.

— Eu vou encontrar um bar, e afogar minhas angústias em um bom rum. — ele se afastou, e o observei se afastar. Sorri com a lembrança dos nossos bons momentos.

Virei para abrir a loja, enquanto destrancava a porta, ouvi passos se aproximando.

— Sêrio Tor, chega de abraços e lágrimas.

— Não sou o Tor. — Minha mão para e a respiração acelera. Merda, era Michael e isso me deixou com raiva.

Eu não sabia o porquê. Então, suspeitei que seu sumiço me deixou com saudade, e sentir saudade de alguém que conhecia recentemente estava me deixando vulnerável. Como poderia me afetar tanto? Ele me leva a sua casa, me compra um pizza e refrigerante e então estou viciada na pessoa?

Nunca acreditei no amor à primeira vista, não acreditava que o amasse. Mesmo com Tor, nunca senti um frio na barriga com um beijo.

Decidi que não o responderia, abri a porta e entrei, antes que ele pudesse me seguir. Fechei a porta na sua cara.

— Fala sério? Está com raiva.

— Por que eu estaria com raiva?

— Eu realmente não sei, você ficou de me ligar e não o fez. — Mesmo querendo, eu não podia ligar para ele. Não tenho um celular e nem seu número.

— Eu não tenho um celular, nem seu número, foi esse o motivo de não entrar em contato com você. — Eu queria e muito.

— O que aconteceu com seu celular?

— Hum... Quebrou. — O último celular que eu tinha, foi quebrado em uma briga com Tor. Eram esses os nossos piores momentos, as brigas por ciúme excessivo.

— Posso te dar um. — Estávamos falando através do vidro, isso dificultou um pouco, porém não queria abrir a porta de vidro e correr o risco de me jogar em seus braços.

— Não quero. Não aceitarei nada de você.

— Nem meus beijos? — pergunta sugestivamente.

— Chega, você precisa ir embora e eu preciso trabalhar. — Ele não se despediu, empurrou a porta e entrou na floricultura.

— Tenho algo para dizer, é uma coisa muito importante. — Mike se aproximou, sua mão puxou o capuz da blusa. — Preciso ver todo seu rosto, ao te contar.

— Você está indo embora?

— Não, é exatamente ao contrário. Eu estou ficando, consegui provas que mostra a minha inocência. O dinheiro que sumiu foi rastreado, tenho também gravações do vice-prefeito, Daniel, falando com alguns deputados para se livrar de mim. Vou provar a minha inocência para a cidade inteira, então voltarei a ser amado e não vou precisar ir embora. — Meu sorriso não poderia ser maior, estava feliz que ele seria inocentado.

— Nossa, isso é muito bom. — Não me contive e o puxei para um abraço.

— Vai sair nos jornais da cidade e no noticiário hoje. Sem mais Michael - o corrupto. — Ele nos rodou, quando voltei a firmar meus pés no chão, o beijei.

Como sempre meu corpo se arrepiou e eu quis desesperadamente ser dele. Era estranho que eu pensasse nele no sentido sexual, eu olhava para sua boca e podia imaginá-lo me beijando. Observava como suas mãos eram firmes e que poderia passear pelo meu corpo.

Não tinha muito tempo desde que transei com Tor, nunca fui também uma pessoa sedenta por sexo, mas então eu tinha uma boceta em chamas. Merda, aquele homem era o sexo em pessoa.

Desci minha mão até o cos da sua calça, queria avançar, mas fiquei com medo que ele me achasse ousada demais.

— Eu quero você. — Sussurro contra seus lábios, nossos rostos tão próximos.

— Deus, eu quero você também. — O arrasto para o fundo da loja, o único lugar que teríamos privacidade era o escritório da minha chefe.

— Você acha que seria ruim eu transar com você logo agora, que nos conhecemos há pouco tempo? — estava muito preocupada com o que ele pensaria com o sexo, isso acontecia porque eu não tinha experiência. Sabia que ele era mais velho, mais experiente, não queria ser ruim de "cama".

— Não, não mesmo. E não estou falando isso, só porque quero te comer.

— Ótimo, porque eu estou pegando fogo. Literalmente. — Tirou meu moletom, estava só com o sutiã. O que já me deixou seminua, Michael estava com os olhos brilhantes, olhando para meus seios.

Eu não tinha muita consciência do meu corpo, era difícil ficar nua na frente dele.

— Você é linda. — Aquelas palavras me deixaram feliz, era bom ser elogiada, algo que não tive muito. Ele se aproximou, então notou algumas manchas roxas. Com raiva de ter esquecido que ainda estava machucada, tentei me esconder, mas ele não deixou. — Quem fez?

— Não importa.

— Importa sim, quero saber quem fez isso. — Eu não disse nada, não queria revelar algumas partes da minha vida. Sentia-me humilhada e tudo isso já era o suficiente.

— Não importa — repeti.

— Você não precisava mentir, só quero saber... quero ajudar você, esmurrar a pessoa que te machucou. — Já não estávamos no clima de sexo, aquelas marcas me machucavam mais do que fisicamente, as lágrimas deslizaram pelo meu rosto. Eu odiava chorar, mas não consegui guardar tanta angústia.

— Eu me machuquei sozinha, sou muito estabanada. — Peguei meu moletom e a coloquei, cobrindo as manchas roxas.

— Odeio mentiras e você nunca fala a verdade para mim, fica fugindo. Não é mais fácil dizer que foi o Tor? Eu o vi saindo daqui, ele fica te coagindo, te bate e você volta para ele?

— Como assim voltar para ele? Nós terminamos definitivamente, Tor era agressivo comigo, porém não era sempre, só se descontrolou algumas vezes. — Não gostava de pensar nestas ocasiões, nossas brigas eram muito feias, comparada com as que eu tinha com meu pai. — Essas marcas não foram feitas por ele, como eu disse eu caí.

— Se não foi seu ex-namorado, então quem foi? — ele se aproxima, suas mãos pegam meu rosto. — A verdade.

— Foi meu pai, mas a culpa foi minha... Eu não deveria tê-lo irritado. — Ontem após chegar do trabalho na floricultura, papai estava furioso, pois eu não estava com Michael. Não revelaria que ele tinha sido a causa e nem que meu pai estava me forçando a ficar com ele, para mantermos nossa casa.

— A culpa nunca é sua. — Ele envolve seus braços ao meu redor, me dando um abraço apertado. — Nós podemos denunciar ele.

— Não, ele é meu pai, estava só me repreendendo.

— Repreender é uma coisa, te espancar é outra. — Martirizo-me por tê-lo deixando ver as manchas, imagina quando ele ver os hematomas na

barriga. — Ele não deveria bater em algo tão precioso.

Gostava de como ele era amoroso, não conseguia largá-lo, Michael era perfeito demais para mim.

— Eu estou bem.

— Quero que você saia da sua casa, não pode continuar lá. — O empurro para trás, assim que seu corpo está longe do meu, sinto falta do contato.

— Eu estou bem, papai está doente, vou cuidar dele. — ele estava atento a minha história, esse era o momento de convencê-lo a não tomar nossa casa. — Desde que nos disse que teríamos que sair da nossa casa, a saúde de meu pai declinou bastante, fico tão triste por ele.

— Minha família lhe dará outra casa e por mim, seu pai pode morar na rua.

— Não! Foi lá que cresci e quero que meus filhos cresçam. Não posso ficar longe do único lugar que tem lembranças de minha mãe. — apesar de ser verdade, eu amá-la muito, eu preferia sair de casa, já que tenho poucas boas lembranças e muitas más lembranças. — Estou tão triste com isso, não consigo imaginar morar em outro lugar.

Era ruim enganá-lo, mas quando as lágrimas escorreram de meus olhos, Michael ficou emocionado. Com o coração apertado pela enganação, continuei meu teatro, até que ele me abraçou apertado e disse que arranjaría um jeito.

Capítulo

7

Michael

Sai da floricultura disposto a fazer tudo para que Mazi nunca mais chorasse, meu primeiro ato foi ir até a sua casa. Mesmo que meu pai brigasse comigo, eu não deixaria que a casa fosse tomada, era a única lembrança que ela tinha da sua falecida mãe. Como alguém poderia prejudicar tanto uma família?

Só de ouvir sua história triste, fico aflito. Apesar das atrocidades do meu pai, eu ainda continuava a amá-lo, então entendia-a.

Eu era fraco para lágrimas, não conseguia ver uma mulher chorar e não ajudar. Então, quando seus olhos azuis ficaram molhados, foi a minha condenação.

Eu só conseguia imaginá-la sendo espancada e eu não podia deixar isso acontecer.

Entrei na sua casa, para encontrar seu pai bêbado deitado no velho sofá. A casa estava extremante suja e escura, tentei acender a luz.

— Não adianta tentar, não temos luz. — Era difícil imaginar que alguém pudesse viver neste tipo de casa. Tinha uma garrafa de pinga jogada perto do sofá, eu chutei a garrafa e me aproximei do velho.

— Você não pagou a conta de luz, velho?

— Nem a de água e muito menos a conta do bar. — apesar de estar bêbado, se levantou rapidamente e se aproximou. — O que está fazendo aqui? Já vai tomar minha casa, já comeu a minha filha, o que mais vai tirar de mim? — o seu hálito forte de pinga, me fez se afastar.

— Eu não vim tirar nada, é você que estraga tudo.

— Eu ainda tenho minha dignidade, acha que pode ficar aí brincando com minha filha?

— Eu nunca brinquei com sua filha, muito menos a comi. — Ele dá um sorriso forçado e então bate ambas as mãos no meu peito, me empurrando para trás, mas me mantenho firme.

— Você é mentiroso, ela saiu com você e só voltou no dia seguinte, quer que eu acredite que ela não trepou com você? Isso é do feitio dela, uma putinha.

— Não fala assim dela, seu bêbado de merda. Você não é homem o suficiente, fica batendo em uma jovem menina e isso não te faz muito melhor.

— Minha filha, eu posso levantar a mão para ela. Eu a coloquei no mundo, eu a tiro do mundo. — Eu tinha nojo deste homem, falava com raiva de sua filha, achando-se no direito de machucá-la.

— Você está proibido de machucá-la.

Demétrio deu uma longa gargalha, então voltou a sentar no sofá, relaxado.

— Você parece com ex dela, que adorava arranjar caras para protegê-la. Não se engane, tenho certeza que você faz parte de algo bem maior.

— Sei que você quer continuar a morar nesta casa, por isso, vamos fazer um acordo. Que beneficiará ambos os lados. — Ele ficou sério, falar da casa parecia um assunto sério para ele, então aproveitei.

— A casa é minha, não vou sair.

— Não vai precisar, pode ficar nesta casa. Pode morrer neste sofá.

— O que você quer para que isso aconteça?

— Mazikeen, quero ela. — Ficou um tempo pensativo, pegou sua garrafa e após um longo gole, concordou.

— Vai passar a casa para o meu nome e me dar algum dinheiro para me manter?

— Vou, posso te dar quinhentos mil dólares. Só que hoje, quando ela chegar do trabalho, você vai mandá-la embora, vai dizer coisas horríveis para ela, assim desistirá de você.

— Está feito, já não quero mais aquela menina. Só me irrita, sem falar que é a memória em pessoa, de sua mãe. — Demétrio se levantou e me abraçou, sem que eu devolvesse o abraço. — Cuidado, nem tudo é o que parece.

— Eu te garanto, que terei. Vou cuidar dela.

— Sei que vai, mas não a aceitarei de volta quando você descobrir a verdade. Não devolvarei a casa e nem o dinheiro, saiba que é uma troca justa.

— Eu sei. — O empurro, ele tropeça no sofá e cai sentado. — Não volte a colocar a mão em mim, você é sujo.

— E você é iludido. — Sem querer prolongar a conversa, saio da sua casa e suspiro ao encontrar ar puro. Faria tudo que pudesse para ajudá-la, isso incluía subornar seu pai. Agora só tinha que falar com o meu, que ficaria muito decepcionado.

Eu queria que ela corresse para meus braços, quando seu pai a expulsasse. Uma parte da minha consciência ficaria pesada, de enganá-la, mas eu não poderia deixá-la naquela casa. Não há luz e nem água. Com um pai que a abusa. Tudo que estou fazendo é para seu bem, se eu não a protegesse, seu pai logo a mataria de tanto surrá-la.

Enquanto andava até a minha casa, avistei Maya. Meu coração acelerou com a visão do seu lindo sorriso e seus cabelos loiros. Deus, ele ainda me fascinava como na primeira vez.

Forcei-me a me afastar, não podia viver pensando nela. Anos e anos como amigos e meu coração não conseguia entender. Que ela amava outro, e eu era um velho amigo.

Errado desejar ter a vida de Luke? Ele estava feliz e completo, com a mulher que um dia foi minha. Tinha um filho, Liam, que eu cuidei desde pequeno. Apesar de agradecido, Luke não era muito próximo a mim. Tinha ciúmes. Eu também teria, se fosse casado com uma mulher como ela.

Maravilhosa.

Nossa história era longa, mas ainda me lembro dos detalhes. Do nosso namoro na adolescência, nossas festas juntos e jantares românticos.

Passei muitos anos pensando que ele tinha tomando o que era meu, mas logo percebi. Maya sempre foi de Luke, apesar de tudo que fiz por ela, só ele tira o melhor sorriso dos seus lábios.

Eu desejava ter algum, como Luke tinha a Maya. Mesmo ainda com um sentimento de amargura e talvez um amor, eu me afastei e deixei que fosse feliz.

Meu celular vibrou no bolso da calça de moletom, tirei o aparelho e atendi.

— Michael.

— Sim, eu mesmo.

— É a Maya, não reconheceu minha voz não? Quero agradecer, bem atrasada, pelo lindo buquê que me enviou. — Ela deu uma leve risada, como estava próximo a ela, caminhei em sua direção.

— Bom, como você tem me evitado, nunca imaginei que fosse você.

Eu sei e quero me desculpar, eu deixei a raiva me cegar. Eu deveria ter acreditado em você, como meu melhor amigo.

— Está tudo bem?

— Não está, quero me desculpar. Luke e eu faremos um churrasco hoje, para comemorar uma novidade.

— Seu segundo filho?

— Sim, como você sabe? — ela estava eufórica.

— O Luke me falou e você parece grávida.

— Como assim — ela começou a me procurar pela rua, toquei seu

ombro. Ela deu um pulo e se virou. — Ah meu Deus, que susto.

Ela se jogou nos meus braços e me deu um longo abraço.

— Senti saudade, pequena.

— Eu também. — Ela se afastou, para que eu pudesse examiná-la.

— Esta gravidez a fez ainda mais bonita. Sempre linda grávida. — Memórias dela grávida de Liam sempre me agradam. Eu sabia que seria um ótimo padrinho para ele, no minuto que ouvi seu coração batendo. Eu estava lá quando ela descobriu, segurei a sua mão e sequei suas lágrimas.

— E você sempre me elogiando. Não sabe quanto senti saudade e me arrependo de acreditar nas notícias. Eu deveria saber que nunca seria corrupto, logo você, que é tão certinho.

— Eu juro que não roubei a prefeitura e agora espero que os cidadãos de San Rafael possam voltar a confiarem em mim.

— Eu sei que vão, você é o melhor para esta cidade. E tem que ir no churrasco hoje, Liam está com saudades também.

— Mal posso esperar, aquele garoto me deve algumas partidas de videogame.

— Ele ganhou um jogo novo do seu pai, estava esperando você para estreitar.

— Mais um motivo para estar lá. Qual o horário?

— Venha às dezenove horas, traga alguma amiga.

— Vou levar alguém. — Digo, me referindo a Mazi.

— Ah, meu Deus, já quero conhecê-la. — Maya me arrastou até uma sorveteria, assim colocaríamos o papo em dia. Conversar com ela era muito bom.

(...)

Mazi

Estava arrumando um buquê de flores vermelhas, quando a velha Violet entrou na loja. O sino em cima da porta soou, fazendo que toda atenção estivesse voltada a ela e outra senhora, que eu não conhecia.

Voltei a minha atenção para flores, quando as ouvi fofocando, após pedir para Holly, minha chefe, um vaso de lírio.

— Acabei de ver no jornal que o prefeito Michael foi injuriado, ele nunca roubou a prefeitura e sim seu vice-prefeito.

— Fico feliz, eu gostava muito dele.

— O conheço desde muito novo, quando corria pela rua com a filha do xerife, na época. — Elas começaram a falar de Michael, eu não pude deixar de ouvir, querendo saber tudo que aquelas senhoras fofoqueiras tinham a dizer.

— Eu também lembro, eram um ótimo casal. Tenho certeza que no final eles ficariam juntos, ele está sempre atrás dela. Acabei de vê-los tomando sorvete, ainda parecendo dois adolescentes apaixonados.

— Mas ela é casada e tem um filho.

— Duvido que ela ficará com ele, após tantos anos juntos com Michael, está na cara que eles ficarão juntos. Sem falar que ele criou Liam, enquanto o marido dela estava preso. Aquele condenado não deveria morar nesta cidade, é um risco para a sociedade... — elas continuaram a falar, mas eu não aguentei. Afastei-me e fui tomar um pouco de água.

Era ruim imaginar que Maya fosse tão importante na vida dele e que eu me importasse tanto com isso.

(...)

Era fim do meu expediente, quando recebi uma ligação de Michael na loja. Perguntando se eu queria ir a um churrasco com ele, apesar de receosa aceitei.

Caminhei até a minha casa, quando cheguei lá está escuro e fedia. Tudo uma bagunça, mas eu não tinha água para fazer a limpeza e nem disposição. Corri até o meu quarto e escolhi uma roupa, o que era difícil escolher entre as melhores opções, sempre estavam rasgadas.

Estava pronto para ir à casa da Gigi, para que ela pudesse ceder o seu chuveiro, quando papai chegou. Ele estava muito bêbado, mal conseguia parar de pé. Apoiado no batente da porta, gritou meu nome.

— Mazikeen?

— Não precisa gritar, estou aqui. — Franziu o cenho ao me observar.

— Ótimo que esteja aqui, quero que pegue as suas coisas e saia da minha casa.

— Pai, deixa eu te ajudar a ir para cama. — Ignorei seu pedido pois acreditava que não era verdade.

— Não, menina insolente, quero você fora da minha casa. Pegue suas coisas e suma da minha frente. Não aguento mais olhar para você, deve ser por isso que sua mãe se drogou até morrer. Por ter que te aguentar. — Fiquei estática, tentando interpretar suas palavras. Ele nunca falou essas coisas, sabia também que quando estava sóbrio era outra pessoa e agora ele era um bêbado agressivo.

— Vou sair hoje com o Michael, como você pediu. Volto amanhã, quando você estiver mais calmo.

— Não, quero que pegue todas as suas coisas e saia. Para sempre. — Ele se dirigiu até o meu quarto, como meu armário não tinha porta, ele empurrou as roupas, que não eram muitas, no chão. — Coloque tudo na sua mochila e suma da minha frente. Não me force a ter que chutar sua bunda para fora desta casa.

Agachei-me para recolher as roupas, minha visão estava borrada com as lágrimas. Eu não tinha para onde ir, logo Michael chegaria e iria querer saber o que aconteceu. Imagino que queira que eu vá morar com ele, mas não podia abusar tanto dele.

Antes de sair do meu quarto, papai chutou minhas costas. Sou jogada para frente, porém as roupas amortece. Com muita dor na coluna, desato a chorar, tentando colocar tudo para fora.

Eu sabia que o meu pai sóbrio era bom, me amava, mas este bêbado me odiava e nunca entendi. Não sei quanto tempo permaneci ajoelhada no chão sujo, chorando, mas já estava escuro quando ouvi a voz de Michael.

— Cadê ela, seu merda? — ouvi-o gritando com meu pai.

— Não sei onde está esta puta.

Levanto-me rapidamente, limpo as lágrimas e tento recolher as roupas. Não quero que me veja assim, as costas estavam doendo, era difícil abaixar para pegar as peças no chão, mas o faço.

— Estou aqui — digo ao sair do meu quarto, assim que me vê, suspira aliviado.

— Você está bem?

— Sim, podemos ir agora? — ele confirma com a cabeça, observo meu pai, que está de pé entre nós. Ao passar por ele, me para ao puxar meu cabelo. Dou um grito, fazendo-o girar o punho.

— Seja boa com ele, não vai querer voltar para esta casa, pois eu vou te matar. — Antes de Michael faça algo para me defender, papai me solta. — Leve-a, não consigo mais olhar para ela.

— Vou fazer questão de que nunca mais a veja. — Garante Michael, que estava bravo.

Sáímos da casa em que fui criada e ali eu prometi que nunca mais voltaria, para o inferno que vivi durante meus vinte e um anos de vida.

Capitulo

Chegamos a minha casa, Mazi continuava calada, olhando para a janela.

— Está tudo bem mesmo?

— Sim. — Não demora em responder.

— Você sabe que pode conversar comigo, estou aqui para te ajudar. — Alcanço sua mão e a aperto, tentando dar meu apoio. — Chega de pensar no seu pai, vamos entrar, você tomará banho e depois vamos sair, OK?

— OK. — Suas respostas eram monossilábicas, antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ela sai do carro. Eu a sigo até entrarmos em casa, meu cachorro, que estava solto na casa, vem correndo e latindo. Mazi se apavora, ele bate as patas dianteiras no seu peito e lambe seu rosto.

— Olha menino mais lindo do pai. — Beijo o topo da sua cabeça e o puxo para longe dela. — Por que você não sobe, se instala em um quarto e se arruma? Vou me certificar que esse cachorrão tenha água e comida.

— Tudo bem. — A observo subir a escada, tentando não reparar na sua linda bunda.

Após verificar os potes do cachorro, vou atrás dela e a encontro perfeitamente arrumada no meu quarto. Ao me aproximar sinto o cheiro do meu shampoo, vestido uma velha t-shirt e calça jeans e chinelos. Ela tem bonitas unhas pintadas de rosa pink, realçando sua pele clara.

Sento-me ao seu lado, passo meu braço ao redor do seu ombro a aproximando de mim.

— Eu vou cuidar de você, eu prometo.

— Você é a única coisa que eu tenho, Michael. Sem você estou sozinha, eu nunca estive sozinha. — Seus olhos marejados me deixam aflito, odiava lágrimas, especialmente as dela.

— Eu vou ser essa pessoa, vou cuidar de você e prometo não deixar que nenhum outro homem a machuque.

— Obrigada.

— Obrigado você, pois trouxe alegria para minha vida e não quero vê-la chorar. Amanhã vamos para outra cidade, você pode comprar roupas novas, sapatos...

— Não quero abusar de você, me deixar morar na sua casa já é muito.

— Não importa, vou te ajudar e você pode pensar como um empréstimo.

— Vou devolver cada centavo. — Eu não queria seu dinheiro, pois eu tinha muito, mas se ela fazia questão, o receberia de volta.

— Tenho certeza disto.

— Não temos um churrasco agora? — pergunta após um longo tempo em silêncio.

— Sim, você quer ir ainda, não é?

— Quero conhecer seus amigos e ficar aqui não adiantará nada.

(...)

Chegamos à casa de Luke já passava das vinte horas, Liam estava na sala jogando videogame, quando entrei.

— Liam, fiquei sabendo que ganhou um jogo novo. — Ele pausa o jogo e vem me abraçar.

— Sim, tio Mike, meu pai comprou um jogo de corrida, você tem que jogar comigo. — O menino comia fermento, pois cada vez que o via, estava maior.

— Lembra de Mazi? Estava em casa esses dias. — Liam observa Mazi, antes de abraçá-la também.

— Lembro sim, é a sua nova namorada? — pergunta a ela.

— Algo do tipo.

— Legal, assim o tio Mike pode vir mais vezes em casa e mamãe terá uma companhia. — O menino se afastou e gritou por sua mãe: — Mamãe, venha conhecer a namorada do tio Mike.

Mazi a aproximou mais de mim, agarrando no meu braço.

— Por que está gritando, estou perto? — Maya apareceu pela porta da cozinha, seu cabelo loiro estava preso em uma faixa e ela vestia um belo vestido rosado com um avental branco. Era como um comercial dos anos sessenta, com o estilo da mãe perfeita. — Prazer em conhecê-la, sou Maya.

Maya estende a mão e Mazi a pega.

— Prazer é meu, sou Mazikeen, mas me chame de Mazi.

— Que nome diferente, já gostei. — Maya puxa Mazi dos meus braços a leva até a cozinha, com uma conversa animada. Sento-me ao lado do meu afilhado e começamos a jogar o novo jogo.

Pouco tempo depois, Maya aparece nos chamamos para comer. Deixando nossos controles de lado, a seguimos até o quintal. Luke estava na churrasqueira, conversando animadamente com seu sogro.

— Oi pessoal — cumprimento os familiares de Maya e especialmente sua mãe.

— Olha que menino lindo você está, parece que faz anos que não nos vimos. — Ela me dá um grande abraço e aperta minha bochecha, como se eu fosse uma criança e não um homem.

Mazi estava se soltando aos poucos, conversando com o pessoal e principalmente com a Maya, fiquei feliz que as duas se deram bem. Perto das onze da noite, coloquei Liam para dormir. Sentado na sua cama em forma de carro, após ler uma história, beijo sua testa.

— Senti saudade tio, não faça mais nada que irrite a mamãe. — Deu uma leve risada, então arrumei a coberta para que ele ficasse coberto direito.

— Eu também, garoto. Não vou irritar mais sua mãe, agora vá dormir e sonhe com os anjos.

Sai do seu quarto com o coração na mão, eu amava muito este menino e saber que o sentimento era recíproco era magnífico. Encontro Maya no fim do corredor, me observando.

— Ele ficou muito bravo, quando eu te disse que não poderia vê-lo.

— Imagino que sim, me pediu para não te irritar mais. — Com passos largos, chego até ela.

— Eu ainda não me perdoei por não ter acreditado no homem que me ajudou e foi meu amigo durante anos.

— Ei, não fiquei chateada, eu já te perdoei. — Puxo-a para um abraço, ela encosta a cabeça no meu peito.

— Horrível ficar sem sua amizade, você é meu porto seguro, meu melhor amigo. — Ergueu a cabeça para que pudesse me olhar nos olhos.

— Conta sempre comigo. — Seus olhos azuis brilharam, trazendo paz para o meu coração. Ela me via como um irmão, enquanto meu coração sonhava em algo mais. Eu nunca a teria novamente, mas também não insistiria. — Eu te amo. — Beije sua testa e apoiei meu queixo em sua cabeça.

— Eu também.

Ouvi passos descendo a escada rapidamente, me virei e percebi que era Mazi, pelo cabelo preto.

— Eu preciso ir...

— Vá falar com ela, é muito jovem, não entende as coisas da vida.

Corri atrás dela, a encontrei andando para sua casa.

— Mazi, para, por favor.

— Não fala comigo, Michael.

— Deixa de ser teimosa, não há motivos para isso. — Ela parou brutalmente, bati meu peito contra suas costas, já que estava em seu encalço.
— Desculpa, machucou?

Ela faz uma careta de dor e esfrega a base da coluna.

— Não, só me deixa ir.

— Ir para onde? Você não tem para onde ir!

— Quero ir o mais longe possível de você, não posso te encarar agora.
— Ela volta a andar e vou atrás.

— Qual o problema Mazi? Por que você não se abre comigo?

— Não quero falar de mim, isso é sobre você. — Ela para de andar, se

vira na minha direção e diz: — Você não percebe que é a terceira pessoa em tudo naquela casa? Você pode ser amigo dela, pode ser quase um pai para Liam, visitar sua casa sempre, mas não será o Luke.

— Mazi... — tento pará-la de falar, antes que diga algo que vai se arrepender. Maya era um assunto muito delicado.

— Não, você não é a primeira pessoa para ela. E continua a correr atrás dela, dizer que a ama e vê-la com outro.

— Chega...

— Você não é a pessoa dela, mas é a minha. Fico surpresa que em poucos dias eu tenha sentimentos por você, difícil gostar de quem ama outro. Parece que sou uma tampa improvisada para sua panela.

— Não é assim, eu amo Maya como uma irmã.

— Mentira. — Afirma, batendo o pé. — Eu os vi, você sente muito mais que amor fraternal por ela.

— Temos uma longa história, mas faz mais de quinze anos que não tenho nenhum contato com ela. — Ela me permite aproximar, pego seu rosto na minha mão, forçando seu olhar no meu. — Eu também gosto de você, se não gostasse por que eu passaria a sua casa para seu nome?

— Você passou a casa para o meu nome?

— Ainda não, mas as papeladas já estão sendo preparadas. Conversei com meu advogado, a casa da sua mãe é sua.

— É o hotel? Seu pai?

— Papai terá que construir em outro lugar. — Tinha conversado com meu advogado, que resolveria esta situação sem o conhecimento do meu pai. Assim, quando soubesse que dei a casa a ela, não terá como voltar atrás. Eu aguentaria as consequências, tudo para Mazi. — Eu estou passando por cima do meu pai por você, nunca fiz isso por qualquer uma. Você é mais do que especial para mim. Sei que meu relacionamento com Maya é conturbado, mas juro para você que não passa de uma amizade.

— Acho estranho que fique me dando coisas.

— Acho melhor se acostumar, quero que você conheça o céu. —

Nossas bocas estavam próximas, sua respiração quente contra meu rosto.

— Eu já conheci o céu, só de te beijar. — Não aguentei o forte desejo de beijá-la.

Coloco minha mão na sua nuca e apoio para aprofundar meu beijo. Seus dentes abrem, permitindo que minha língua deslize na sua boca. Suas mãos agarram meu ombro, enquanto eu a empurro contra a parede. A rua estava escura, exceto por alguns postes.

— Eu quero você agora. — Suas palavras me batem forte, quero muito sua boceta. Arrasto-a para um beco, sem luz.

— Tem certeza que quer aqui?

— Não importa o lugar, eu só quero você. — Seus dedos abrem a braguilha da sua calça, enquanto se despia, eu coloquei meu pau para fora e rolei um preservativo pela sua extensão.

Sua mão passa pela minha barriga, até chegar no meu pau, desliza sua suave mão até a base.

— Nossa, você é tão grosso. — Contente com seu comentário, a ajudo colocar suas pernas ao meu redor. Suas costas contra a parede de tijolos, brinco com sua boceta, esfregando a cabeça do meu pau na sua entrada.

Ao deslizar por sua entrada molhada, Mazi arregala os olhos e dá um longo gemido. Em seguida, ela enrola os braços ao redor do meu pescoço, sua cabeça descansa no meu ombro. Enquanto empurro para dentro dela. Quanto mais rápido eu ia, mais rápido ela pedia. Sussurrava que queria mais e mais do meu pau, me mandando fodê-la.

Sua cabeça vai para trás, quando vou o mais rápido possível, seus gemidos estão altos, por isso ela tampa a boca com a mão. Era uma área residencial e não precisávamos de ninguém nos pegando fazendo sexo em público.

Chupo e mordo todo seu pescoço, deixando marcas avermelhadas que ficariam roxas. Eu nunca gostei de marcar as mulheres, mas ela me deixava enlouquecido.

— Mais forte — ordena.

Quero ver seus seios, por isso peço que puxe sua blusa para cima. Ela usava top, que facilitou na hora de liberar seus seios. Eram fartos, não resisto e desço meus lábios até eles. Chupo seu mamilo, dando mordiscadas.

— Oh Deus... Mais rápido, Mike. — não havia visão mais bonita que Mazi com os olhos fechados, boca aberta e gemendo. — Michael. — meu nome escapa da sua boca, quando finalmente chegou ao clímax. Posso sentir sua boceta se apertando várias vezes ao meu redor, então seu corpo relaxa.

Eu ainda estava pegando fogo, adrenalina correndo por todo meu corpo. Coloco-a no chão, deslizando meu pau para fora, ela choraminga com a perda. Viro-a brutalmente, com o rosto contra a parede, volto a deslizar por sua boceta. Segurando seus quadris, bombardeio o mais rápido possível, ela não consegue parar de gemer e não consigo parar de mexer.

Com uma mão seguro seu cabelo, puxando seu rosto para trás, assim consigo vê-la.

— Fala meu nome.

— Michael.

— Mais alto. — Exijo.

— Michael — grita. Contente com sua resposta, solto seu cabelo. Estava perto de gozar, quando ela volta a apertar sua boceta ao meu redor, sei que é minha perdição. Descontrolo-me, gozo ao mesmo tempo que ela.

Surpreende-me o vazio, mas totalmente satisfeito. Ela era perfeita.

Puxo meu pênis para fora, quando vou descartar o preservativo, reparo que não está lá.

— Merda.

— O que aconteceu? — pergunta afobada.

— Acho que a camisinha ficou na sua boceta.

— Isso é ruim? — era uma pergunta muito inocente, mas me forcei a lembrar que estava me relacionado com alguém mais jovem e que tinha tido apenas um namorado.

— Muito ruim. — Deslizo meus dedos até a sua entrada, então após

procurar, consigo achar o látex e o puxo para fora. — Consegui tirar.

— Tudo resolvido, acho que você foi rápido demais e escapou.

— Nada resolvido, você toma pílula? — a última coisa que preciso era engravidá-la, era uma menina jovem e não precisava deste fardo.

— Não.

— Vamos comprar para você uma pílula do dia seguinte, como estava sem preservativo e gozei dentro, pode ficar grávida e não queremos isso, não é?

— Com certeza. — Ela pareceu assustada com a ideia de ser mãe.

Ajudó-a a colocar a calça e quando ela reclama, dizendo não conseguir andar, pego-a no colo e a carrego até o meu carro.

Capitulo

Despertei sozinha na cama de Michael, na noite passada tínhamos voltados para sua casa e após outra rodada de sexo, fomos dormir. O cansaço me dominava, minhas horas de sono foram poucas, já que Michael era quase um coelho. Levanto da sua cama confortável, como dá última vez, foi fantástico dormir com tanto conforto.

Peguei uma blusa dele, para que eu pudesse procurá-lo vestida. Verifico toda a casa e encontro um bilhete na geladeira.

Docinho, tive que sair, fique à vontade. Não vou demorar.

- M

Acordar com seu sorriso no pensamento é garantia de felicidade em todo momento.

Sorrindo como um adolescente boba, subo a escada correndo e guardo o bilhete na minha bolsa, era a lembrança mais feliz da minha vida. Não sabia quanto tempo duraria esse relacionamento, mas ficaria sempre gravado na minha mente. Ele era diferente dos outros, não só no sentindo sexual, quando no emocional e modo de agir.

Nunca recebi um bilhete como este, com poucas palavras Michael fez o meu dia.

Voltei para a cozinha, meu estômago roncava de fome. Abri a sua geladeira, para encontrá-la abastecida, nunca vi tanto alimento junto, exceto nas geladeiras do mercado. Peguei leite, cereal e despejei tudo no pote de vidro. Enquanto comia, analisava sua cozinha. Era muito bonita, como o resto da casa. Eu até poderia me ver cozinhando, mesmo que eu não soubesse esquentar água.

Não deveria criar esperanças, mas não conseguia. Tudo parecia um sonho, não só a casa como o príncipe Michael. Eu estava perplexa com sua vida, tinha crescido na pobreza pelo vício dos meus pais. Nunca tive um celular, até Tor aparecer.

Tor me mostrou o mundo, eu era apenas uma menina boba quando o conheci. Ele me ajudou a sair do casulo e tentar viver. Sempre me dava

presentes para compensar suas burrices e traições. Há pouco tempo, eu ainda acreditava que podia mudá-lo, só que era impossível.

Ele era assim, explosivo, ciumento e possessivo, mas só para o meu lado. Eu era cobrada, enquanto Tor me traía com seus clientes e descontava seus problemas em mim. Um homem complexo, que me enganava facilmente.

Terminei de comer, lavei a louça e guardei, tudo com cuidado. O relógio marcava às 11h35min, raramente acordava a esta hora, mas estava cansada, com tanto trabalho que Michael me deu.

Sentada no sofá da sala, liguei a televisão com o comando de voz, como tinha visto Mike fazer e procurei um canal. Nada me chamou atenção, até parar em um canal de desenho. O desenho era de um personagem que eu tinha uma pelúcia quando criança, presente de minha mãe. Assisti-lo me trouxe recordações dela, com os olhos marejados e um sorriso no rosto, passei o resto da manhã em frente à televisão.

Michael não voltava e eu estava aflita, não sabia o que fazer naquela casa. Tinha medo de mexer nos móveis e objetos de decoração, com medo de quebrar algo. A campainha tocou, eu não sabia se deveria atender. Fui até a porta sorrateiramente, pelo olho mágico vi meu pai, que estava apresentável. Não parecia bêbado, sim limpo e arrumado, algo que não via em anos.

Mesmo vestindo só uma camisa masculina, abri a porta, pois ele tocava a campainha impaciente. Após a noite passada, não esperava vê-lo tão rápido, confesso que fiquei com medo, mas por estar sóbrio, imaginei que não me faria mal algum.

— Você?

(...)

Michael

Tinha passado na farmácia para pegar uma pílula do dia seguinte para Mazi, que eu tinha deixado dormindo hoje de manhã. Precisei sair cedo,

mesmo que quisesse passar o dia ao seu lado, não poderia pela reunião que tinha com os vereadores.

Estacionei meu carro na frente da minha casa, apanhei um buquê de flores no banco de passageiro e desci do carro. Estava ansioso para vê-la, por isso meus passos eram largos e rápidos. Ao entrar em casa, notei que estava silenciosa e quente, todas as janelas estavam fechadas e o ar central desligado.

— Mazi. — Chamei-a enquanto procurava pela casa, mas não a encontrei. Suas coisas já não estavam mais no meu quarto, deixei o buquê escorregar da minha mão, mais uma vez estava sendo deixado.

Sem amor para Michael. Eu realmente achava que morreria sozinho. Jogo a cartela do remédio no lixo e volto para o carro, talvez ela esteja na casa de Demétrio, voltou por causa do pai.

Durante o trajeto até sua casa, rezei que ela estivesse lá, mas quando entrei na sua casa e achei seu pai no sofá, sóbrio, estranhei.

— Demétrio, cadê a Mazi?

— Não sei, estava na sua casa. Aconteceu algo? — ele se levantou, caminhou até a cozinha e pegou uma cerveja na geladeira. A casa ainda estava sem luz, não tinha água, mas apostava que na geladeira desligada tinha muitas cervejas. Velho escroto.

— Cheguei em casa e ela sumiu, não sei o que aconteceu.

— Sabe, quando fiz o trato com você, expulsei a minha filha de casa a seu pedido. Não lhe contei que Mazi só estava se relacionando com você, por causa da casa. Ela faria você mudar de ideia e depois poderia seguir livre.

— Isso não é verdade.

— É verdade e sabe disto, no começo ela não aguentava sua presença e então se interessou por você. Mazi nunca te quis, estava interessada no seu dinheiro, aquela pequena prostituta. Fez isso com Tor e agora com você. — sento derrotado no sofá, ele me entrega uma cerveja e bate no meu ombro.

— Por que fugir?

— Eu não sei, ela tem apenas vinte e um anos, é uma adolescente

ainda. — Sempre fico com as mulheres erradas, gananciosas e traiçoeiras. Com coração apertado e um nó na garganta, começo a compreender suas palavras.

— Que... Vadia... — ela não estava aqui para se defender, mas seu pai fala por Mazi.

— Mas eu cumpri a minha parte do acordo, vou ficar com a casa e o dinheiro?

— Fugiu, não vejo como isso faz parte do acordo. — Eu não lhe daria dinheiro por nada.

— Eu concordei em mandá-la embora e não a fazer ficar com você. Quero a casa e o dinheiro. — Aborrecido com tudo aquilo, acabo concordando.

— Fica com a casa, mas sem o dinheiro, já que ela não está comigo. — Ele passou um tempo pensando, então concordou.

— Minha filha ou meio milhão? — questionou baixo, não entendi o que realmente queria dizer. — Minha filha — respondeu. — Eu concordo, agora se puder sair da minha casa, agradeço.

Termino minha cerveja e me levanto, disposto a nunca mais olhar para aquele velho e esta maldita casa, onde me magoei mais uma vez.

Dirigi até a minha casa, passei o resto do dia sentado em meu quarto olhando para a parede. No dia seguinte, sai de casa para recolher minhas cartas e então achei um escrito no envelope.

Para Michael.

Entrei em casa e fui para o meu escritório, sentado numa cadeira de couro abri sua carta.

Caro Michael,

Confesso que foi muito difícil tomar esta decisão, quando meu pai me forçou a me aproximar de você, simplesmente para deixar que ficássemos na casa onde cresci, EU recuei. Tentei me manter longe de você, pois não queria te machucar, mas fui obrigada a tapas a te aceitar em minha vida.

Não sabe o quão torturante era tentar te agradar, receber seus

carinhos, suas palavras amorosas, beijá-lo e acariciá-lo, como se eu realmente me interessasse por você.

Com você foi bem mais difícil do que com Tor, mas a noite do beco, após a luxúria passar me senti estranha, suja, não consigo nem me expressar direito.

Não haveria dinheiro no mundo que pagasse TEr que conviver com alguém por obrigação, meu pai tinha conseguido a casa com você e eu podia ir embora. Finalmente livre, do meu pai, desta cidade e de você.

Posso ser livre como um pássaro. Conhecer outras cidades, até mesmo países. Qualquer coisa longe desta cidade é melhor.

Esquece o que você pensa que sabe sobre mim, pois essa garota não existe e sim uma aventureira. Aguentei porrada demais até hoje, preciso ser feliz, preciso ser realmente amada. Sentir o gosto da liberdade sozinha.

Após todo este desabafo, quero que saiba que sinto muito. Nunca quis magoá-lo, só fiz o necessário para me manter. Você vai me entender, não éramos bons juntos. Você cArente demais, aMando uma mulher que ama outrO.

À todas as mulheres que te abandonaram, dedico esta carta, que com muito pesar em saber que a verdade dói, mas não destrói.

Tenha uma boa vida.

DEIXA EU VOAR...

**PASSARINHO QUER VOAR
QUER CONHECER O MUNDO
TER A LIBERDADE DE IR E VIM**

**QUER TER AVENTURAS E NOVOS AMIGOS FAZER
QUER VIVER O QUE NÃO VIVEU NA SUA MOCIDADE
APENAS QUER REALIZAR O SONHO DE AMAR**

**QUER PODER VER O MUNDO SEM COMPROMISSO,
SEM SE IMPORTAR SE ALGUÉM LÁ ATRÁS FICOU
A LHE ESPERAR NUM PORTO QUALQUER**

VOA MINHA LIBERDADE, VOA AO ENCONTRO DA

LIBERDADE

***VOA, VOA, AO SONHO TEU...VOA PASSARINHO, VAI AO
ENCONTRO DO DESCONHECIDO E EM CADA PORTO DEIXA UM
AMOR***

— MarlyceOliveiraDaSIL

Mazikeen.

Ao terminar a carta, meu ódio por ela era enorme. Fecho o punho, amassando a carta, mais uma vez sou derrotado por uma mulher. Eu nunca me relacionaria sério com alguém. Nunca mais acreditaria nas mentiras de outra mulher, ordinária. Tentei fazer o máximo possível por ela, para que fugisse, me usasse. Soco a minha mesa e grito:

— Nunca mais vou deixar outra mulher brincar comigo. Nunca. — Guardo a carta amassada na última gaveta do gaveteiro e a tranco. Toda vez que eu pensar em relacionamento, em amar alguém de novo, leria e lembraria de como Mazi disse ter nojo do meu toque. Eu era um bobo, que ama Maya e acredita que a esquecerá com outras mulheres.

Foda-se ela e todas as mulheres.

As cartas que você nunca lerá

Vinte e três de março

Mazi,

Não sei porque estou escrevendo esta carta, não tem como enviar para você, para que pudesse ler minhas palavras. Acho que é uma forma de me expressar, conseguir dizer tudo que tenho dentro de mim. Cansei de te procurar, foram dois longos meses te procurando. Querendo saber onde você está, se está bem e segura.

Meio louco que eu me preocupe tanto com alguém que conheci tão pouco. Recuso-me a acreditar em suas palavras, aquela carta não pode ser verdade. A garota que eu conheço, ou acho, não escreveria aquilo. Só consigo pensar em você.

Malditas flores, eu odeio flores.

Odeio que você não esteja aqui.

Odeio ser abandonado.

No momento, odeio o mundo.

Ouvi eles dizerem que isso era o resultado de se envolver com alguém mais novo, sem juízo. É claro que você gostaria de conhecer o mundo, mas também não a pedi em casamento para fugir assim de mim.

Tic... Tac...

O tempo passa e eu ainda estou aqui, esperando você voltar.

Volta, por favor, com você aqui é mais fácil.

*Se você for me deixar, querida
Deixe alguma morfina na minha porta
Porque vai ser preciso muita medicação
Pra perceber que o que nós tínhamos
Nós não temos mais*

*Não há religião que possa me salvar
Não importa quanto tempo meus joelhos estejam no chão
Então mantenha na mente todos os sacrifícios que estou fazendo
Pra te manter ao meu lado
E evitar que você saia pela porta*

*Porque não haverá luz do sol
Se eu te perder, querida
Não haverá céu claro
Se eu te perder, querida
Assim como as nuvens
Meus olhos farão o mesmo
Se você se afastar, todos os dias irá chover
Chover, chover*

*Eu nunca serei o favorito da sua mãe
Seu pai não pode nem me olhar nos olhos
Oh, se eu fosse eles, eu faria a mesma coisa
Dizendo "Lá vai minha menininha
Andando com aquele cara problemático"*

*Mas eles só estão com medo de algo que não podem entender
Ohh, mas queridinha, me veja fazê-los mudar de ideia
Sim, por você eu vou tentar, vou tentar, vou tentar, vou tentar
Eu vou recolher esses pedaços quebrados até sangrar
Se isso deixar as coisas bem*

*Porque não haverá luz do sol
Se eu te perder, querida
Não haverá céu claro
Se eu te perder, querida
Assim como as nuvens
Meus olhos farão o mesmo
Se você se afastar, todos os dias irá chover
Chover, chover*

Apenas não diga (apenas não diga)

Adeus (adeus)
Apenas não diga (apenas não diga)
Adeus (adeus)
Eu vou recolher esses pedaços quebrados até sangrar
Se isso deixar as coisas bem

Porque não haverá luz do sol
Se eu te perder, querida
Não haverá céu claro
Se eu te perder, querida
Assim como as nuvens
Meus olhos farão o mesmo
Se você se afastar, todos os dias irá chover
Chover, chover

Bruno Mars - It Will Rain

Com amor, Michael.

(...)

Primeiro de abril

Mazi,

Estou com raiva, muita raiva.

Deixei tudo ir embora, descido não me eleger mais para prefeito, quero sumir desta cidade e esquecer as pessoas fofoqueiras que moram aqui.

Hoje seria seu dia, primeiro de abril, o dia da mentira.

Tudo em você foi uma mentira, tudo que pensei sentir por você.

Como alguém desaparece sem deixar rastros?

Hoje também é o dia que seu pai morreu, eu nunca gostei dele, mas meus sentimentos. Caiu da escada, quebrou o pescoço.

~~Já foi tarde.~~

Mesmo assim é seu pai e você gostava dele, mesmo que te surrasse até que perdesse a consciência, mas li em um artigo que O elo que existe entre pais e filhos é uma das ligações mais forte da natureza, ou seja, entendo que o ame.

Depois que dei a casa para ele, não o vi mais, só esta manhã que descobri sua morte.

.....

Tenho que parar de escrever cartas para ninguém. Você nunca vai ler esta carta, sei que nunca mais voltará para cá.

Só que ajuda a escrever, assim tenho com quem falar.

*Baby, este amor, eu nunca vou deixar morrer
Não pode ser tocado por ninguém, eu gostaria de vê-los tentar
Eu sou um homem louco por seu toque
Menina, eu perdi o controle
Eu vou fazer isso durar para sempre
Não me diga que é impossível
Oh querida, minha alma
Você sabe que ela urge pela sua
E você tem preenchido este espaço desde que você nasceu*

*Porque você é a razão pela qual eu acredito no destino
Você é o meu paraíso
E farei qualquer coisa para ser seu amor, ou ser seu sacrifício
Jaymes young - infinity*

(...)

Nove de janeiro.

Mazi,

Acho que faz um ano desde que me sentei nesta cadeira de couro, reli sua carta e escrevi. Tenho certeza que te esqueci, mas acontece que as vezes, só as vezes, eu me lembro de você. Dos seus olhos azuis. Seu sorriso. De você.

Merda, eu não esqueci de você. Eu finjo que sim.

Segui em frente, sem relacionamentos, não posso mais ser abandonado.

Primeiro Maya. Depois minha noiva, então Emma e por fim, você. A pior de todas. Não sou bom com mulheres, por isso tenho evitado ter mais contato que uma noite. Confesso que o sexo não é dos melhores.

Confesso também que a bebida não me ajuda a esquecer.

Confesso que estou muito na sua ainda.

Maldita.

Você me afetou de uma forma que ninguém fez, só consigo fingir que as coisas estão bem. Vou me recuperar. Tenho certeza.

Minha última carta, prometo.

*Estou entorpecida e fácil demais
Você foi embora e eu preciso ficar chapada o tempo todo
Para parar de pensar em você*

Ooh-ooh-ooh-ooh, ooh-ooh-ooh-ooh
Chapada o tempo todo
Para parar de pensar em você
Ooh-ooh-ooh-ooh, ooh-ooh-ooh-ooh
Passo meus dias trancada numa neblina
Tentando esquecer você, querida
Eu volto para o mesmo lugar

Continuo brincando de faz de conta
Onde a diversão não tem fim, ooh
Não posso ir para casa sozinha novamente
Preciso de alguém para aliviar a dor, ooh

tove lo - habits (stay high)

Capitulo

Cinco anos depois

Mazi

Após alguns anos, eu estava voltando para minha cidade natal, San Rafael. Apesar de ter perdido contato com aqueles mais próximos, tinha recebido uma chamada da enfermeira que cuidava de Gigi, ela tinha falecido. A senhora sempre foi como uma mãe para mim, saber da sua morte me arrancou lágrimas, muitas lágrimas e eu não chorava há anos. Esse era o motivo de estar dirigindo para San Rafael, para seu velório.

Eu a amava demais para não voltar para me despedir, não importava que talvez eu pudesse reencontrar Michael e que ele fizesse perguntas.

Não gostava de lembrar da noite que parti, mas era só fechar os olhos, que a imagem do sorriso perfeito dele vinha. Estava gravado na minha cabeça, cada detalhe dele. Seus olhos castanhos com manchas verdes me perseguiram, era só olhar para ela.

Assim que entrei na cidade e avistei a placa, dando boas-vindas para San Rafael, meu coração acelerou. Eu não estava pronta.

Parei o carro no sinal vermelho e respirei fundo. Eu conseguiria fazer isso, são só três dias e então voltaria para Fort Bragg, 150 milhas e três horas de distância. O sinal abre e volto a dirigir, procurei um hotel e não foi difícil de achar. Há cinco anos não tinha nenhum, agora havia vários.

Parei o carro no estacionamento e tirei o cinto.

— Querida, acorde, chegamos. — Saio do meu carro, para ajudar sair de sua cadeira.

— Nossa, estava em um soninho tão gostoso. — Ela espreguiça e pula para fora da cadeira quando solto o cinto.

— Vamos pegar um quarto e poderá voltar a dormir, sei que está cansada. — Ela agarra minha mão, enquanto me segue até o hotel. Segurando seu coelho pelas orelhas, arrasta as patas da pelúcia pelo chão.

Assim que entramos o sino anuncia nossa chegada, peço um quarto

para o atendente no térreo, já que eu odeio escada. Seguimos para nosso quarto, a deixo deitada na cama, enquanto pegava nossa única mala no carro.

— Ainda está triste, por causa da Gigi? — questiona Flora.

— Sim querida, mas me conforta saber que ela está em um lugar melhor. — Sentada na beira da cama, Flora me abraça por trás, passando seus pequenos braços ao meu redor e apertando.

— Vou te confortar, assim não precisará chorar.

— Eu não choro.

— Não pode falar mentira, nós sabemos que sim. Eu te ouço de madrugada, quando pensa que estou dormido. — Puxo-a para o meu colo e beijo sua cabeça.

— Eu não acredito que tenho que concordar com uma criança. — Não consigo segurar as lágrimas, seus pequenos dedos as secam.

— Por favor, não fique triste. Ela está com Deus, agora. — Eu não sabia como poderia ter dado à luz a algo tão precioso, que floresceu meu jardim, após tantos anos de tortura.

— Tem razão, ela odiaria lágrimas. — suspiro e tento sorrir.

— Agora que parou de chorar, podemos comer algo? Minha barriguinha está com fome. — Ela acaricia sua barriga e imitiu um som de ronco.

— Sim, vou pegar os óculos para você. — A coloco no chão e me levanto, procuro na minha bolsa os óculos de sol. — Coloque.

— Por que tenho que usar isso? Não está sol. — Ela cruzou os braços e bateu seu pezinho no chão.

— Você precisa usar para se proteger da luz da lâmpada. Não quer ficar cega, não é? — menti para convencê-la a ficar com os óculos. Saímos do hotel e caminhamos até uma lanchonete mais perto. Pegamos um lanche para viagem e comemos sentada no parque, observando as crianças brincarem.

—Depois que eu terminar meu lanche, posso brincar?

— Sim, querida. — Ela termina rapidamente seu lanche e suco de caixinha, sentada observando Flora brincar e meu coração se acalma. A minha razão de viver tinha o sorriso mais lindo e sempre me esforçava para que ela crescesse rindo.

Ultimamente tenho vivido do dinheiro da minha antiga casa, que depois da morte do meu pai, foi vendida. Estava acabando e eu precisava arranjar um emprego, mas não conseguia deixar Flora, longe da minha vista. Quando não estava com ela, meu pensamento estava. Desde que nasceu, meu mundo girava ao seu redor e isso me ocupa, deixando pouco tempo para me arrepender de alguns acontecimentos.

A maternidade era a melhor coisa que já experimentei, aos vinte e seis anos de idade tinha orgulho da minha pequena. Que com apenas quatro anos, já estava quase lendo e escrevendo. O coração de mãe enche de orgulho, de ver sua filha crescer tão bem.

Diferente da criação que tive, Flora tem tudo do bom e do melhor. Estuda na escola mais cara da minha cidade. Tem quantos brinquedos quiser. E todos os anos, no seu aniversário, visitávamos a Disney.

Agradeço a Deus, que o terreno da casa valesse um milhão de dólares, mas esse dinheiro estava chegando ao fim e arranjar um emprego para nos sustentar era necessário.

Dividia meu tempo entre cuidar da minha filha e escrever meu romance, que eu esperava publicar e ganhar algum dinheiro.

Flora brincava no escorregador com uma menina loira, que parecia ter sua idade. Distraí-me com o celular, atendo a ligação de Anna, ex-enfermeira de Gigi, ela me diz o horário do velório e nos despedimos. Quando volto a procurar Flora, não a acho.

Levanto-me do banco e começo a procurá-la. Avisto conversando com um homem, ao lado da menina loira. Aperto meus passos até ela, quanta vezes disse que não podia conversar com estranhos, mas ela era sociável demais. Desde bebê se dava bem no colo de estranhos, conversava com qualquer um, isso me deixava ainda mais aflita.

Quando me aproximei ouvi ela falar para o homem de boné na frente dela.

— Tem alguma coisa no meu olho, você pode ver o que é? — ela levanta os óculos e o homem a examina, mas não demora muito para agarrar seu braço e puxá-la.

— Flora, o que disse sobre falar com estranhos? Quase morri do coração quando não te vi. — Ajoelho-me para abraçá-la apertado, ela era minha vida.

— Desculpa mamãe. — As lágrimas ameaçam a cair, pois eu estava com medo. Medo de perdê-la. Medo de alguém machucá-la. Estava fazendo o possível para proteger a minha filha de todo o mal do mundo.

— Está tudo bem, só não converse com estranhos. — Afasto-me e antes de levantar, beijo sua testa.

Com toda a minha preocupação, nem reparo no estranho de boné. Quando a menina loira se aproximou e disse:

— Ele não é estranho, é o meu tio. — Presto atenção no estranho, vestindo uma familiar calça de moletom e regata. Não consigo subir meu olhar, pois sei que vou encontrá-lo.

— Não vai olhar nos meus olhos, docinho? — com muito esforço, ergo a cabeça e o encaro.

Merda de Michael, sempre ficando na minha pele.

Capitulo

*Toda a estrada é uma subida escorregadia
Mas sempre há uma mão na qual tu podes te segurar...
Apenas saibas que não importa aonde vás
Não, você nunca está sozinha...*

Jason Mraz - 93 Million Miles

Michael

Acordei com a voz aguda de Emma, que estava tentando me acordar.

— Merda Michael, acorda, você precisa sair da minha cama. — sento na cama e levo um tempo para assimilar suas palavras.

— Ele já chegou?

— Não, acabou de telefonar, chega em quinze minutos. — Levanto-me da cama e começo a me trocar, ainda sonolento. O marido de Emma, Vinicius, tinha viajado a trabalho e nessas viagens eu sempre ficava na sua casa, para não a deixar sozinha.

Ela era minha ex, tínhamos namorado há um tempo, mas agora sou seu amante. Merda, não gosto desta palavra "amante". Sou cara que a fodo quando seu marido não está e quanto está também, pois tínhamos transando no banheiro de uma festa que ele estava.

Após estar vestido, me aproximo dela para beijá-la.

— Acho que dá tempo para uma rapidinha. — Coloco seu cabelo atrás da orelha, para poder morder seu lóbulo e descer meus lábios em seu pescoço.

— Eu queria tanto..., mas não podemos. — Eu sabia que não teríamos tempo, só que eu poderia provocá-la. Vestida com um robe vermelho, puxei o laço que o fechava. O tecido deslizou pelo seu corpo a deixando nua, mesmo depois dos quarenta anos e dois filhos, seu corpo ainda era perfeito, exceto

sua barriga, já que estava grávida de cinco meses. — Queria ter você sempre, sem me preocupar com Vinicius, mas se recusa a me deixar separar.

— Você não pode abandonar seu marido, tem um filho e está grávida.
— Afasto-me dela.

— Você fala isso, pois não quer assumir meus filhos, mas pode me comer escondido do meu marido.

— Não quero que você separe, pois ele é bom para você. Vai ter um bebê e sabe que eu fujo de relacionamento.

— Sei disto, pois toda vez que falo de ficarmos juntos você corre. — Emma pega seu robe e o coloca, escondendo seu lindo corpo da minha vista. Desde que voltamos a nos ver escondido, há dois meses, ela vem tentando me convencer a ficarmos juntos. Faz cinco anos que Mazi foi embora e desde então eu evito me relacionar, sabia que estava na hora de afastá-la, não porque estava grávida e tinha um filho e sim, pois eu havia prometido nunca mais me relacionar.

— Acho melhor parar com isso, seu marido pode descobrir e você não vai querer que seu contrato nupcial seja quebrado.

— Você... Você tem outra, não é? — seu rosto fica vermelho, sei que está com raiva.

— Não importa, só acho que é melhor darmos um tempo. Se o seu marido descobre vai ser um escândalo para esta pequena cidade. — Emma estava pronta para rebater, quando ouvimos a porta abrindo no andar de baixo, seu marido estava em casa. — Acho que o corno chegou, preciso ir. — Beijei sua bochecha e corri para a porta dos fundos, seu filho Jack de cinco anos me viu, só que pensava que eu era um técnico de eletricidade.

Já no meu carro, termino de arrumar minha blusa social e tento arrumar da melhor forma meu cabelo desalinhado. Quando chego em casa, meu cachorro vem me cumprimentar. Aquele labrador era meu companheiro de anos e já estava velho e cego. Acaricieei sua cabeça com a mão, aproveitando cada segundo que restava. Sabia que eu teria que sacrificá-lo, estava ficando debilitado e não queria que ele sofresse.

— Oi amigão também estou com saudade. — Ele lambe meu rosto em

resposta. — Quer dar uma volta no parque? — sua resposta foi um latido, vou atrás da sua coleira após trocar de roupa.

Passava das treze horas, descido passar na casa de Maya e pegar Mary no parque, onde ela adorava brincar. A menina era sua filha mais jovem, muito parecida com a mãe. Cheguei a sua casa e encontrei Luke cortando a grama, me aproximo e o cumprimento.

— Oi Cara. — Ele desliga o cortador e se aproxima.

— Oi, arrumei a moto que me trouxe, Liam me ajudou. — Aperto sua mão suada, estávamos mais próximos nesses últimos anos. Todo domingo ia até a minha casa para assistirmos o jogo, beber uma cerveja.

— Você pode levar em casa hoje? Quero testar.

— Claro. Veio levar Mary no parque?

— Sim, faz um tempo que não a levo, sempre que a vejo ela me cobra.

— Muito parecida com a mãe dela. — A porta abre e Maya sai de casa com Mary no colo, apesar de ter quatro anos, era pequena para sua idade.

— Tio Mike. — A pequena se contorceu nos braços de sua mãe, que a soltou para que pudesse pular no meu colo.

— Princesa. — Aquela menina loira era um anjo, quando estava perto dela meu mundo ficava mais colorido e cheio de flores, Mary adorava flores e ajudava sua mãe a manter o pequeno jardim na frente da casa. — Queria a levar no parque, tudo bem?

— Sim, mas a traga de volta antes das dezessete horas, ela tem balé.

— Eba — gritou animada. — Você trouxe o Toby?

— Está no carro. — Aponto para o meu carro, Toby estava com a cabeça para fora da janela, latindo.

— Mãe, não acho meu uniforme. — Ouço Liam chamá-la da porta. O menino era muito alto para seus doze anos, muito parecido com seu pai. Cabelos negros e os olhos de sua mãe, azuis. — Oi Liam.

— Oi, tio Mike.

— Liam, quer ir com a gente para o parque? — pergunta sua irmã.

— Não posso tenho treino e não acho meu uniforme. — O garoto joga futebol americano no time que seu pai era técnico.

— Acho que você esqueceu de colocar na lavanderia para sua mãe lavar, vê na sua mochila. — Sugere seu pai.

— Eu não lembro de ter levado, mas a mãe vai te ajudar a procurar. — Ela virou para mim e se despediu: — Tchau Michael, traga minha filha em segurança.

— Pode deixar. — Vi Maya e Liam entrarem na casa e fecharem a porta. Luke voltou a corta a grama e eu levei Mary para o carro.

— Posso ir na frente? Mamãe nunca me deixa ir, mas papai sim, às vezes, fico no seu colo, dirigindo com ele no estacionamento do mercado.

— Pode ir na frente, mas terá que colocar o cinto. — Coloco-a sentada no banco de passageiro, prendo o cinto. Toby fica agitado, tentando pular no colo de Mary, porém estava preso com o cinto de segurança.

— Para Toby. — pediu Mary, quando o cachorro lambeu seu rosto. A risada da menina encheu o carro, não tinha som mais bonito que a risada de uma criança feliz.

Chegamos ao parque, Mary não pôde conter a excitação, assim que saiu do carro viu suas amiguinhas e correu até elas, sem me esperar.

— Mary, não corra e me espere. — Mas a menina não atendeu meu pedido, só parou na frente das meninas que brincavam no escorregador. Tirei Toby do carro e andei para o parque, sentei no banco que podia ver Mary.

O labrador deitou no chão, com a cabeça entre meus pés. Coloquei um boné por causa do sol forte, passei um tempo vendo as crianças brincarem.

Odiava ficar sozinho, pois meus pensamentos se dirigiam a ela. As lembranças ainda eram vivas mesmo depois de cinco anos afastados. Seu pai tinha morrido pouco meses após sua partida. Consegui que a casa ficasse com eles, meu pai ficou furioso e me separou da sua empresa, dizendo-me ser fraco e com o coração mole. Não me importei, após dois dias da nossa briga, ele voltou a falar comigo. Tínhamos nossos problemas, brigávamos, mas sempre voltávamos a nos falar, ainda mais, após a morte da minha mãe há dois anos.

Câncer era uma merda, levou minha mãe aos poucos e nenhum dinheiro no mundo ou fé conseguiu salvá-la.

Continuava viva em minha memória, além de fazer papai e eu ficarmos mais próximos. Ele tinha se aposentado, já não era um grande político, agora cuidava da minha campanha para governador.

Este seria o último verão em San Rafael, eu já não era mais o prefeito e quando a próxima estação chegasse eu estaria em Sacramento. Desta vez, não era pressão da minha família, eu realmente queria isso.

Durante cinco anos eu mudei bastante e dificilmente voltaria a confiar em outra mulher. Deve ser por isso que pule de cama em cama. Confesso que apesar de solitária era satisfatória esta vida.

Mary se aproximou de mim com uma menina com cabelos negros, assim que estavam na minha frente, Toby levantou para cheirá-las e depois lambe suas mãos.

— Olha, ele gostou de você, Flora.

— Queria tanto ter um cachorro, mas mamãe disse que o síndico não permite animais. — A menina se ajoelhou no chão e brincou com o cachorro, que derrubou seus óculos de sol, mas ela logo colocou de volta. — Calma Toby.

— Vem aqui, Toby. — Puxo sua coleira, para que parasse de "atacar" a menina.

— Tem alguma coisa no meu olho, você pode ver o que é? — A menina se aproxima para que eu pudesse ajudá-la, levanta os óculos, pisca repetidas vezes antes de abrir. Ela tinha grandes olhos castanhos com manchas verdes, muito familiar.

Nos últimos anos eu estava um libertino, não era impossível que tivesse alguns filhos perdido pelo mundo, mas era só olhar para a menina, que estava nítido que se parecia comigo. Não era seu cabelo escuro e nem sua pele alva, que com certeza veio da genética de sua mãe. Só me relacionei com uma morena nestes últimos anos, sempre preferi evitá-las, pois lembrava de Mazi.

— É apenas um cílio, vou assoprar para você. — Flora se inclina e eu

assopro seus olhos, então ela sorri e agradece:

— Obrigada. — Antes que eu pudesse dizer que deveria voltar para a sua mãe, uma mulher a puxa pelo braço.

— Flora, o que disse sobre falar com estranhos? Quase morri do coração quando não te vi. — A mulher com cabelo negro curto, na altura dos ombros, se ajoelhando para abraçá-la.

— Desculpa, mamãe. — Meus olhos estavam fixos na mulher, ainda não pude ver seu rosto, mas reconhecia sua voz. Estava com medo da verdade, só que ela tinha muita coisa para me explicar. Cinco malditos anos e uma possível filha.

— Está tudo bem, só não converse com estranhos. — Mazi se levanta, Mary se aproxima para dizer:

— Ele não é estranho, é o meu tio. — Mary minha pequena protetora estava brava que alguém achasse que eu era um estranho, para ela, sou o tio Mike para todas as crianças.

Mazi manteve seu olhar no meu peito, não conseguiu olhar nos meus olhos e só fazia isso quando estava mentindo, mas naquele caso não queria me encarar e dizer que escondeu uma filha.

— Não vai olhar nos meus olhos, docinho? — com a garganta seca, digo com dificuldade.

Ela não fugiria desta vez.

Nunca mais.

Capitulo

Mazi

*Problemas que não precisam existir
Sorrisos que chegam para logo partir
Coisas que se podem evitar
Eu não preciso mais errar
Nas mesmas coisas, eu aprendi
Que teus sonhos não morrem mesmo que eu adormeça*

Anderson Freire - Sonhos Perfeitos

Não o respondi, peguei a mão de Flora e caminhei para longe. Ouvi-o chamar meu nome, mas eu não paro. Flora acompanha meus passos, quando estou longe o suficiente, paro.

— Mamãe, está tudo bem?

— Sim, só precisamos voltar para casa.

— Mas pensei que iríamos nos despedir da Gigi. — Eu não podia ficar na cidade. Estava claro que não conseguiria ficar na mesma cidade que ele sem revelar a verdade.

— Sei que ela vai entender. — Chateada Flora concorda sobre irmos embora, tudo que precisávamos era da segurança de um lar. Ao chegamos no hotel, arrumo tudo que tínhamos espalhado e coloco no carro. Flora estava no carro, enquanto eu pagava a diária que nem vou usar.

Quando volto para o estacionamento, encontro Michael encostado no meu carro, com seu velho cão ao seu lado.

Com o corpo arrepiado, me aproximo.

— Está fugindo de novo? — fugindo? Eu nunca fugi dele.

— Não, só voltando para minha casa. — através do vidro do carro, vi Flora sentada em sua cadeira mexendo no seu tablet, a menina loira estava do seu lado.

— Sua casa é aqui.

— Não mais.

— Aqui ainda é a sua casa, pode ficar, não precisa ir embora. — Tento passar por ele, que segura meu braço e me impede.

— Por favor.

— Não quer ir para sua "casa" quer fugir de mim, pois sabe que quero respostas.

— Não tem nada para perguntar. Pode cuidar da sua vida, que eu cuido da minha. — Ficamos algum tempo nos olhando, então pergunta:

— Ela é minha? — fecho meus olhos, respirando fundo, respondo:

— Não, é do Tor. — Ele me fita, não me solta.

— Ela é minha filha? — repeti.

— Não. — Continua firme na minha reposta. Ele se aproxima, com a boca perto da minha orelha, volta a perguntar.

— Vou perguntar mais uma vez e quero a resposta verdadeira. — Seus olhos eram crus, sem emoção e diferente de alguns anos. — Aquela garota, com os olhos castanhos e manchas verdes é a minha filha?

Merda, ela não deveria ter tirado os óculos. Eu sabia que qualquer conhecido de Mike, que a olhasse saberia que era sua filha. Os olhos não me deixavam mentir. Eram muito parecidos. Ela era muito parecida com ele, salvo sua cabeleira negra e a pele alva.

— Flora é minha filha, disto eu tenho certeza. Já sobre seu pai, pode ser mais um doador de esperma. — Com o maxilar trincado, fecha os olhos por alguns segundos e diz:

— Não faça isso.

— O quê?

— Não me afaste da minha filha.

— Não é sua filha, gozar dentro da boceta de alguém não te faz pai. — Ele suspira.

— Deixa de ser hostil, não vá embora, fique para que possamos conversar. Não quero ser provedor de esperma. E sabe o quanto gosto de

criança, imagina do meu próprio sangue. — Eu não sabia como reagir, tinha medo que ele pudesse me afastar da Flora, sem ela não conseguiria viver. Minha filha era o sol e eu girava ao seu redor.

— Você vai tentar tirá-la de mim? — pergunto com os olhos marejados.

— Não. — Ele forçou um sorriso, não estava crente nas suas palavras, então eu arranjaria uma maneira de sair desta cidade. — Eu quero conhecê-la.

— Eu nunca quis ir embora, mas foi necessário.

— A carta... — começou a dizer, então travou. — A carta acabou comigo.

— A carta também foi necessária, peço que a leia de novo, quem sabe você entenderá. — Michael estava tão próximo, podia sentir o calor do seu corpo.

— Eu odeio aquela carta, não vou relê-la, já o fiz o suficiente. Fique tranquila, não quero a verdade do seu sumiço, já te esqueci há muito tempo. Só que ela, aquela garota, eu quero saber. — Seus dedos afastaram uma mecha do meu rosto, colocando atrás da orelha. Um simples toque deixou meu corpo em combustão, era muito bom ser tocada por ele, só que agora Michael estava com raiva de mim e das minhas atitudes, era visível em seus olhos. A amargura, angústia e a solidão. — Quero fazer parte da vida dela e não vou te deixar ir embora.

— Você não precisa, Flora não sabe que você existe. Deixe-me ir embora, ficará livre de compromisso.

— Não, porra. Você não vai mais fugir, porque se fizer vou usar isso contra você e pedir meus direitos paternais. — Michael já não era o mesmo hoje, que aquele que conheci e isso estava evidente, me afastei dele, longe do seu toque.

— Só posso ficar por três dias, então eu vou embora, pois Flora tem aula e suas atividades extracurriculares. — Não espero uma resposta, vou até as meninas.

— Mamãe, Mary me convidou para ir um dia na casa dela. Disse que tem piscina, eu amo piscinas.

— Um dia você poderá ir, peixinho. — A tiro da cadeira, Mary também.

— Não vamos mais embora?

— Não, sei o quanto queria ir no enterro da Gigi, vamos seguir com o plano original. — Ela bate palmas e abraça Mary.

— Oba, vou poder ir pelo menos uma vez na casa dela?

— Vamos ver, agora pode se despedir dela, temos que voltar para o hotel. — Michael se aproximou, observou quando minha filha abraçou sua nova amiga e se despediu.

— Foi prazer conhecer você, Flora. — Michael se abaixa, no mesmo nível que as meninas e aperta a mão dela.

— O mesmo para você, tio da Mary. — A menina agarrou minha mão, indo para longe de seu pai biológico.

— Posso vir mais tarde para jantarmos juntos? — pergunta Michael, com Mary tentando escalá-lo, para chegar até seus braços.

— Acho melhor não, vou conversar com ela esta noite, venha amanhã.

— Tudo bem, não quero pressionar. Venho na hora do almoço, assim posso levá-las para um restaurante bem legal que abriu recentemente. — Michael pegou Mary no colo e depois o cachorro.

— Tchau Mike — gritou Flora, enquanto observamos eles se afastarem. — Achei ela superlegal, disse que o Tio Mike é muito legal.

— Fico feliz que fez outra amiga e o Mike é um velho amigo, nos conhecemos quando morei aqui.

— Nossa, ele é muito bonito mamãe e tem olhos parecidos com o meu, que você sempre disse que eram únicos.

— Eles são únicos, pois só o seu tem esse brilho da inocência e a cor mais bonita. — Pego-a no colo e a aperto.

— Mamãe, não faz isso, está me apertando. — Ela se contorceu em meus braços, rindo.

— Tudo bem, vai ver quando voltarmos para o quarto do hotel, vou

fazer muitas cócegas em você. — Coloco-a no chão, ela corre para a entrada do hotel.

— Então vamos, quero cócegas e guerra de travesseiro. — Corri atrás dela, a recepcionista me devolveu o quarto, Flora ficou esperando sentada na cama assistindo um desenho, enquanto pegava algumas trocas de roupa na mala, não as tirei do carro, pois não estava certa se ficaria.

Passamos o resto da tarde dentro do quarto, eu pintando minha unha e ela assistindo desenho.

(...)

Michael

Eu tinha uma filha.

Uma linda filha com Mazi, a mulher que no momento ainda odeio.

Chego em casa após deixar Mary na casa da mãe dela, Toby corre para o quintal do fundo e eu entro no meu escritório. Sentado na minha cadeira de couro, abro as gavetas atrás da carta, ela disse que eu precisava reler, mas eu sempre faço isso.

A carta estava perdida, pois não achava em nenhum lugar do escritório e nem no resto da casa, após muito tempo procurando acabei desistindo. Era melhor assim, aquelas palavras me machucavam toda vez que lia.

Não estava preparado para a volta dela, meu coração se trairia, como meu corpo. Por menor que fosse o toque, sentia meu corpo se transformar. Não queria ceder, mas precisava manter minha filha perto de mim.

Queria conhecer a menina.

Ser um pai.

Eu era pai.

Eu seria um ótimo pai, criei praticamente Liam, ajudei Maya em todas as etapas, poderia fazer o mesmo pela minha filha. Fico triste de não ter participado de cada etapa, de não ter ouvido sua primeira palavra, visto seu primeiro passo e nem a segurado quando nasceu.

Só de pensar que Mazi me privou destes momentos por um motivo

besta me irritava. Eu faria de tudo para ter a guarda da menina.

Liguei para meu advogado e contei o acontecido, ele me aconselhou a manter a mãe da menina na cidade, enquanto dava entrada na guarda. Minha próxima ligação foi para Maya, eu precisava desabafar e ela era minha melhor amiga. Sua felicidade era enorme ao saber, disse tantas vezes que eu seria um pai maravilhoso. Como tinha sido para Liam.

Sentado no meu escritório, olhando para o teto com um copo de uísque na mão, só conseguia pensar em como ela estava bonita.

Seu rosto parecia mais velho, talvez fosse o cabelo curto.

Eu a queria, eu só podia pensar nela. Maldita Mazi, sempre me mantendo enrolado em seu dedo. Posso estar ressentido, mas eu tinha necessidade dela. Faria tudo por um beijo. Faria tudo por uma carícia.

De noite Luke apareceu para me entregar uma moto que achei no ferrovelho, ele tinha arrumado tudo. Ela tinha ficado linda, estava pilotando-a pela rodovia, testando-a, acelerava e passava rapidamente entre os carros.

Luke era um ótimo mecânico, fez um trabalho excelente com a moto.

Estacionei na frente da minha casa, Luke me esperava do lado de fora, fumando um cigarro.

— Cara, ficou ótima, nem parece aquela mesma moto.

— Eu te disse, ficou muito foda. Trabalhei nela nas minhas horas vagas com Liam. — Aproximei-me, peguei minha carteira no bolso, pronto para fazer um cheque para recompensá-lo.

— Quanto ficou?

— Não, não quero que pague. — Ele se negou a pegar o cheque. — Não me deu tanto trabalho, como disse, fiz nas horas vagas, não tomou o lugar de outro cliente.

— Mentira, essa moto deve ter dado muito trabalho, faço questão de pagar. Não tomei o tempo de um cliente e sim da sua família.

— Você faz parte dela, a minha família.

— Mais um motivo para te pagar. — Destaquei uma folha do cheque,

já estava assinado, só precisava do valor e a data. — O cheque está em branco, preencha-o e use o dinheiro para sua família. Não é uma doação, sim um pagamento, um dinheiro mais que merecido. A moto ficou incrível.

Ele não pegaria o cheque, por isso coloquei no seu bolso e dei um tapa leve em seu ombro.

— Vá para casa homem, tenho certeza que está sendo aguardado.

— Vou mesmo, hoje Maya vai cozinhar meu prato favorito e tenho que ajudar Liam com a lição de casa. — Luke apertou minha mão, antes de ir embora.

Observei aquele homem, grande e tatuado. Sua cara dizia ser perigoso, mas seu coração era bom. Ele caminhava para a casa dele, onde sua família o esperava, caminhei para a minha, onde a solidão me aguardava.

Tomei um longo banho e fui para a cama, antes de dormir liguei para falar com meu pai sobre a minha campanha.

(...)

Acordo com a campainha sendo tocada, me sento na cama. Tento olhar a hora, mas como a minha vista estava embaçada, não conseguia, após piscar inúmeras vezes consigo enxergar.

3h32min

Levanto da cama e cambaleando vou atender a porta, estava usando só uma cueca, mas não me importei. Quem tivesse apertando minha campainha a esta hora me veria seminu.

Abro a porta para encontrar Mazi, ela segurava nossa filha com uma mãe e a outra o guarda-chuva.

— Mazi, o que aconteceu?

— Posso entrar, aqui está chovendo.

— Claro. — Abro mais a porta para que ela passe, pego seu guarda-chuva e o fecho. — Vocês estão bem?

— Sim. — Ela colocou nossa filha deitada no sofá, onde ela poderia dormir pacificamente. — Eu fui embora.

— Como assim?

— O hotel ficou alagado pela chuva forte, forçando todos os hóspedes a saírem, ainda não tinha escurecido, então decidi ir embora. Eu dirigi 150 milhas até a minha casa, parei na frente do prédio onde moro e não consegui sair do carro. — Ela ficou na minha frente, segurou meu rosto e me fez olhar em seus olhos. — Meu pai disse que quando estou mentindo, eu não consigo olhar nos olhos da pessoa, então tire o seu do meu. Mantenha o olhar e me pergunte qualquer coisa, vou ser sincera.

— Por que você voltou?

— Eu não sei, fiquei com medo de você tomá-la de mim. Fiquei com medo de ter um recaída e não conseguir me afastar mais de você.

— Eu quero ela. Só ela.

— Eu entendo.

— Não, você não me entende. Você para mim não passou de um tempo perdido. Fez o que fez não teve dó e acabou comigo, não pensou em mim. Fugiu sem dizer nada, me mandou uma maldita carta. — Dou dois passos, ficamos mais perto. — Fui eu que te procurei por meses. Fui eu que fiquei machucado e não serei eu que vou te perdoar. — Por mais que eu quisesse que essas palavras fossem verdade, eu não conseguia me manter longe dela. — Nosso relacionamento começa e acaba na nossa filha.

— Tudo bem, se essa é sua escolha.

— Sim, minha escolha. — Ficamos em silêncio, muito próximos um do outro. — A minha escolha. — Repeti contra a sua boca.

Merda, eu queria beijá-la, mas não faria isso. Então dei um passo para trás e quebrei o contato visual. Por mim não passaríamos de bons amigos e evitaria estar próximo dela, pois meu pau tinha sua própria consciência e ele queria ela, mas só meu coração sabe o quanto sofremos.

Capitulo

*Eu sinto minha vida escapar
Eu lancei uma sombra enquanto eu extraviado
Sinto um pino abaixo da minha pele
Sinto que minha tristeza voa para longe
Meus sentidos entorpecidos, não posso correr
Então eu apenas encontre outra maneira
Minha sombra diminui, um ciclo começa
Sinto que minha tristeza voa para longe
Meus olhos ficam fechados, eu me decomponho
Eu sinto minha vida desaparecendo
Pico minha pele, de dentro
Sinto que minha tristeza voa para longe
Lil Bo Weep - Sorrow*

Mazi

Eu não deveria estar aqui, na sua casa.

Não corri quando tive chance.

Era difícil retornar a sua casa, tinha muitas lembranças em cada cômodo desta casa. Eu estava na frente do homem que um dia foi meu, mesmo por alguns dias, mas ele não era mais o mesmo. Lembrava da sua doçura, sempre tentando ajudar, mas então estava frio.

— Você já não é o mesmo? — Michael que andava de um lado para o outro, parou na minha frente.

— Pode não acreditar, mas há cinco anos eu realmente gostei de você. Passei por uma noiva, depois um namoro longo e minha paixão por Maya, mas nenhuma delas me fez sofrer como você. Se interessou em mim por dinheiro, para que seu pai ficasse com a maldita casa, que agora não existe.

— Levo a minha mão até a sua bochecha, acariciando sua pele, minha pele arranha com sua barba.

— Foi muito além disso, no começo sim, porque fui obrigada pelo meu pai. Se eu tivesse tão interessada no seu dinheiro teria fica ou pediria pensão alimentícia, não quero isso. Tenho vivido esses últimos anos pelo dinheiro da casa, mas acabou e agora vou depender da publicação do meu livro. E mesmo assim, não quero nenhum dinheiro seu, posso sustentar minha filha.

— Nossa filha. Ela é a nossa filha.

— Tem razão, nossa filha. — Deslizo meu polegar até seu lábio inferior, me aproximo dele, sua boca a centímetros da minha. — Eu sinto muito, fiquei com mede de tirá-la de mim, Flora é a minha vida.

— Não vá embora. — Sua mão alcança minha cintura, me trazendo contra seu corpo.

— Eu não quero, mas preciso, tenho uma vida em Fort Bragg.

— Sua vida é a minha, por favor, não fuja de novo, me dê a chance de conhecê-la. Dê a oportunidade de ela ter um pai.

— Vamos ver como as coisas funcionam, falei com ela e concordou que poderia conhecer você melhor.

— Disse que sou seu pai? — seus olhos brilhavam de esperança, mas não tinha dito ainda. Flora cresceu sem saber do pai, quando me perguntou se tinha um, há alguns meses, não consegui responder.

“— *Mamãe.* — Ouço meu nome sendo chamado, Flora corre até mim, tinha acabado de sair da escola, era sua primeira semana e ainda estava se adaptando.

— Princesa, como foi seu dia? — a pego no colo e a rodo.

— Foi ótimo. — Ela gargalhou quando dei vários beijos, em todo seu rosto. — Fiz tantas coisas hoje, adoro ir para a escola.

Ainda não tinha me acostumando em mantê-la tão longe de mim, a cada minuto eu ficava com medo. Ele não pode saber que ela existe, sabia que a manteria longe e isso não podia suportar.

Prendo-a na cadeira no carro, antes de entrar no carro.

— Mamãe.

— Sim, querida.

— Por que tem crianças que tem duas mães, dois pais ou um pai e uma mãe, e eu só tenho uma mãe? Minhas mãos apertam o volante, respiro com dificuldade e isso impossibilita que eu consiga falar. Respiro de novo e desta vez, consigo pronunciar algumas palavras.

— Querida, você tem um pai, mas ele está longe.

— Não posso conhecê-lo?

— Pode, só não é o momento. — Olhando seu rosto através do retrovisor, vejo seus lábios abrirem num sorriso, com uma janela. Ela tinha perdido um dente da frente e mesmo assim, parecia tão linda. — Quando chegar o momento, vou apresentar ele a você, se parece muito com ele e terá certeza que é seu pai.

— Tudo bem, vou esperar ansiosa e pedir a Deus que ele chegue antes do Dia dos Pais.”

— Não, mas acho que ela já sabe. Uma vez disse que eram muitos parecidos e esta noite me questionou, dizendo ter os mesmos olhos que o seu. — Encarei seus olhos, era uma das partes que mais achava bonita nele. No sol podia ficar mais verde, na sombra mais marrom.

— Quero passar um tempo com ela, esses três dias que você ficará na cidade pode dormir aqui, assim posso passar mais tempo com ela.

— Acho melhor...

— Por favor, perdi cinco anos da vida dela, por sua causa, acho que três dias ao meu lado não vai te matar, até porque está aqui. Tão próxima de mim, com a mão no meu rosto e sua boca a centímetros da minha. — Sinto sua mão subir pela minha coluna até meu pescoço, agarra meu cabelo e puxa para trás, expondo meu pescoço. — Eu adoraria te foder. — Sinto seus lábios subindo pela garganta, até o meu queixo, onde morde. Meu corpo se arrepia com suas carícias, era muito bom tê-lo. — Mas eu só que te foder mesmo.

Seus lábios sobem até os meus, estava prestes a me beijar, quando viro o rosto. Sua boca bate contra minha bochecha, dá um grunhido de desgosto e

me solta.

— Acho melhor mantermos nossa relação estritamente amigável, vou aceitar a oferta de ficar três dias, mas então se eu decidir ir embora, não pode me parar.

— Eu sei. Você sabe. Nós sabemos que você não vai embora.

— A única coisa que tenho certeza é que você não é o mesmo. — Afasto-me dele, tentando evitar outra vez cair na sua lábia. Sabia que tinha raiva de mim, ressentimento por ter ido embora, mas também não sabe meu lado da história. Apesar de ter escolhido ficar com ele na época, outra pessoa me arrastou para fora de sua vida. — Pode pegar minha mala no carro?

— Sim, cadê a chave.

— Está ligado, não sabia se conseguiria te encarar e conversar com você, assim com ele ligado era só correr.

— Você não vai mais correr. — Pego minha filha do sofá, resmunga um pouco e diz sonolenta.

— Mamãe, quero dormir, para de me acordar. — Acaricio seu cabelo e a balanço.

— Volte a dormir, vou te levar até uma cama confortável. — Ando em direção da escada, Michael me encara e pede para levá-la. — Obrigada por oferecer ajuda, mas passei cinco anos fazendo isso e acho que consigo subir uma escada com ela no meu colo.

Apesar de pesada, com uma leve dor nas costas, eu ainda a mantinha firme. Daria tudo o que não tive, daria amor e uma vida estável a ela, preservaria sua inocência ao máximo. Escolho o quarto mais longe de Michael, coloco minha filha deitada e arrumo uma coberta para cobri-la, logo em seguida Mike entra carregando uma pequena mala.

— Só trouxe isso?

— Sim, até porque são três dias e não três meses. — Era difícil tentar não olhar para seu corpo, ele usava só uma boxer.

— Isso é o que você acha. — Com passos largos, se aproxima. Pega a minha mão e coloca a chave do carro no centro da palma. — Guardei seu

carro na garagem, se é que pode ser chamado de carro, muito velho.

— Os pneus rodam e é capaz de locomover pessoas?

— Sim, mas...

— Então ele é um carro. — Interrompo. — E o melhor que eu posso pagar.

— Mas não é o melhor que eu posso pagar.

— Não quero que pague nada, concentrasse em conhecer sua filha. Agora se puder me dar licença, estou cansada e gostaria de dormir. — Ele se afasta, antes de ir embora, senta-se na beira da cama e alisa o cabelo de Flora.

— Ela me lembra tanto de você quanto a mim. — Pegou uma mecha do seu cabelo liso e enrolou no dedo. — O cabelo... Idêntico. — Inclina-se sobre ela e beija sua cabeça, seu rosto desce até seu ouvido, então sussurra alto o suficiente para que eu possa ouvir. — Durma com os anjos, docinho.

Em seguida, observei ele partir e eu fiquei calma.

Troquei de roupa e me deitei ao lado de Flora, que logo me abraçou. Eu costumava dormir com ela, assim poderia observá-la enquanto dormia. A verdade era que sem ela, não conseguia dormir, tinha pesadelos.

Acaricieei seu cabelo e suspirei.

Foi um dia tão longo, rever Michael me tirou da minha zona de conforto. Um dia eu gostei dele. E acreditava que ainda gostava, se não, por que me afetava tanto?

São sentimentos inexplicáveis, tudo em relação a ele era sem resposta.

Não sabia qual eram seus próximos passos, estava crente de me manter com ele, não me deixaria ir embora mais. Eu não queria ir embora. Nunca. Depois que sai da cidade fiquei com saudade, o mundo lá fora é bem pior e mais malvado.

Quando parei de frente do meu prédio e não consegui descer, já sabia que era por sua culpa. Como eu poderia manter Flora longe do pai. Michael era bom, honesto e vinha de boa família, então qual era minha desculpa?

Esse era o problema, eu não tenho uma.

Não tinha motivos para me afastar dele e não me afastaria. Descido parar de pensar, tento dormir, mas passo a maior parte da noite acordada, quando está amanhecendo, que consigo pegar no sono.

(...)

Acordei com um barulho, estico minha mão para encontrar o lugar de Flora vazio. Sento da cama assustada e a procuro ao redor, ela não está.

O próximo barulho é uma risada e depois gritaria, desço rápido da cama e vou para o andar de baixo. Sigo o som até a cozinha e encontro minha filha sentada no balcão da cozinha lambendo uma colher de chocolate.

Ele não tinha me visto, então fiquei observando Michael, que vestia só uma calça de moletom, estava descalço e parecia tão doméstico. Minha filha tinha o rosto sujo de chocolate, ele se aproximou com um pano, pegou a colher e a colocou na mesa.

— Acho melhor te limpar, não queremos que sua mãe acorde e fique brava conosco. — Gentilmente ele limpou seu rosto, depois suas pequenas mãos.

— Acha que fez panquecas suficientes?

— Sim, eu escondi antes que você comesse tudo, docinho. — Se afastou para descansar o pano na pia, depois ajudou Flora a descer da bancada. Ainda vestida com seu pijama, com manchas de chocolate.

— Podemos acordar a mamãe, ela nunca dorme tão tarde assim? — era a maldita cama, sempre que vinha para sua eu conseguia dormir até mais tarde, talvez fosse por me sentir segura aqui. Com Michael.

— Claro, sua mãe é uma dorminhoca.

— Não precisam me acordar, estou aqui — digo, revelando minha presença. Dois pares de olhos castanhos se voltam para mim, me mantive escondida, só com a cabeça aparecendo, isso porque estava usando somente uma camisola curta.

— Mamãe, vem para cá, temos panquecas com chocolate.

— Vou subir e já venho. — Flora se aproximou, me olhou desconfiada e depois confusa.

— Por que está se escondendo?

— Estou de camisola, deixe-me ir me trocar e já volto. — Michael tenta segurar uma risada.

— Como se eu não tivesse visto tudo... — murmura.

Não espero outro comentário, corro para o andar superior e só volto para cozinha quando estou vestida decentemente. Sento a mesa, Michael coloca um prato com uma montanha de panquecas e o chocolate. Flora como uma boa chocólatra, come tudo que aguenta, até suspirar e dizer:

— Nossa, não posso mais comer, estou cheia. — Pego um papel para limpar sua boca, após tirar a sujeira, levo seu prato para longe.

— Também, quase comeu o prato.

— Mamãe, eu amo chocolate, chocolate é vida. — Nunca fui muito fã, enjoava rápido, já Michael estava na mesma que ela, comendo muita panqueca com chocolate.

— Você é mesmo um dragãozinho. — brinca Michael, que empurra seu prato para longe.

— Olha quem fala. Se sou um dragãozinho, você é o dragão. Comeu bem mais que eu. — Michael não aguenta e dá risada da resposta atrevida da menina.

— Flora... — chamo sua atenção.

— Mamãe... — me olha desconfiada, então sorri e tenta fazer um coração com a mão. — Sabe que eu te amo.

— Ah gente, não aguento esta menina, foi uma manhã louca ao lado dela. Fala muito, é atrevida e a melhor companhia para fazer chocolate. — Michael se levanta. — Se não comer tudo. — Ele pisca para ela, então Flora dá seu maior sorriso.

Ela gostava dele, estava nítido.

Capitulo

*Pois você é a única
Pegue a minha mão, meu coração e minha alma
Eu só deixarei que esses olhos vejam você
E você sabe, tudo muda
Mas nós seremos como desconhecidos
Se continuarmos assim
Você pode ficar dentro destas paredes e sangrar
Mas só fique comigo
Ed Sheeran – One*

Michael

Subi a escada correndo, tinha uma reunião fora da cidade e já estava atrasado. Passei tempo demais na cozinha com minha filha, uma criança maravilhosa. Hoje de manhã, quando vi uma menina sair do seu quarto, vestindo um conjunto rosa e arrastando o coelho de pelúcia pelas orelhas, meu coração inchou.

Eu era bom com crianças, tinha experiências com elas, mas estava cansando de ser o tio Mike. Nunca o pai Mike, ou o marido Mike, mas essa esperança já tinha deletado da minha vida.

Preciso me manter fora de relacionamento, mais um motivo para me manter longe dela, mas é difícil. Tudo me atrai a ela, como se fosse um maldito imã. A menina de cabelos escuros tinha se aproximado de mim e perguntado onde era o banheiro.

Levei a pequena até o banheiro e fechei a porta, encostado contra a parede esperei, esperei e ela não saiu. Fiquei com medo que tivesse se machucado, mas também de abrir a porta e tirar a pouca privacidade que uma criança de cinco anos tinha.

Os segundos e minutos passaram e ela continuava lá, estava com as

mãos frias e ia acordar sua mãe, quando a porta se abriu e ela apareceu.

— Nossa, que demora, está tudo bem?

— Agora sim, é que sem querer cai na privada e fiquei presa, demorou um tempo até conseguir sair.

— Por que não me chamou?

— Fiquei com vergonha. Quem quer ver alguém preso na privada? Eca. — Com o rosto ruborizado de vergonha.

— Está com fome?

— Sim, queria comer chocolate, mas mamãe dificilmente deixa.

— Por quê?

— Pois como muito, então fico com dor na barriguinha e passo muito mal, mamãe tem que cuidar de mim. — Está aí uma semelhança, eu adorava chocolate e comia até passar mal, a menina também.

— Bom, vamos fazer panquecas com chocolate.

— Minha preferida. — Com olhos arregalados e um grande sorriso de alegria, saiu saltitando.

— A minha também — sussurro antes de segui-la até a cozinha.

Tomei um longo banho, deixei que a água caísse sobre a minha cabeça e costas. Estava chateado com a situação, ter Mazi na minha vida era difícil. Mas também tinha minha filha, que em pouco tempo já tinha me conquistado. Era esperta, faladeira e muito alegre, com certeza era a alegria na vida tão sofrida de Mazi.

— Mamãe disse que meus olhos são únicos, ela nunca viu assim. Podem ficar verdes no sol, marrom na sombra e quando choro ficam âmbar. — Aproximo-me dela, que está em cima da mesa, lambendo a colher.

— São olhos muitos bonitos, tenho parecido. — Aproximo-me para que os veja, ela coloca sua pequena mão na minha bochecha.

— Ficam bem melhores em você, pois contrasta com sua pele. — Isso era verdade, como era moreno, descendência da minha família italiana.

— Isso porque sou italiano, toda minha família é assim, exceto minha

mãe, já ela tinha a pele como a sua, alva e com algumas sardas. — As pequenas mãos no seu rosto era descendência da minha, já que Mazi tinha o rosto sem manchas.

— Isso é muito legal. — Recolheu sua mão e logo senti falta do seu toque, me trazia paz.

Estava pronto para sair, passei pelo quarto onde estavam estaladas, bati na porta. Flora abriu a porta, já estava trocada com um lindo vestido preto.

— Cadê sua mãe?

— Ali. — Flora empurra a porta, então Mazi vestida de calcinha e sutiã.

— Feche essa porta Florbela. — Mazi tenta se esconder, mas não sabia o motivo, já conhecia cada pedaço deste corpo e as lembranças eram frescas.

— Desculpa mamãe. — A menina fecha a porta, deixando uma fresta para colocar a cabeça para fora. — Hoje é o enterro de Gigi, mamãe está chateada e muito nervosa, então não ligue se ficar muito brava.

— Tudo bem, só diga que tenho que sair, para ficar à vontade. Deixei uma chave no balcão da cozinha.

— Ah... Você vai embora? — pergunta decepcionada.

— Tenho uma reunião em São Francisco, não posso ficar aqui. Mas voltarei, não se preocupe. — Beijei o topo da sua cabeça e me afastei, quando estava a ponto de descer a escada, ouvi:

— Vou esperar. — Agarrei o corrimão, não deu tempo de responder, pois ela entrou e fechou a porta.

Parecia que as meninas tinham um forte poder sobre mim, desci a escada querendo correr para aquele quarto e ficar com elas. Era bem mais fácil ceder, mas eu nunca gostei do mais fácil seguiria o caminho mais seguro e difícil, me manteria longe.

Estava no meu carro, dirigindo para São Francisco, quando entendi as palavras de Flora.

Hoje é o enterro de Gigi, mamãe está chateada e muito nervosa, então não ligue se ficar muito brava.

Apertei o volante quando vi a placa de retorno em dois quilômetros. Eu queria manter o meu caminho, mas não consegui, assim que avistei a entrada virei, voltando para San Rafael.

Gigi era alguém importante para ela e eu tinha que estar lá, prestar minhas condolências para ela e ajudar. Um tempo depois eu passo pela entrada da minha cidade, sigo em direção a minha casa e vejo Flora e Mazi do lado de fora. Estaciono o carro e corro para alcançá-las.

— Vocês precisam de uma companhia?

Ambas se voltam para mim surpresas, Flora abre um grande sorriso e saltita até mim.

— Sempre bem-vindo. — Pegou minha mão e puxou até que estivesse perto da Mazi. Usava um vestido preto, o mesmo vestido que Flora. — Olha o meu vestido. — Rodou para mostrar o vestido. — Igual da minha mamãe.

— Está linda, docinho.

— E a minha mãe, não está linda? — era sempre bonita, arrumada para sair, usando roupas velhas ou nua na minha cama. Sem comparação aquele rosto desenhado pelos anjos, com belo par de olhos azuis que eram a claridade em seu rosto, contrastando com o cabelo escuro.

— Sua mãe é sempre linda. — As palavras escaparam da minha boca, antes que eu pudesse parar, não queria que fosse assim tão clichê, mas era muito linda.

— Acho melhor irmos, temos que passar na casa de Gigi, quero arrumar suas coisas. — Vamos para a casa da velha falecida, Mazi conhecia bem o lugar, Flora corre para fora e sua mãe grita para que não se suje.

— Você era próxima dela? — Mazi se volta para mim, com lágrimas nos olhos.

— Sim, quando passei fome, ela me alimentava, quando não tinha água, me deixava tomar banho aqui. Quando estava tão surrada, cuidou de mim. Era meu anjo, foi minha mãe, amiga e companheira por muitos anos. Apesar de ser uma velha bem ranzinza. — Ela não segurou as lágrimas, enquanto andava pela casa, tocando os móveis e as lembranças vindo à tona. — Ela odiava meu pai e Tor, mas quando contei de você... Disse que parecia

uma boa pessoa, que cuidaria de mim.

— Eu teria cuidado de você, se me desse a chance disso...

— Eu sei, mas não tive escolha. Fui arrastada da sua casa. —
Aproximo-me dela, não consigo mãos evitar a atração nós atraímos.

— Estava bem sem você, uma vida vazia, mas seguia. Então você volta, e eu já faço loucuras. Mazi muda algo em mim, que tento negar. — Ela sobe sua mão pelo meu peito e para no meu coração.

— Entendo você, acontece a mesma coisa comigo.

— Mas precisava saber que quando foi embora, eu não fui mais o mesmo homem. — Sua mão subiu até o meu rosto, acariciando minha bochecha.

— Também não fui mais a mesma mulher.

— Usei o sexo casual como uma forma de esquecer. Não importava quantas mulheres eu tivesse, quantas eu beijasse, nenhuma era você. — Inclino minha cabeça, deixando minha boca perto da sua orelha. — Foi errado procurar você em outras, mas entendi hoje, que ninguém pode ser você.

— E a Maya? Sei que foi muito apaixonado por ela.

— E sempre foi isso, paixão, desejo, mas nunca amor. Isso porque ela não era minha para amar, você é.

Se afaste, não deixe que ela te confunda e que o machuque de novo.

Queria beijá-la, amá-la, mas então tinha que ser racional. Afastei-me dela, mas não me deixou ir, pegou minha mão.

— Por que está se afastando?

— Não sei, só preciso me afastar. — Ficamos em silêncio... sua mão segurava a minha, apertando forte. — Por que foi embora? *Me* deixou com aquela maldita carta.

Senti seu corpo tremer, seus olhos ficaram marejados, com a respiração pesada.

— Não estou pronta para falar disso e talvez nunca esteja. — Então

solta minha mão e me deixa sozinho. Minha pele fica fria, querendo o calor de suas mãos. A possibilidade de nunca saber o que estava atrás daquela carta me atormentaria o resto da vida.

Palavras machucam muito.

Decido me afastar, precisava de ar.

(...)

Mazi

Estava presa no banheiro, me olhando no espelho. Um par de olhos me encaravam, descendência daquele homem... difícil conviver comigo mesma, encarar a verdade.

Não chore por isso.

Não chore por isso.

Minha garganta estava fechada, queria sentar e chorar. Não conseguia falar com ele, me abrir. Era muito difícil, sinto minhas costas repuxarem toco por cima do meu ombro e sinto as marcas.

Você não pode fugir de mim, sou tudo que você tem.

Mantenho meus olhos abertos, se eu fechar as lembranças vêm, seu rosto, suas atitudes.

— Você só tem a mim, vou cuidar de você, vou te proteger. — Ele me embalou em seus braços, acho que posso confiar nele.

— Olha o que eu fiz com ele... Sou tão ruim quanto ele.

— Não, ele era louco, tudo está acabando. — Pegou-me no colo, deitei minha cabeça contra seu ombro e suspirei. Só precisava ver a luz, depois de meses na escuridão. — Eu vou ser seu salvador.

Não feche os olhos, fique com a luz.

Ele não era meu salvador, era meu destruidor.

Saio do banheiro e quando a vejo, as memórias somem. Pego-a em meus braços e a aperto, minha melhor parte.

— Ainda está triste?

— Sim, querida. — Ela beijou minha bochecha e acariciou meu cabelo.

— Não fique, estou aqui, sempre estarei. — Com um sorriso bobo na boca. — Eu te amo, mamãe.

— Eu também te amo. — Era injusto ser tão dependente dela, quem devia cuidar era a mãe e não a filha.

Por cima do seu ombro avistei Michael, me encarava procurando a verdade em mim. Eu não estava pronta para dividir com ninguém.

Respira fundo, estou aqui com você.

Preferia que não estivesse.

(...)

Estávamos a caminho do enterro, quando chego no cemitério há poucas pessoas. Não tinha nenhum dos seus familiares.

Levava comigo lírios, sua flor preferida.

Caminhei até o seu caixão, o padre dizia algumas palavras, mas não consegui entender.

Flora estava no colo de Michael, que a segurava contra o peito. Eu adorava vê-los juntos, trazia paz.

Coloquei a flor em cima do seu caixão, meus dedos passearam pela madeira. Há anos que não nos encontrávamos, eu queria estar lá para ela, mas não deixaram.

Aqueles malditos...

— Desculpe, queria estar com você. — Sussurro.

Os próximos minutos são os mais longos, o caixão sendo colocado a sete palmos do chão. Quando a terra começou a ser jogada, agarrei o braço de Michael, ele me segurou, sendo meu porto seguro.

Quando saímos do cemitério, Michael carregava Florbela, que dormiu em seus braços. Quando estamos no carro, com ele ao volante, encosto a cabeça contra o vidro e admiro a paisagem.

— Por que Florbela? — pergunta de repente.

— Eu queria desistir dela.

— Desistiu?

— Não, só descobri tarde demais, não podia interromper. Passei os últimos cinco meses que restava em um abrigo, tinha conversando com uma assistente social que achou bons pais para ela. Decidida a não me envolver, não pensei em nome, em como seria, na verdade, não sabia nem o sexo. — Sua mão pega a minha, me dando apoio para me abrir. — A verdade é que eu odiava o fato de estar grávida e a possibilidade de ser dele. Quando ela nasceu, eles a trouxeram para mim, me recusei a pegá-la, então a enfermeira deitou sua cabeça em meu ombro e disse que era muito bonita. — Respiro fundo, antes de continuar. — Eu só conseguia ver um bebê chorando, com muito cabelo escuro e cara de joelho. Pedi que a afastassem, não queria saber como era seu rosto, até que abriu os olhos. — Paramos no sinal vermelho, o encaro e digo com lágrimas nos olhos. — Eram seus olhos, eu tive certeza que era sua filha e não podia deixá-la ir.

— Quem você pensou que fosse o pai dela?

— Tor.

Capitulo

*Agora que o verão já passou
Onde você está correndo?
Todas as minhas cartas são devolvidas ao remetente
Pela eternidade
Você é uma parte de mim
Eu nunca fui mais do que um rosto na multidão?
Será que você sabe meu nome?
Alguma vez você se importou?
ah Anthonio
Meu Anthonio
Você tem tudo o que você sempre quis de mim
Eu era apenas outra garota
Foi apenas mais uma noite
Oh Anthonio
Meu Anthonio
Só há uma coisa que eu tenho tentado dizer
Pode vir como uma surpresa
Meu bebê tem seus olhos
Annie - Anthonio*

Michael

— Tio Mike. — Observei Mary correr em minha direção, a peguei nos meus braços e a rodei. — Estou tão contente de passar a noite na sua casa.

Logo atrás estava Liam, que estava bravo de estar passando a noite aqui.

— Vem aqui, garoto.

— Não mesmo, queria ficar na casa do Bern, mas fui obrigado a vir. — Passou direto e entrou em casa, seu pai o seguiu, bravo.

Eu estava ficando com as meninas, para que Maya e Luke pudessem ter um tempo sozinhos.

Liam voltou com seu pai, que o fez se desculpar.

— Desculpe tio, só que meu pai não deixou ficar na casa do meu amigo e eu já tinha feito planos.

— Não se faz planos sem a minha autorização — diz Luke, que claramente não estava gostando do comportamento do filho mais velho. Com doze anos, ele estava entrando na adolescência e cada vez mais malcriado, não que seus pais não corrigissem, pois Luke era rígido.

— Bom, agora estou aqui.

— Vamos comer pizza, ver um filme, vai ser divertido. — Tentei animá-lo.

— Eu estou muito animada, tio. — Mary bateu palmas.

— Certo, voltamos amanhã às treze horas para buscá-los, Liam se comporte, caso contrário adeus Xbox. — O menino assentiu e então voltou a entrar na minha casa.

— Fique tranquilo, vou cuidar deles. — Mary se contorceu no meu colo para descer e seguir seu irmão, então estava sozinho com Luke.

— Cara, sério, obrigado. — Bateu no meu ombro. — Precisamos de uma noite juntos, depois de dois filhos e doze anos de casados, caímos muito fácil na rotina. Preciso de sexo, agora Mary inventou de dormir conosco, quase não tenho tempo com minha mulher.

— Relaxa, vá tranquilo, vou ficar com eles, comer uma pizza. Mazi também está aqui.

— Voltou? — perguntou impressionado.

— Sim, está lá dentro. Venha amanhã e já almoçamos aqui, assim pode conhecer minha filha.

— Filho? Ela escondeu de você durante cinco anos?

— Sim, estava fugindo de alguém, voltou para o enterro de Gigi, quando eu a encontrei no parque. Precisa conhecer minha filha, é uma atrevida e faladora.

— Imagino. — Despedimo-nos e eu o vejo partir em seu carro.

Entro em casa para encontrar as meninas brincando com uma boneca

que Mary trouxe, Liam deveria estar no meu quarto de jogo e Mazi, não estava a vista.

— Cadê sua mãe? — pergunto para Flora, que aponta para o quintal do fundo.

— Lá, falando no telefone. — Sigo na direção, abro as portas francesas para encontrá-la perto do cachorro, com o telefone pressionado contra a orelha.

— Não se preocupe, estarei aí na segunda-feira à tarde, poderemos conversar com calma e tentar revolver as coisas. — Não queria ouvir sua conversar, mas o assunto me interessou, pois eu dificilmente a deixaria ir embora desta cidade. Pelo menos não com a minha filha. — Não vou faltar, estarei aí na segunda-feira. Juro que você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. — Ela deu risada, que era como música para meus ouvidos. Meu labrador me viu, latiu em minha direção, fazendo com que ela se virasse e me encontrasse. — Só tenho a agradecer a você Walter, nos vemos na segunda.

Encerrou a chamada e me olhou, furiosa.

— Estava bisbilhotando.

— Claro que sim, mas não era meu objetivo principal. Quem é Walter? — estava curioso para saber quem era ele, já parecia tão feliz ao falar com ele e prometendo voltar.

— Você não precisa saber de cada passo meu, muito menos saber das minhas amizades. — Ela passou por mim, agarrei seu pulso, a parando.

— Você está fodendo com ele?

— Não estou dormindo com ninguém há muito tempo.

— Não acredito que seja verdade, disse que não sabia se Flora era minha filha, ou seja, fodeu com alguém depois de mim. — Ela ficou vermelha, puxou seu braço.

— Sim, eu estive com outra pessoa, mas também não tive outra escolha. — Se virou, para me encarar. — Não me cobre algo assim, pois sei muito bem que durante esses últimos cinco anos você não virou um monge.

— Isso você pode ter certeza.

— Nojo. — Então partiu e me deixou lá, com ódio de mim mesmo.
Maldita era essa mulher. Atormentando-me sempre.

(...)

Enquanto Mazi arrumava os colchões na sala, para fazer uma grande cama, onde todos poderíamos deitar, peguei o cardápio da pizzaria e pedi duas pizzas grande e uma delas com abacaxi, como ela gostava.

Achei Liam deitado na minha cama, assistido desenho. Tínhamos uma boa relação, ainda que tivesse doze anos e fosse maior que os meninos da sua idade, sempre sério o menino que vi vir ao mundo.

— Está tudo bem?

— Sim. — Sentei-me na beirada da cama, peguei o controle e desliguei a televisão.

— Sabe que pode conversar comigo.

— Já disse que estou bem. — Tomou o controle da minha mão e ligou a televisão.

— Liam...

— Nossa... Por que vocês não me deixam em paz? É você, meu pai...
— saiu da cama e se trancou no banheiro. Esperei até saísse, o menino me devia uma explicação, nunca o vi assim, mas também sabia que a pré-adolescência era muito ruim.

Um tempo depois ele saiu, ficou do outro lado do quarto, me observou antes de dizer.

— Eu não segui as ordens do meu pai e me machuquei.

— Como assim?

— Papai falou para eu não treinar sem ele, mas estava na casa de um amigo e tinha sua irmã mais velha, queria mostrar uns lances para impressionar. Bern jogou a bola para mim, fui pegar e acabei tropeçando e caindo, como me apoiei com a mão acabei machucando o meu pulso, e ele está inchado. — Levantou a manga da camisa e se aproximou, seu pulso estava inchado e roxo. — Estou com medo de falar para ele, vai ficar muito

bravo.

— Você precisa ir no médico.

— Não, ele vai ficar bravo, eu sei que vai. Sem falar que posso nunca mais conseguir fazer um arremesso, posso ter estragado minha carreira no futebol americano antes mesmo de começar. Lembra o que aconteceu com meu Tio Ed, machucou o joelho e nunca mais jogou.

— Você precisa ir ao médico, esconder do seu pai não vai resolver nada.

— Mas eu não quero desapontá-lo. — seu semblante ficou triste, parecia terrível desapontar seu pai, ainda mais ele sendo seu técnico. — Sempre fala que eu tenho um grande futuro, vou entrar em uma boa faculdade por causa do futebol. Diz que posso ser bem mais que filho de um mecânico ou criminoso.

— Seu pai vai te entender, o que não pode é deixar sua mão assim. Deve estar doendo muito.

— Por isso que eu queria ir para casa do Bern, sua mãe me levaria no hospital.

— Mas está aqui, então vou te levar no hospital, para resolvermos isso.

— Só que hoje é a noite da pizza, não quero estragar...

— Podemos comer na volta, primeiro a saúde e Mazi não ficará aborrecida.

— Obrigado tio, mas não conta para meu pai. — Ele concorda em ir ao hospital, pego minha carteira e chave no meu escritório e vou até a Mazi:

— Vou sair com Liam, volto mais tarde.

— E a pizza?

— Comemos quando voltar, vocês ficam e assistam ao filme. — Tiro da carteira um par de notas de cinquenta dólares e entrego. — Para a pizza.

— Eu posso pagar a pizza, fica com o dinheiro. — Se recusa a pegar, então enfio as notas no bolso da sua calça.

— Fica com o maldito dinheiro. — Saí da sua frente, antes que pudesse

protestar, passei na sala para falar com Mary, Liam estava do meu lado. Flora correu até nós.

— Vem Liam, pode escolher o filme.

— Não vou pirralha. — Liam mal olhou para a menina, que ficou o encarando.

— Nossa, você é chato. — Então chutou sua canela e saiu correndo.

Enquanto eu abafava uma risada, Mazi brigava com a filha e Liam praguejava, esfregando a canela.

— É uma pirralha mesmo, coisa feia.

— E você é um bobalhão. — respondeu-lhe a menina. Não sei quando eles ficaram tão inimigos, se conheceram há pouco tempo.

— Florabela, isso é jeito de falar? Tenha modos.

— Eu não fiz nada mãe, deixei que ele escolhesse o filme e foi mal-educado comigo. Bem que mereceu o chute.

— Acho melhor irmos, antes que comessem a brigar. E você Liam, não fique brigando com uma menina que tem a metade da sua idade.

— Você vai sair, tio Mike?

— Vou, princesa. — Ela se aproximou, me abaixo para ficar do seu nível. — Não vamos demorar, você pode ficar boazinha para a Mazi?

— Sim. — Ela deu um largo sorriso e beijou minha bochecha. — Vou esperar vocês.

Sabia que Mary não aguentaria até tarde, então acenei e sai com Liam.

(...)

Voltamos tarde da noite, o menino tinha uma tala no pulso, pois tinha fraturado o pulso. Entramos em casa em silêncio, deixei minha chave e carteira na mesinha e segui até a sala. A televisão estava ligada e passava um filme de princesa, Mazi estava acordada.

— Oi.

— Oi, vocês demoraram — sussurra, para não acordar as meninas.

— Foi porque demorou para sair o raio x, mas já chegamos.

Liam e eu fomos para a cozinha comer o resto da pizza, ao terminar subo para tomar banho e me trocar. Com uma calça de ginástica, desço para o andar inferior. Liam estava deitado no sofá, já tinha caído no sono.

O único lugar livre no colchão era ao lado de Mazi, já que Mary e Flora dormiam juntas e ocupavam um grande espaço. Deitei ao lado dela, que ficou imóvel como uma pedra.

— Você pode relaxar, não vou abusar, mas se não quiser, posso dormir no sofá ou no meu quarto. — Ela não responde, então acho melhor dormir no meu quarto, me sento no colchão, mas antes que pudesse levantar, Mazi segura minha mão.

— Não, pode dormir aqui. — Voltei a deitar, nossos corpos apesar de estarem próximos, não se tocaram. Sua respiração ofegante, me fez entender que estava mais afetada do que eu.

Ela não consegue resistir, seus dedos encontram os meus. Sobem até meu ombro e por fim, para no meu peito. Em cima do meu coração. Eu estava sem camisa, então podia sentir o calor da sua mão.

— Eu senti tanto a sua falta.

— Era para você ter voltado, ou melhor, nunca ter ido.

— Eu não queria ir, mas as coisas aconteceram e agora estamos aqui. Cinco anos separados.

— Não teve um dia que eu não lembrei de você, — pego sua mão de cima do meu peito e levo até meus lábios, beijando seus dedos. — Procurei em outros corpos e nunca te encontrei.

Ela coloca sua cabeça em meu peito, prensando seu corpo no meu:

— Foi tão difícil, — ouço-a suspirar, então molha minha pele com suas lágrimas.

— Merda, não chore. — Acaricio seu cabelo, tento consolá-la. — *Me* deixe te ajudar. Conta o que aconteceu, só assim posso voltar a confiar em você. Saber a verdade. — Deslizo minha mão até seu rosto, com os dedos acaricio seu lábio inferior. — *Me* deixe entrar.

— Não posso. — Seu choro intensificou, ela estava machucada e eu queria saber como ajudá-la, mas não sabia. — Eu não consigo, mas estar aqui, em seus braços, é a melhor coisa.

Ficamos em silêncio, apenas apreciando o momento que logo acabaria. Flora se sentou na cama, nós viramos para observar.

— Mamãe? — chamou com uma voz chorosa.

— Estou aqui, querida. — Ela engatinhou até ficar entre mim e Mazi, sua mão agarrou a camisola de sua mãe, expondo seu seio. Não resisto, aperto seu bico entre meus dedos, Mazi dá um tapa na minha mão, fazendo com que eu solte. — Respeita sua filha. — Reprimi uma risada.

— Ah... Mazi... Amanhã você não me escapa. — Ela dá uma risada baixa e pega minha mão na sua, levando até seu rosto.

— Você lembrou do abacaxi, obrigada. — Beijou com força a minha mão.

— Eu lembro de tudo, é impossível esquecer.

Capitulo

*Quando você estava aqui antes
Não poderia olhar nos seus olhos
Você é como um anjo
Sua pele me faz chorar*

*Você flutua como uma pena
Em um mundo bonito
Eu desejo ser especial
Você é tão especial
Eu não me importo se isso machuca
Eu quero ter o controle
Eu quero um corpo perfeito
Eu quero uma alma perfeita*

*Eu quero que você perceba
Quando eu não estou por perto
Você é tão especial
Eu desejo ser especial
Melanie Martinez - Creep*

Acordo na manhã seguinte com duas crianças pulando nos colchões, esfreguei os olhos para limpar a vista antes de me sentar.

— Tio Mike, acordou. — Ambas se jogaram no meu colo, dando risada. Mazi não estava deitada comigo e Liam também já tinha se levantado.

— Parece que fui o último a acordar.

— Sim, mamãe está com Liam, preparando o almoço.

— Almoço? — procuro o relógio para conferir as horas, estava muito tarde e eu nunca acordava a esta hora, mas parece que estar com ela me deixava mais tranquilo.

— Sim, vem tio, mamãe ligou para Liam e disse que está chegando.

— Então vamos nos levantar e arrumar está sala. — As meninas me ajudaram no que puderam, tirei os colchões e os levei para o andar superior. Dobrei todas as cobertas e guardei no armário.

Maya e Mary corriam pela casa, eu que estava no pé da escada, fechei meus olhos e ouvi as crianças rindo, os barulhos das panelas batendo e a voz de Liam, contado algo da sua escola. Quando ela foi embora deixei de acreditar que eu poderia ter uma família, eu adorava tudo aqui, merda, eu amava aquilo.

Com sua volta, meu coração criou esperanças, queria ter uma família, como Maya tinha.

Segui para a cozinha, Mazi estava fazendo lasanha, eu adoro lasanha.

— Bom dia, dorminhoco. — Ela pegou a travessa da lasanha, segurava com força o vidro e levou até o balcão.

— Bom dia, quase boa tarde, porque não me acordaram.

— Você estava muito bonitinho dormindo com a boca aberta. — brinca Liam, jogo um pano de prato nele, que pega rindo.

— Cuidado hein, menino.

— Não foi por isso, só queríamos deixar você descansar. — Reparei como Mazi estava doméstica, tinha uma faixa prendendo seu cabelo curto e escuro. Seu vestido vermelho contrastava com a sua pele alva e em seus pés

tinha um All Star, porém eram novos diferentes daquele que usou há alguns anos.

Apesar dos seus vinte e seis anos, ainda parecia que tinha vinte. Como se não tivesse mudado muito nos últimos anos.

— Mary disse que seus pais estão chegando, acha que vão demorar? — pergunto a Liam, que estava com o celular na mão.

— Não. — respondeu sem tirar os olhos do celular.

— Então vou arrumar a mesa. — Enquanto eu pegava a toalha, as meninas correram pela cozinha, Mary tentou se esconder atrás de mim, enquanto Flora tentava pegá-la.

— Não vale se esconder atrás dele. — queixou-se minha filha, brava de não conseguir alcançar Mary.

— OK, eu vou correr atrás de você. — Então passou entre minhas pernas abertas e correu para alcançar Flora. Minha casa estava um desastre, com as crianças correndo e bagunçado cada cômodo. Quando terminei de arrumar a mesa, ouvi a porta abrindo e Maya chamando.

— Michael, chegamos. — Sigo pelo corredor até a entrada, Mary pula no colo do pai e grita animada.

— Meu papai chegou. — Beija o rosto barbudo do seu pai, que ri. — Papai mais lindo.

— Nossa, eu não ganho beijo? — pergunta Maya, então a garota puxa sua mãe pelo pescoço e abraça ambos.

— Meus papais mais lindos.

— Assim está melhor, senão sua mãe morre de ciúmes. — Comenta Luke, que coloca Mary no chão se aproxima, para me cumprimentar. — Como foi, cara? Deram muito trabalho?

— Que nada, ficaram de boa. Só Liam que tive que levar no médico. — Luke arregalou os olhos e Maya se aproximou, preocupada.

— Aconteceu algo?

— Machucou o pulso na casa de um amigo e ficou com medo de contar

para Luke, com medo de decepcioná-lo.

— Liam, venha aqui — gritou seu pai, o menino não demorou a chegar, mas ficou parado o mais longe possível. Luke estava com o semblante fechado, parecia bravo, se eu fosse filho dele, ficaria com medo. O cara era grande, tatuado, barbudo e tinha cara de mal. Definitivamente parecia ser bravo, mas ao invés de gritar ou brigar, apenas andou até seu filho e puxou o braço, para ver seu pulso.

— Está tudo bem.

— Merda menino, deveria ter me contado para te levar no médico. — Então soltou seu braço e o puxou para um abraço. — Não faça mais isso, a única coisa que me decepcionará é meu filho não confiar em mim.

Mary foi com sua mãe para a cozinha, falar com Mazi, Flora tentou me escalar, tentado subir no meu colo. A menina não era grande e nem pesada, fácil carregá-la, a pego e me afasto do pai e filho, deixando-os sozinhos.

— Tio Mike, você tem um pai?

— Sim tenho um pai e uma mãe, só que ela não está mais aqui. — A levo até a parede que tem um quadro dos meus pais, era uma foto bem próxima, consegui ver os olhos verdes da minha mãe, seu rosto com sardas.

— Parece comigo, eu só tenho uma mãe, sem pai.

— É claro que você tem um pai, olha só está foto. — Aponto para o porta-retratos. — Minha mãe tem olhos verdes, enquanto meu pai tem olhos castanhos.

— Os seus são misturados.

— Sim, iguais aos seus. E seu rosto tem sardas iguais ao da minha mãe, lindos pontinhos neste rostinho. — Toco seu pequeno nariz, ela ri. — Isso se chama genética, como você tem os cabelos escuros de sua mãe e a pele clara.

— Isso porque sou filha dela.

— Exatamente e se você tem meus olhos, então você é...

— Então eu sou sua filha. — Completa com o maior sorriso que já vi, com uma pequena janela. A menina me abraça apertado, e suspira.

(...)

Mazi

Estávamos todos sentados à mesa, eu colocava a comida para Flora.

— Pai, vai ter jogo na terça, posso ir com os meninos?

— Fala com sua mãe, se ela deixar, pode ir. — Não prestei atenção na resposta de Maya.

Nosso almoço passou rápido, os meninos ficam com a cozinha. As crianças brincam no jardim, enquanto Maya e eu ficamos sentadas no jardim. O cachorro deitado entre minhas pernas.

— Você já sabe quando vai embora?

— Sim, vou amanhã cedo, tenho que estar lá na hora do almoço.

— Ele já sabe disso? — aponto para Michael, que estava no nosso campo de visão, atrás da porta francesa.

— Ele sabe, mas não concordou.

— Foi difícil para ele depois que você foi embora e se for agora também, levando Flora para longe, vai ser pior.

— Ele não me entende, preciso ir para Fort Bragg e irei.

— Se prepare para uma briga, Michael não vai deixar você levar a filha dele.

— É minha filha também, se for necessário, vou embora sem que saiba. Não posso ficar aqui. — Ela toma o resto do seu suco e coloca o copo sobre a mesinha.

— Michael também não ficará, quando acabar o verão vai para Sacramento, vai se eleger.

— Pensei que não estivesse mais na política.

— Está, vai assumir no lugar do seu pai, que está preparando sua campanha. Esse é o último verão na cidade e já estou sentindo falta do meu amigo. — Observo-o por um tempo, não queria ficar na cidade, mas também não o queria na política.

Eu não sabia o que fazer, o tempo estava passando e amanhã chegaria e eu partiria.

— Você já pensou em ter outro filho? — mudo de assunto.

— Na verdade, Luke quer, eu não. Acho que estou muito velha para isso, tenho trinta e oito anos, já não sou tão novinha quanto você. — Ela não parecia estar chegando aos quarenta anos, tinha a pele bonita, sem muitas linhas de expressões.

— Ainda dá tempo... Você parece ter bem menos que trinta e oito anos.

— Bem, Luke está louco para ter outro bebê, só esperando que eu concorde. Agora que ele está aqui, poderá me ajudar. Com Mary foi tudo ótimo, já Liam foi difícil, ainda bem que Michael estava lá.

(...)

Já estava tarde quando Luke e sua família saíram de casa, ficamos só eu, Michael e Flora.

Minha filha estava sentada no sofá, assistindo desenho, quando decidi falar com Michael. O encontrei na cozinha, bebendo água.

— Vou embora amanhã. — Ele me encara, calmamente abaixa o copo.

— Sozinha, não vai levar minha filha.

— Não mesmo, ela vai. — Aproxima-me de mim.

— Ela é minha filha também, não vai tirá-la da minha casa. Pode ir se quiser, para encontrar aquele cara.

— Está com ciúmes? Por isso está dificultando minha partida. Você falou que me deixaria ir.

— Não estou fazendo isso por ciúmes, mas porque quero ela aqui. Flora precisa ter um pai presente.

— Só que isso não quer dizer que eu precise me mudar ou ficar com você.

— Não mesmo, eu não vou mudar para sua cidade e você não quer mudar para cá. Então o que faremos...

— Faremos como todo pai normal, um fim de semana comigo e o outro

com você. Nas férias escolares, poderá ficar com você.

— Não, quero ela todos os dias.

— Isso não vai acontecer.

— Vai sim, ela está ficando e você também. — Bateu seu punho na bancada de mármore, me encolhi com medo.

— Não, vou. — Meus olhos embaçaram com as lágrimas. — Flora é minha filha, eu a criei até agora e posso continuar.

— Eu poderia ter estado do seu lado, foi você que fugiu.

— Eu fugi porque não tive escolha, mas você não entende. Amanhã cedo eu vou pegar minha filha, colocá-la dentro do carro e ir embora, você pode me acionar na justiça, se é o que quer. — Viro-me, não querendo mais ficar em sua presença.

— Desta casa ela não sai. — Sabia que suas palavras eram verdadeiras, ia responder, quando notei nossa filha no canto da porta, nós olhando.

— Por que estão brigando? — pergunta chorando.

— Desculpa filha, mamãe não queria que você ouvisse nossa conversa.

— Vocês estão gritando um com outro, é por minha causa, não é?

— Não, só discordamos de algumas coisas. — Michael estava do meu lado, pronto para pegá-la no colo.

— Não quero que vocês briguem, eu gostei de passar o dia de hoje com você e a mamãe. — Ele a pega no colo, limpo as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Não podemos ficar todos juntos?

— Sim, é o que mais quero, só que sua mãe pensa ao contrário.

— Não é isso, tenho algo importante para fazer amanhã. — Michael estava me fazendo a vilã da história, que só queria voltar para casa e para minha antiga vida, ele me deixava vulnerável e eu odiava isso.

— Por favor mamãe, não podemos ficar? Eu gosto tanto daqui, da Mary, do tio Mike. — Ela bateu os cílios e me deu o sorriso mais doce, estava tão feliz aqui, não deveria ser pega no fogo cruzado entre mim e Michael. — Eu sei também que Mike é meu pai, queria ficar perto dele.

— Como é que você sabe?

— Ele me explicou que sou filha, temos os mesmos olhos. —
Entreolhei os dois, vendo pai e filha, tão próximos.

— Tudo bem, mas vou procurar uma casa na cidade, não posso morar com você...

— Conversamos sobre isso depois.

— Eba, vou poder ficar. — Ela apertou nós dois em um abraço, Michael envolveu o braço ao meu redor. — Amo vocês — declarou.

Se minha filha estava feliz, então eu também. Queria correr dele, mas também não conseguiria.

Capitulo

*Tire esses saltos, deite em minha cama
Sussurre segredos sujos, enquanto estou puxando seu cabelo
Veneno em nossas veias, mas nós nem ligamos
Velas pingando em seu corpo, amor isso não é verdade ou desafio
Todo mundo se pergunta, para onde nós corremos.
Meu corpo no seu corpo, amor, grudados como cola.
Safada, vamos ficar safados, garota são só uma ou duas
A febre está correndo, porra, sinta o calor entre nós
Ahh, e nós podemos ir devagar
É, podemos ir devagar. Ohhhh*

*Deite-se de costas, você gosta disso lá
Não precisa dizer duas vezes amor, não tem nada a temer
Tirando isso de volta, de volta para claridade
Rolando e rolando, soando que o amor está no ar.*

Ride - SoMo

Estava colocando Flora para dormir, enquanto sua mãe tomava banho. Subi o cobertor até seu peito e beijei sua testa.

— Boa noite, princesa.

— Boa noite, Tio Mike. — Eu odiava que ela me chamasse de tio, eu não era seu tio e sim seu pai, mas não a forçaria a começar a me chamar de pai. Levanto-me da cama, antes que pudesse me afastar, ela segura minha mão. — Quando vou poder te chamar de pai?

— Quando você quiser, eu conversei com sua mãe e ela vai ficar. Ou seja, vamos nos ver sempre. — Aperto sua pequena mão, então me ajoelho ao lado da sua cama e beijo o dorso.

— Não vamos mais embora?

— Se depender de mim, nunca. — Contente com minha resposta, suspira e se despede:

— Boa noite... Papai. — Meu coração encheu de amor, quase explodiu. Era a melhor coisa que já ouvi na minha vida. Beijeí sai testa e sussurrei.

— Eu te amo, docinho.

Levanto-me e saio do seu quarto, não antes de ligar o abajur, já que tem medo de dormir na escuridão. Encontro Mazi saindo do banheiro, enrolada em uma pequena toalha. Era uma tentação e não pude controlar minha ereção.

Aproximo-me dela, que se assusta ao me ver.

— Você está aí.

— Estou aqui. — Ela tenta fugir, mas eu não deixo. Ela dá passos para trás, até bater as costas na parede. — Você não vai passar, sem pagar o pedágio.

Coloco minhas mãos em cada lado da sua cabeça, prendendo.

— O que seria?

— Um beijo — sussurro. Estou há dias querendo beijá-la, faz tanto tempo desde que a tive e agora posso finalmente tomá-la. Sua mão sobe pelo meu pescoço, parando no meu rosto.

— O que você está esperando?

— Estou esperando você entender, que, se me beijar, nunca mais vou deixar você fugir. Vou me casar com você, vou engravidá-la novamente, mas se não quiser, eu vou entender e deixar você “ir”.

— Eu já me afastei de você uma vez, não vou deixar isso acontecer novamente. — Trouxe seus lábios nos meus, me beijando. Empurro minha língua entre seus dentes, para que possa abrir. Passo meus braços ao seu redor, trazendo-a mim. Estava sem camisa e queria sentir seu corpo contra o meu, puxo sua toalha, deixando-a nua.

(...)

Mazi

Ele aprofunda o beijo e uma parte de mim odeia imaginar Michael parando, mas a outra metade ama o fato de que ele está me beijando como se não houvesse amanhã. Era tão familiar. Tão bom. Suas mãos correm pelo meu corpo nu, acariciando minha pele com sua mão áspera. Era tão bom ser tocada por ele.

Saudades.

Eu tinha muitas saudades dele.

De ser dele.

Suas mãos agarraram meus seios desnudos, apertando meu bico entre seus dedos. Solto gemidos contra a sua boca, mas não me afasto, mantenho meu corpo pressionado contra seu corpo duro e musculoso.

Suas mãos sobem pela minha coluna, até chegar na carne queimada. Seus dedos tocam a minha pele enrugada, uma parte é queimada, não tenho vergonha desta marca, pois eu sofri para que pudesse sair daquela casa.

Não percebo que estou chorando, até que nosso beijo fica salgado. Arfo contra sua boca, seguro seus ombros, tentando me manter forte. Sua boca se afasta, espero que ele diga alguma coisa sobre a queimadura, mas não. Vira meu corpo, apoio minhas mãos na parede, para me manter em pé. Seus lábios macios descem pelo meu pescoço até tocar a cicatriz.

Eu não tinha mais vinte anos, engravidar cedo me deixou com muitas estrias, que não aparecia na minha pele tão clara. Além da queimadura nas minhas costas, também tinha as na minha alma, me atormentado todos os dias ao olhar para o espelho.

— Perfeita, você é perfeita. — Minha respiração estava ofegante, sentia sua ereção pressionando contra minha bunda. Solto uma mão para puxar sua calça de moletom, assim que libero seu pênis, sinto pele com pele.

— Imperfeita, cheia de cicatrizes — sussurro contra a parede.

— Não aos meus olhos. — Afasto minhas pernas, dando espaço para suas mãos escorregarem entre elas. Sinto seus dedos encontrarem a minha entrada, apesar das más lembranças da última vez que fui tocada por um

homem, era um toque bom.

Seu dedo pressionou meu clitóris e girou, me fazendo perder todos os sentidos. Com a outra mão, segurou seu pênis e passou pelas minhas entradas, provocando minha carne quente e úmida.

— Porra, está tão molhada para mim. — Quando ele coloca um dedo dentro de mim, solto um gemido de surpresa e meu corpo implora por mais, por seu pau.

Seus lábios beijando meu pescoço, morde e chupa a minha carne, me distraindo enquanto introduz mais um dedo. Estava em uma nevoa tão grande que poderia entrar alguém agora e eu não saberia, mas tinha receio que Flora pudesse nós pegar em um momento tão íntimo e importuno para um a criança.

— Flora?

— Está dormindo. — Sua boca fala contra a minha pele, fazendo seus dentes baterem. — Lembra quando eu te peguei no beco, por trás?

— Si... Sim... — o ritmo dos seus dedos aumenta, enquanto o indicador acaricia meu clitóris.

— Vou fazer isso de novo, para lembrar os velhos tempos. — Rapidamente troca seus dedos pelo seu pau, foi um movimento tão rápido que me pegou de surpresa. Sinto seu pênis deslizar, me preenchendo por inteiro. Como se as peças se encaixassem, um maldito quebra cabeça.

Ele estava sem nenhuma proteção, podia sentir sua carne esfregando na minha.

Suas mãos agarraram meu quadril, para se impulsionar contra mim, tirando seu pênis quase por completo e voltando a empurrar com força. Várias vezes. Jogo minha cabeça para trás, seus lábios não deixam de chupar e morder meu pescoço. Deixaria marcas, as vermelhidões se tonariam roxos, me lembrando dos seus lábios em mim. Marcando-me como sua.

Perdi cinco anos da minha vida longe dele. Várias vezes pensei em como seríamos se eu não tivesse ido embora. Eu teria uma boa gravidez e então me ajudaria a criar Flora, tudo seria diferente. Não existiria mais medos, lágrimas e angústias.

Poderíamos ser felizes e então tudo mudou.

Eu deveria estar lá, esperando Michael voltar, mas não, ele teve que me arrastar daquela casa, me arrastar do futuro que eu poderia ter com ele.

— Deixe o passado para trás, isso está no passado, tudo ficou para trás. Um novo começo, eu juro. — Parecia que ele estava lendo meus pensamentos, realmente era aquilo.

Ele voltou a me foder com força, tirando todos meus pensamentos. Meu rosto pressionado contra a parede gelada, meus seios batendo. Solto gemidos baixos, mesmo querendo gritar.

Eu realmente adorava ser pega por trás em uma parede, como na primeira vez, só que melhor. Não estávamos em uma rua escura e não éramos desconhecidos. Não demorou para que eu chegasse ao orgasmo, minha boceta o apertou várias vezes antes de atingir o clímax.

Michael não parou de se mexer, foi o mais rápido que pôde, então puxou para fora e gozou contra minha bunda. Sinto sua porra quente contra minha pele, escorrendo.

Meu corpo estava mole, mas se achei que tinha acabado, estava enganada. Michael pegou meu corpo e levou até seu quarto.

Nas últimas vezes foram no escuro, só que agora estava no seu quarto, com a luz acesa. Ele poderia ver cada marca do meu corpo, feito por aqueles que acreditei amar. Malditos.

Colocou-me na cama, o colchão macio bate nas minhas costas, quando seu corpo duro pressiona contra mim e sua dureza pressiona minha perna. Seus lábios beijam meu rosto, boca e pescoço. Quando as mãos tocam meus seios nus, estremeço de excitação, sinto seus dedos calejados acariciarem minha pele sensível, os bicos ficaram ereto com a estimulação ao torcer entre os dedos antes de puxar, me fazendo gemer de prazer.

— Por favor, não pare.

— Eu não poderia parar nem se quisesse. — Seus lábios descem até meus seios, sua língua contra meus mamilos, lambendo. Sua língua rodou ao redor dos bicos, antes de prender entre os dentes e puxar. Meu corpo se arrepia, agarro sua cabeça e puxo seu cabelo, para que eu pudesse causar

tanta dor quando me causava.

Ele não parou, mudou de seio, fazendo a mesma coisa, meus seios estavam tão sensíveis. Esfreguei minha boceta contra sua coxa, seu pênis batia contra a minha pele.

— Para de me torturar, quero você me tocando embaixo.

— Embaixo? — sua boca se afastou da minha pele, mas sua mão continuava a me torturar, beliscando meus mamilos. — O que você quer?

— Quero você. — Arfo. — Quero você me chupando até que eu possa gozar na sua boca. — Satisfeito, ele larga meus seios e desce até seus lábios pela minha barriga até ficar entre minhas pernas.

Morde meu monte, em seguida lambe meu clitóris, misturando dor e prazer. Dedos entram em mim, ao mesmo tempo que ele chupa meu clitóris em sua boca. Agarro o lençol e arqueio as costas, quero gritar em êxtase, mas não posso. Mordo meu lábio inferior até que sinto o gosto metálico do sangue.

Michael coloca seus ombros entre as minhas pernas, abrindo-as ainda mais, cruzo os pés para prendê-lo lá, ele não sairia enquanto eu não tivesse meu orgasmo. Ele continuava me lambendo, adicionando outro dedo enquanto me fodia, ao mesmo tempo que sua língua devora minha boceta.

Seus dedos empurraram mais forte, substituindo a língua pelo polegar, pressionando meu clitóris e o puxando. Sua boca dá beijos na parte inferior das minhas coxas, tremo quando sua barba raspa na pele sensível.

Agarro seu cabelo e o puxo, seu rosto levanta, ele me dá um sorriso sexy e volta a chupar meu clitóris. Eu não aguento, acabo gozando pela segunda vez. Arfando, com o corpo todo mole, Michael não para, continua a me comer, lambendo, até que fujo dele. Assim que percebe que não está com a cabeça entre minhas pernas, agarra meus pés e me puxa.

— Eu ainda não acabei com você, fica aqui. — Segurou-me com força, então abriu minhas pernas novamente.

— Serio Michael, eu não aguento mais. Duvido que amanhã conseguirei andar.

— Esse é o propósito. — Sentado entre minhas pernas aberta, mergulha seu dedo dentro de mim, molhados com meus sucos de orgasmos, desce até meu ânus. Sinto meu músculo contrair e meu corpo se arrepiar. Ali era um lugar que nenhum homem tinha ido, com medo da dor, tento me afastar, mas uma mão me segura no lugar, enquanto a outra introduz um dedo e depois o outro no meu cu. — Relaxa, não quero foder seu cu, ainda. — Apertei o máximo que pude contra seus dedos, ele deu risada e os tirou. — Está com medo?

— Só da dor.

— Eu te disse, não vou te foder aqui. — Pressionou o dedo contra a fenda enrugada. — Enquanto eu te fodia na parede, eu só conseguia pensar em como seria, mas vamos deixar isso para outra noite. Em breve.

Michael se ajoelha do lado da minha cabeça, seu pau bate contra minha bochecha. Ele não era muito longo, mas grosso. Envolver minha mão ao seu redor, ser conseguir fechá-la. Ele mal cabia na minha mão, como era possível que coubesse na minha boceta?

Respiração dele travou quando meus lábios o rodearam, difícil introduzi-lo todo na minha boca. Tomei o máximo que pude. Pegou meu cabelo e puxou com força quando massageei suas bolas, cuidadosamente em minhas mãos. Gemendo retorceu seu punho, puxando mais duro meu cabelo, causando dor. Chupei-o mais e mais profundo, colocando tudo que podia.

— Merda, quero tanto gozar. — Puxo-o para fora, ele suspira ao perder o calor da minha boca:

— Goza na minha boca. — Passo minha língua pela sua cabeça, raspo meus dentes contra sua carne sensível. — Eu quero ver. Quero te ver se masturbar enquanto pensa em mim. — Coloco sua mão livre em seu pau e o assisto enquanto massageia seu pênis. Ele era muito gostoso e ainda mais desta visão debaixo, vendo-o como sua grande mão conseguia envolver seu pau e se masturbar.

Não deixei de acariciar suas bolas e nem ele de puxar meu cabelo, sabia que estava perto, pois puxava tão forte que doía. Senti-o contra minha mão, antes do jato quente molhar meu rosto. O gosto salgado toma minha boca, eu odiava engolir, mas naquela hora, eu tomei o máximo que pude.

— Não há visão melhor que esta, seu rosto sujo com a minha porra. — Seu polegar acariciou meu queixo, limpando uma gota que ia cair e a colocou na minha boca. Chupo seu dedo e arrasto meu dente contra sua pele.

— Acho que vou precisar de um outro banho.

— Ah... Eu tenho certeza. — Ele me deixou na cama, enquanto ia no banheiro encher a banheira.

Pegou meu corpo mole e me levou no banheiro, com muito esforço fiquei de pé em frente ao espelho. Limpei meu rosto e bunda com a toalha, meu cabelo também estava sujo. Michael ficou atrás de mim, observando meu corpo. Sua mão desceu entre meus seios com mamilos rosados, passou pela minha barriga, que já não era plana e parou na minha cicatriz da cesariana.

— Essa é a sua melhor cicatriz, me faz lembrar da nossa filha.

— Eu quase morri quando ela nasceu, o hospital público me induziu a um parto natural, colocou soro e mesmo assim não tinha passagem. Só fizeram a cesariana depois de dois dias que cheguei no hospital.

— Eu queria estar lá. — Sua boca estava contra minha orelha, seu peito pressionado nas minhas costas, os pelos curtos do seu peito fazendo cócegas. — Segurar sua mão. — Sinto seus dedos pressionar a cicatriz, enviando um arrepio em todo meu corpo. — Dizer o quanto estava feliz e acreditava em você. — Sua respiração quente contra minha pele, me deixou excitada. — Sorrir ao ver pela primeira vez o rosto da nossa filha.

— Você vai estar.

— Sim, estarei nos próximos.

— Próximos? Só mais um, não mais. — Viro para ficar de frente a ele, meus seios roçam na sua pele, deixando os bicos eretos. — Um menino. — Ele sorri com a ideia e eu também, só de imaginar uma versão masculina de Flora, talvez com meus olhos azuis, a pele morena e o cabelo de Michael.

— Gosto da ideia. — Beija-me rapidamente e depois apoia seu queixo no meu ombro, olhando minha parte de trás. Suas mãos descem pela minha cintura, agarrando com força minhas nádegas. — Estou ansioso para poder te comer atrás. — Puxo suas mãos para longe, isso não vai acontecer.

— Eu mal consigo andar, tenho certeza que vou ficar assada e você já está pensando em me comer atrás?

— Se você analisar, faz sentido. Se sua boceta que está doendo, sensível, então é mais lógico que eu foda seu cu. — Deixo minha cabeça cair contra seu peito e dou risada, não adiantava brigar com ele, estava convicto.

— Pode tirar a mão da minha bunda, seu tarado. — Ele faz o que digo, segura minha cintura e me impulsiona para cima, sento no balcão de mármore gelado.

— Juro que se não estivesse tão sensível, te comeria de novo, só para matar a saudade.

— Acho melhor tomarmos banho e deitarmos com nossa filha.

— Você tem razão. — Beija meus lábios rapidamente e me leva até a banheiro, assim que meu corpo entra em contato com a água quente, relaxa. Isso era muito bom e melhorava com Mike atrás de mim, pressiono minhas costas contra seu peito, ele envolve os braços ao meu redor e passamos bastante tempo assim.

Sua boca toca a cicatriz de queimadura, meu corpo estremece.

— Quer me contar?

— Não, por enquanto não.

— Tudo bem, quando estiver pronta para falar, estarei pronto para ouvir. — Deslizou sua boca até meu ombro e subiu pela minha garganta, beijando minha pele.

Capitulo

*Existe um herói, se você olhar dentro do seu coração
você não tem que ter medo do que você é
Há uma reposta, se você buscar dentro da sua alma
E a tristeza que você sente vai desaparecer*

*E então vem um herói, com a força para continuar
E você deixa os seus medos de lado, e você sabe que pode sobreviver
Então, quando sentir que sua esperança se foi
Olhe dentro de si e seja forte
E você finalmente conhecerá a verdade, que há um herói em você a
despertar*

Mariah Carey - Hero

Mazi

Estava dirigindo para Fort Bragg, com receio, eu não estava partindo, só estava indo para minha reunião. Flora dormia na sua cadeira, eu a observava pelo retrovisor. Hoje, quando acordei ao lado das pessoas mais importante da minha vida, Flora e Michael. Observei-vos e reparei que eram muitos parecidos, dormiam da mesma forma e faziam os mesmos barulhos.

Estranho que carregamos nosso filho por nove meses e nascem tão parecidos com o pai, mas isso a tornava mais bonita para mim. Entrei na pequena cidade litorânea, abri a janela para sentir o vento no rosto, o ar puro e o cheiro do mar.

Dirijo até meu prédio, estaciono na garagem e acordo Flora.

— Querida, vamos?

— Chegamos?

— Sim, estamos em casa. — Seus olhos castanhos se abrem, o sol que bate pela janela o deixou mais verdes do que castanhos.

— Mas e o papai?

— Está na cidade dele, vamos fazer as malas e voltar para a casa do seu pai. — Seu rosto preocupado muda, sua expressão suaviza e abre um sorriso.

— Fico feliz, mamãe. — Tiro-a do carro e caminhamos até nosso apartamento no térreo. Passo pela minha vizinha Ângela e a cumprimento:

— Bom dia, Ângela.

— Bom dia, menina. Veio um homem atrás de você neste fim de semana.

— Um homem? Tenho certeza que era meu agente literário, mas obrigada pelo aviso, vou encontrá-lo hoje. — Ela acena enquanto seguimos, entro em casa e coloco a chave na mesinha do canto. Minha filha corre para seu quarto, para brincar com suas bonecas. Observo o apartamento, sinto que algo não está certo, mas tudo está como deixei.

Vou para o meu quarto e faço uma mala, pegando todas as roupas. Recolho meus pertences pessoais, sigo para o banheiro. Quando tudo está guardado, minhas coisas e da Flora, sigo para a cozinha, onde encho um copo com um suco de caixinha.

— Está pronta para irmos?

— Sim, mamãe. — Ela me segue, quanto puxo duas malas pelos corredores do prédio até meu carro. Tinha decidido voltar para aquela cidade, sabia que eles não estaria mais lá, ambos morreram. Respiro fundo quando entro no meu carro, tudo está no porta-malas, minha filha está presa em sua cadeira e eu preciso encontrar Walter. — Vamos encontrar seu amigo, não é?

— Sim, vamos lá agora.

Sete minutos depois estou descendo do carro, encontraria meu agente em uma cafeteria. Encontro-o na frente dela, o homem com cabelo loiro escuro me cumprimenta.

— Oi Mazi.

— Desculpa a demora Walter, passei em casa para pegar umas coisas.
— Beijo seu rosto e Flora se apresenta.

— Oi para você também, sou Florabela. — Ele se abaixa ficando no mesmo nível que minha filha, belisca sua bochecha.

— Oi Gracinha, não sei quem é mais bonita, você ou sua mãe?

— Acho que sou eu — ela deu um sorriso doce.

— Com certeza é você. — Bagunçou seu cabelo, antes de se levantar e me acompanhar até a cafeteria. Sentamos em uma mesa perto da janela, peço um suco e ele um café, conversarmos por bastante tempo, me conta a novidade que meu livro foi aceito por uma Editora. Era um livro de autoajuda que esperava que pudesse ajudar meninas como eu, vítima de violência.

Saio da cafeteria com um envelope com o contrato, não queria assinar sem antes mostrar para Michael, que era advogado. Entro no meu carro e parto para San Rafael, no meio do caminho meu celular toca, o nome de Walter aparece na tela. Atendo a chamada.

— Oi Walter.

— Oi, eu só... Queria... Eu deveria ter chamado você antes, mas não tive coragem.

— Não estou entendendo.

— Eu queria chamar você e Flora para sair, ia fazer na cafeteria, mas não tive coragem. A verdade é que desde que te vi, queria chamar você para ir a um encontro comigo.

— Desculpa, não posso aceitar, estou tentando voltar com o pai de Flora e sai da cidade. — A linha fica muda.

— Desculpa, eu deveria ter chamado você antes e talvez pudesse ter tentado comigo.

— Minha vizinha disse que você foi no meu prédio, eu estava em San Rafael, se era isso que queria falar comigo.

— Como assim? Eu não fui no seu prédio, só te liguei mesmo.

— Deve ter sido outra pessoa. Walter, queria continuar está conversa,

mas estou dirigindo.

— Sim, claro... Desculpa. — Então a chamada se encerrou.

Mesmo que não tivesse voltando com Michael, eu não aceitaria seu pedido. Era arruinada para qualquer homem, o único que me fazia sentir viva era ele, meu amor. Não conseguia esconder, eu o amava, sim o amava com todo meu coração. Também não sabia quem tinha ido no meu prédio, mas não pensei muito nisso, provavelmente a velha Ângela tinha se confundido.

Dirijo o mais rápido que posso, dentro do permitido e seguro, rumo a San Rafael, quando passei pela entrada da cidade, meu celular tocou novamente. Como era um número desconhecido, não atendi.

Parei na frente da sua casa, tinha uma viatura policial na frente. Desci do carro apresada, peguei Flora no colo e corri para casa. Quando entrei vi Michael sentado com um policial, parecia abatido e triste.

— Michael?

— Mazi? Flora? — Levanta a cabeça ao nos olhar, seus olhos brilham e ele abre um sorriso. Praticamente corre ao meu encontro e me abraça apertado.

— Querido, o que aconteceu? Quase morri quando vi uma viatura na frente da sua casa.

— Eu as chamei para procurar você, quando acordei e não as vi, pensei que tinham ido embora. — Ele se afasta e pega Flora no colo.

— Não papai, fomos buscar nossas coisas e encontrar Walter, ele é tão legal, disse que sou mais bonita que minha mãe, apesar de achar que é mentira. — Ele não diz nada, apenas dispensa os policiais e fala para Flora ir brincar no quintal com o labrador.

— Desculpa não ter te contato, mas você dificultaria minha ida — digo ao ficarmos sozinhos.

— Porra, poderia ter avisado, deixado um bilhete. Fiquei louco quando acordei e não achei minha mulher e filha. — Pego sua mão e aperto.

— Estou aqui, não estou? — sua mão solta a minha, para que pudesse pegar meu rosto entre suas mãos e beijar meus lábios.

— Sim, você está aqui.

— E vou permanecer aqui. Eu, você e nossa filha. — Volta a me beijar e depois me abraça.

— Merda, desta vez, pensar que partiu, foi pior que dá primeira vez. — Era bom estar em casa, nos seus braços.

— Eu não vou a lugar nenhum que não seja nosso quarto. — Ele dá um sorriso safado.

— Pensei que estivesse dolorida. — Aproximo minha boca da sua orelha.

— Quero mesmo assim. — Ele não perdeu tempo, me pegou no colo e correu para o banheiro. Após trancar a porta, me colocou no chão.

— Melhor ficar aqui, por causa de Flora. — Acenei, enquanto puxava minha calcinha e ele abria sua calça. — Você foi até lá para ver esse Walter?

— Sim e para pegar minhas coisas, precisávamos de roupas, tinha trazido uma pequena bolsa. Sobre Walter, ele é meu agente literário e vai conseguir publicar meu livro de autoajuda. Deixei o contrato no carro, trouxe para você ler antes que eu possa assinar.

— Faz bem, já que sou advogado.

— Foi o que pensei, Doutor. — Ele não resiste ao meu sorriso safado, me beija com força e me ergue, coloca minha bunda contra a porta para apoiar, enquanto levanta minha perna, puxo me vestido, assim escorrega seu pênis pela minha vagina. Jogo a cabeça para trás que bate na madeira, arfo em êxtase.

Estava dolorida, sua pele raspava na minha sensível. Cada estocada era a mistura de prazer e dor, seguro seu cabelo com força. Não demora muito para chegarmos ao orgasmo juntos. Minha cabeça cai contra seu ombro.

— Perfeita, sempre perfeita para mim. — Colocou-me no chão, me segurei na beira da pia de mármore e respirei fundo.

— Você ainda vai me matar. — Sinto seu sêmen escorrer pelas minhas pernas, pego um pedaço de papel e limpo minhas pernas, tinha gozado dentro de mim, imagino que o assunto de outro filho era bem mais sério que pensei.

Flora tinha cinco anos e não queria uma diferença maior entre ela e o próximo filho. Também queria ser feliz, sem me importar com meu passado, então era esse o melhor momento.

— Venha, vamos ver nossa filha. Quero levá-las para um passeio.

Capitulo

Estava sentada no meio da minha cama, Flora estava dormindo no seu quarto e Michael não tinha chegado ainda. Tinha acabado de sair do banho, estava nua. Do outro lado do quarto tinha um espelho, era pequeno, mas eu podia me ver.

Odiava espelhos.

Levanto-me da cama e vou até a parede oposta, onde o espelho está pendurado. Puxo e o escondo debaixo da cama. Não gostava de ver meu próprio reflexo.

Peguei meu creme para passar na cicatriz de queimadura, era difícil, mas com muita paciência e tempo eu conseguia passar. A porta se abriu e Michael apareceu. Tinha passado três semanas desde que voltei para San Rafael e foram os melhores em muito tempo.

— Oi querido. — Ele fechou a porta com o pé e se aproximou.

— Oi, desculpa a demora.

— Ficamos te esperando para o jantar, então Flora ficou esfomeada e precisava comer. — Ele beijou meus lábios rapidamente, então se afastou.

— Não deveria ter esperado, mandei mensagem falando que chegaria tarde. — Ele foi até seu criado-mudo, sentou-se na beira da cama e tirou seu relógio, em seguida desabotoou o blazer. Aproximei-me dele por trás, passei meus braços ao redor do pescoço e mordi sua orelha.

— Está com problemas?

— Meu pai, aquele velho meticoloso, mas não quero falar dele. — puxou meu braço, até que me teve em seu colo. — Saiu do banho agora.

Meus seios nus estavam molhados por causa do cabelo, ele pegou um e o lambeu.

— Pode parar com isso, vá tomar banho, estarei te esperando aqui. — Deslizo minha boca até seu ouvido e sussurro: — Pronta para ser fodida.

— Não vou demorar. — Saio do seu colo, ele se levanta da cama e vai para o banheiro, tomar banho. — Não coloca pijama, não vai precisar hoje.

— Quando é que precisou!?

— Nunca — grita do banheiro.

Não demora para voltar, quando termina seu banho, corre para a cama. A luz do quarto apagada, ele estava cansando e eu também, então não teríamos sexo oral. Sinto sua mão entre minhas pernas me estimulando, enquanto sua boca suga meu mamilo.

— Passei o dia pensando em você, docinho.

— Eu também... — sussurro, ele fica entre as minhas pernas, acaricia meu corpo. O seu pau bate contra a minha entrada, duro.

Michael estava a ponto de me penetrar, quando ouvimos o ranger da porta. Uma pequena cabeça aparece, não podíamos ver seu rosto por causa da pouca luz, mas sabíamos quem era.

— Mamãe? Papai? — sinto o pau do meu marido amolecer tão rápido quanto endureceu.

— Oi, querida.

— Posso dormir aqui, ouvi barulhos no meu quarto. — Michael suspira, sai da cama e vai se trocar.

— Pode, venha deitar. — Ela fecha a porta atrás de si e vem para nossa cama, arrastando o coelho pela orelha.

Michael volta a deitar já vestido e traz uma camiseta para mim, assim não ficaríamos pelados com nossa filha na cama. Coloco sua camiseta e sinto o cheiro do amaciante, flores do campo. Michael não gostava quando Flora ficava no meio, por isso fiquei entre os dois.

Minha filha agarrou a barra da camiseta e enfiou o rosto entre meus seios. Já Michael se encaixou atrás de mim, seus braços nos seguravam. Demorou para que pegasse no sono, meu corpo ainda estava em chamas pelas carícias dele, mas ter filhos, significava abdicar algumas coisas, é uma delas era o sexo.

(...)

Na manhã seguinte, acordo sozinha, Michael deveria ter ido para Sacramento e Flora estaria no seu quarto. Rolei pela cama até a beirada, então me sentei.

Esfrego meus olhos para limpar a vista, coloco meu chinelo antes de levantar e ir procurar Flora, não a encontro no seu quarto, desço a escada e encontro um homem de terno. Estava de frente para a escada, conhecia ele, era meu sogro.

Seu cabelo escuro estava no lugar, por causa do gel. Seus olhos castanhos me observaram.

Michael era bem parecido com ele, e o homem não parecia ser tão velho.

— Boa tarde, menina. — Ele me encarava e eu fiquei sem reação. De repente me senti pelada, lembrando que estava vestindo somente uma camiseta de Michael. Sem falar no meu rosto inchado e meu cabelo bagunçado.

Eu não sabia que ele estaria aqui e nem Michael, por isso não me arrumei.

Não respondo subo a escada correndo, ouço a sua risada no andar de baixo. Entro no quarto e tomo um banho rápido, troco de roupa e arrumo meu cabelo. Na próxima vez que o vi, estava sentado no escritório de Michael, bati na porta entreaberta.

— Pode entrar, docinho. — Michael estava sentado na poltrona, enquanto seu pai ficava na cadeira de frente para a mesa de mogno.

— Desculpa. — Aproximei-me e estiquei meu braço, oferecendo minha mão. — Sou Mazi.

— Bom, imaginei que fosse. Sou Albert. — Apertou minha mão com força, depois que soltou, me sentei na poltrona ao lado de Michael.

— Eu não sabia que você viria, se não teria me arrumado...

— Imagino que sim, mas ninguém sabia que eu viria. Já passou da hora de conhecer minha neta, não acha?

— Sim, onde ela está? Não a achei em seu quarto.

— No quintal, não larga aquele cachorro.

— Vou chamá-la. — Saio do escritório e vou para o quintal do fundo, em frente a porta francesa, observei minha filha, correndo com o cachorro de cor caramelo. Ela estava com a roupa suja, seu cabelo uma bagunça, mas em seu rosto tinha um enorme sorriso. — Flora?

Ela levantou a cabeça e tentou afastar o labrador que tentava lambe seu rosto.

— Oi, mãe.

— O seu avô está aqui, não quer conhecê-lo? — se levantou do chão e correu até mim.

— Sim. — Tento tirar o máximo de pelo da sua roupa, mas era impossível. Ela passou entre as minhas pernas e correu até o escritório. — Oi, sou a Flora. — Ouvi.

Aproximo-me do escritório e vejo a menina no colo de Albert, mesmo que estivesse toda suja de tanto rolar no chão com o cachorro.

— Olá boneca, sou o Albert, pai do seu pai.

— Eu sei, vi uma foto sua com a vovó. — Encosto no batente da porta e os observo. — Acho que estou te sujando, eu estava brincando com Toby.

Seu terno preto de grife tem manchas marrom e pelo grudado no tecido, ela tenta sair do seu colo, mas ele não permite, sem se importar com a sujeira.

— Tudo bem, posso aguentar algumas sujeiras. — Ele apertou o nariz e ela deu risada.

— Essa menina não desgruda do cachorro, quando Flora sumir, já sabemos que está escondida com ele.

— Aquele cachorro velho ainda está vivo?

— Sim, apesar de cego e muito velho.

— Ele é o cachorro mais legal do mundo, vovô. — Deixei que eles ficassem no escritório, subo para o meu quarto e procuro meu celular. Eu tinha marcado de ver Holly, minha ex-chefe, queria voltar a trabalhar na

floricultura. Era uma boa terapia, eu adorava as flores.

Ela confirmava nosso encontro, peguei minha bolsa e voltei ao escritório. Flora continuava a falar com o seu avô, animada com um presente que ele trouxe de Sacramento.

— Vou tomar um café com a Holly, quer que eu leve a Flora?

— Não precisa, ela está se dando bem com meu pai. — Despeço-me dele com um rápido beijo, Flora acena em resposta e eu saio.

Dirijo até uma cafeteria no centro da pequena cidade, do outro lado da rua vejo Maya passeando com Mary e Liam, aceno para eles. Entro na cafeteria e sento-me em uma mesa longe da janela, assim não precisava me preocupar com os fofoqueiros me olhando através do vidro.

Não demora para que ela entrasse pela porta, o sino anunciando sua chegada.

— Nossa, quanto tempo. — Ela me abraçou apertado e voltamos a nos sentar, um garçom traz uma xícara de chá, enquanto Holly pede café.

— Desculpe por não ter dito nada, quando fui embora da cidade.

— Tudo bem, isso foi há anos e eu nunca encontrei alguém como você.

— Queria voltar a trabalhar lá, sinto falta das flores.

— Claro que sim, estou sem ninguém, então você lá me ajudaria muito. Vai querer ficar naquele mesmo horário?

— Sim, prefiro ficar na parte da manhã, assim tenho a tarde para ficar com a minha filha. — Olhou-me surpresa.

— Você tem uma filha? Nossa, quero muito conhecê-la. — Tiro meu celular do bolso e mostro uma foto recente de Flora e Michael.

— Tem cinco anos, se chama Flora. — Ela observa a foto com um sorriso no rosto.

— Nossa, se parece bastante com o ex-prefeito Michael. — Recolho o celular e o guardo no bolso.

— Deve ser porque é filha dele — damos risada e ela mostra também sua filha, que eu vi tão pequena, agora já tinha dez anos. Saímos da cafeteria

depois de uma boa conversa, eu voltaria a trabalhar na sua floricultura e estava feliz.

Michael tinha concordado em ficar com Flora na parte da manhã, depois ele iria para Sacramento, pelo menos agora que ela estava de férias. Sabia que era muito difícil para ele trabalhar todos os dias em Sacramento, pois era 1h30min de viagem. Estava se esforçando, talvez fosse melhor ir para lá, mas se negava, gostava da cidade.

Voltei para casa, encontrei Flora limpa e com um bonito vestido.

— Vão sair?

— Sim, vamos almoçar. — Michael me arrastou para fora de casa, mal tinha acabado de chegar. Flora nos seguiu saltitante, meu sogro esperava no carro, tirou seu blazer e ficou com a camisa social.

O clima estava quente por isso vestia um vestido solto e All Star. Quando chegamos em um restaurante chique, fora da cidade, fiquei receosa. Descemos do carro, Michael segurava minha mão quando entramos no restaurante, Albert parou para apertar a mão de um homem moreno.

— Vinicius, você já deve conhecer meu filho, Michael. — Disse Albert, o homem apertou a mão de Michael.

— Sim, além de conhecer o ex-prefeito, sei que foi namorado de minha esposa, Emma.

— Há muito tempo — deixo claro. A moça em questão se aproximou, era loira e seus olhos azuis brilharam ao ver Michael, sua mão acariciou seu ventre inchado.

— Michael, quanto tempo que não te vejo. Está bem? — ela mal me olhou, estava concentrada nele, se aproximou e beijou a sua bochecha.

— Estou sim, conheça minha filha, Flora. — A menina estendeu a mão para a moça, que pegou animada.

— Não sabia que tinha uma filha, que coisa mais linda. — Apertou sua bochecha, até Flora reclamar.

— Ela está morando comigo agora e Mazi também. — Ela volta sua atenção para mim, seus olhos me observam e dá uma risada.

— Não sabia que tinha formado uma família tão rápido.

— Eles estão acabando de voltar para o bem de Flora — informa Albert. Eles continuaram a falar no meio do restaurante, totalmente me excluindo. Quando finalmente Emma e seu marido se despedem e vão para a sua mesa e nós seguimos para a nossa.

Todo nosso almoço permaneço calada, apenas observando. Eu não queria sentir ciúmes, mas podia ver como Emma mantinha o olhar em Michael, quando seus olhos se encontravam, ela sorria.

Era sua ex-namorada, porém estava nítido que eram algo mais também. Michael ficou rígido quando o chutei embaixo da mesa, pois ficava focado em outra mesa, na dela.

Sáímos do restaurante, Albert levou Flora para tomar sorvete, enquanto andávamos pelas ruas da cidade.

— Por que está brava?

— Não estou.

— Claro que sim, mal consegue me olhar nos olhos. — Levou minha mão até sua boca e beijou o dorso. O sol batia no seu rosto, deixando seus olhos verdes.

— Deve ser porque você estava mais interessado na outra mesa, do que na nossa.

— Está falando de Emma? Não tem nada, terminamos há anos, ela é casada com o Vinicius e tem um filho.

— Se está dizendo... — seus lábios escorregaram pelo meu braço, até meu rosto, seu polegar empurrou meu queixo para cima e então beijou meus lábios.

— Só consigo pensar em você. — segura-me em seus braços, enquanto ele me beijava no meio da rua.

Capitulo

Michael

Estava sentado no meu escritório, já era de noite. Meu pai dormia no quarto de hóspedes, Flora estava com sua mãe no meu quarto e eu continuava a trabalhar. Ouvi algo batendo na janela, me levanto da cadeira, empurrando para trás.

Aproximo-me da janela e a abro.

— Michael. — Vi Emma me chamando, usava o mesmo vestido justo, que deixava aparente sua barriga.

— O que está fazendo aqui? — há semanas que não falo dela, na última vez, foi o dia que conheci Flora.

— Preciso falar com você, vem aqui. — Não queria alarmar ninguém e muito menos Mazi, que tinha prometido que não tinha nada com Emma, o que era mentira.

Pulo a janela e me encontro com ela, Toby late, mando que fique quieto, mas ele não para.

— Vem para cá. — Puxo-a o mais longe possível de casa.

— Fiquei com saudade de você, não foi me ver mais e nem me ligou.

— Desculpa, andei ocupado.

— Ocupado com quem? Com aquela criança?

— Emma, se está se referindo a minha filha...

— Não, estou me referindo a mãe dela, a sua filha é tão parecida com você. — Ela agarra meu rosto entre suas mãos e sela nossos lábios. Tento afastá-la com jeito, para não a machucar.

— Desculpa, não posso.

— Você realmente está tentando voltar com ela? Mesmo depois que te abandonou e levou sua filha para longe?

— Isso não é só sobre minha filha, eu tenho fortes sentimentos por Mazi e estou tentando voltar com ela. — Seus olhos azuis ficaram tristes e

marejados, limpo com o polegar uma lágrima que escorre. — Não chora.

— Não tem como não chorar, eu falei para você que deveríamos ficar juntos e você negou, então ela chega e já casa.

— Não me casei com ela, está morando comigo, vamos ver onde dá. Temos uma filha e quero ficar perto dela.

— Então é tudo pela menina?

— Não, eu tenho sentimentos por Mazi, são fortes e quero que esse relacionamento dê certo. — Ela segura minha mão, leva até seus lábios e beija.

— Não posso ficar sem você, eu te amo... Nunca deveria ter terminado com você, naquela época.

— Agora não posso abandoná-la por você, eu gosto dela e você tem seu marido, um filho e outro a caminho. — Puxo-a para um abraço, ela começa a chorar.

— Maldito hormônios de gravidez.

— Eu ia te procurar, queria dizer que era melhor pararmos de nos ver.

— Eu sei, só que é difícil abandoná-lo. — esfrego suas costas.

— Vai ficar tudo bem, acho melhor voltar para sua casa.

— Pode me levar? Vim caminhando e estou cansada, meus pés estão inchados. — Ela aponta para seus pés inchados, beijo sua bochecha e a ajudo chegar até o carro. A chave estava no meu bolso, ela senta no banco de passageiro. Dou a volta no carro e abro a porta, antes de entrar encontro Mazi me observando pela janela da sala.

Respiro fundo, então entro no carro e dirijo até a sua casa. Paro duas casas antes, ela suspira.

— Acho que vou me separar, não consigo mais morar com Vinicius. Ele é tão frio.

— Faz o que achar melhor para você, se não está feliz, divorciasse, mas não se esqueça dos seus filhos. — Ela alisa sua barriga e sorri.

— Faço tudo por eles, por isso aguentei tanto deste relacionamento e

da sua frieza. — Pego sua mão na minha e levo até meus lábios. Mesmo que não a amasse, tínhamos uma amizade e nos conhecíamos há muito tempo.

— Sabe que pode sempre contar comigo, sou seu amigo.

— Queria que fosse bem mais que meu amigo, mas obrigada. — Ela me abraça antes de sair do carro, espero até que entre em casa para voltar a minha.

Sabia que eu tinha uma fera me esperando, ia querer resposta, mas tudo que fiz, foi por fim no meu caso com Emma. Depois que voltei com Mazi não tinha procurado outra mulher, ela sempre me deixou mais do que satisfeito.

Coloco o carro na garagem, o portão automático fecha e entro em casa, que estava silenciosa. Subo a escada com calma, entro no meu quarto e encontro Mazi deitada com Flora, ambas com olhos fechados.

Tiro meu sapato e o coloco no meu closet, junto com meu blazer e gravata. Tomo um banho rápido, sabia que ela não estava dormindo, sua respiração estava acelerada. Sento na beira da cama, ao lado do seu corpo, passo minha mão pelo seu braço até seu pescoço e acaricio sua nuca.

— Vai continuar a fingir que está dormindo? — ela não responde, aproximo minha boca da sua orelha. — Mazi, fala comigo.

— Vai dormir, não quero falar com você agora. — Suspiro antes de me afastar, eu normalmente não gostava que Flora ficasse entre nós, gostava de poder ter minha mulher contra mim e minha filha.

— Podemos conversar amanhã, então.

(...)

Na manhã seguinte, acordo sem Mazi, Flora continuava a dormir. Papai me informa que precisamos ir para Sacramento de manhã, decido deixar Flora na casa de Maya e ir com ele. Informo a mudança de planos por mensagem a Mazi.

(...)

Mazi

Estava com muita raiva de Michael, ontem quando desci para encontrá-lo em seu escritório o achei na rua, colocando Emma no carro e partindo.

Tinha me falado que não tinha nada com ela, eu deveria saber que era mentira, mas acreditei nele e era mentira.

Deveria saber que o jeito que ela o olhava, como agiu na sua presença dizia que eram bem mais que velhos amigos e ex-namorados.

Quando chegou fingi dormir, para não brigar com ele naquele momento que eu estava nervosa. Coloquei Flora para dormir entre a gente, assim ele não me tocaria durante a noite e funcionou.

Sai de casa cedo, para ir à floricultura, Flora ficou dormindo com seu pai. Chego no meu trabalho e ocupo minha mente com flores e flores. Eu adorava mexer com elas e trabalhei com prazer, sai da floricultura no horário do almoço, busquei Flora na casa de Maya e a levei para almoçar e brincar no parque.

Queria não pensar nele, senti o impulso de mudar de quarto, ficar longe dele, mas sabia que não deixaria. Preferia enfrentá-lo quando chegasse do trabalho.

(...)

— Mãe, pode ler para mim? — estava colocando Flora para dormir no seu quarto, a cobri até o queixo.

— Vou pegar o livro. — Levanto-me e vou até a pequena estante. Há uma semana tínhamos terminado o seu quarto, tínhamos decorado com o tema de fadas e colocado móveis de criança. Assim teria um quarto adequado para uma criança, já que estávamos morando aqui.

— Quero história de princesa. — Escolhi a “Pequena Sereia”, meu conto preferido. Sentei na beira da sua cama e li o livro até que ela dormiu. Fechei o livro, beijei sua testa, antes de levantar. Seu abajur estava ligado, para que não ficasse com medo se acordasse no meio da noite para ir ao banheiro.

Sai do seu quarto para encontrar Michael me esperando, na beira da escada.

— Não vai dormir comigo hoje?

— Não, você pode dormir sozinho. — Passo por ele, que agarra minha

mão e me puxa contra seu corpo. Minhas costas batem no seu peito, sinto seus lábios no meu pescoço.

— Querida, deixa de ficar brava.

— Não estou brava — minto.

— Então, por que vai me deixar sozinho?

— Porque você é mentiroso, mentiu olhando nos meus olhos. —

Consigo fugir dos seus braços, ele me segue até o quarto, fecha a porta com o pé.

— Eu não menti.

— Disse que não tinha nada com Emma, só foram namorados por anos e aí encontro você com ela, ontem à noite a levando para algum lugar...

Ele dá risada, joga o travesseiro nele, que desvia.

— Acha que eu a levei aonde? Para um motel?

— Não sei...

— Eu voltei rápido ontem, se tivesse a levado para um motel eu demoraria mais. Não acha? — ele continuava a fazer brincadeira e dar risadas.

— Eu acho que você é um ridículo, fica rindo de mim.

— Não de você, mas da situação. Eu a levei para casa.

— Quem garante? — ele caminha em minha direção e me puxa para seus braços, tento me afastar dele, mas ele é mais forte.

— Eu garanto. — Sua boca sobe pela minha garganta, beijando e mordendo minha pele. — Ela veio aqui falar que queria voltar o nosso caso, eu neguei e mandei que fosse embora.

— Então tinham um caso?

— Sim, estava vendo-a por um tempo, mas foi antes de você voltar. — Não estava disposta a ser tão fácil, não o deixei me beijar, para que meu corpo não se rendesse.

— Ela é casada.

— Eu sei, mais um motivo para que tivéssemos terminado.

— Também está grávida... — ele fica calado, com a boca ocupada me mordendo. — É seu?

— Não, quando voltei a vê-la já estava grávida. — Seguro seu rosto entre minhas mãos e o encaro. — Por enquanto, você é a única que vai carregar meus filhos.

— Você tem uma “tara” por mulheres grávidas? — ele dá risada, então sorri.

— Só você... Só você. — Beijou-me. Eu não queria ceder, mas acreditava nele. — Tem certeza que não está grávida?

— Sim, estou menstruada, era isso que queria falar para você.

— Desculpa... Ela pareceu de repente, não vai mais acontecer. — Ele me agarrou e me levou até a nossa cama. — Sei que não vamos transar, mas quero beijá-la até que perca os sentidos.

— Não precisa de muito para isso. — Ele cobriu meu corpo com seu, ficando entre minhas pernas. Ele me beijou, até que meus lábios ficassem inchados e meu corpo aceso.

— Quero tanto te foder...

— Nós não podemos... lembra, estou menstruada.

— Não me importo — sussurra contra meus lábios.

— Eu sim... — seus lábios deslizam pelo meu pescoço, gemo quando seus dentes mordem minha carne.

Seus dedos abrem a parte de cima do meu vestido, expondo meu sutiã. Não demora muito para que tira a parte de cima do vestido, puxando o pano até minha cintura e o sutiã junto. Assim que meus seios estão livres, suspiro. Naquela época do mês eu ficava muito sensível, cada toque era uma sensação maravilhosa.

Seus dedos prendem meu bico entre o dedo e puxa. Sua boca não desgruda da minha pele, deixando uma trilha de beijos até meus mamilos. Segura meus seios juntos e coloca os bicos dentro da boca, chupando com força.

Estava usando absorvente íntimo, quando esfreguei minha vagina contra sua perna, só tinha panos que nos separavam, minha calcinha e sua calça social.

Segurei seu cabelo e puxei, conforme mordida meus mamilos.

— Adoro chupar seus seios. — E eu adorava que ele fizesse. Suas mãos desceram pelo meu corpo, até as minhas coxas. Empurrando-me para cima, até que podia pressionar seu pênis contra a minha vagina.

Eu queria tanto ser fodida, mas não ia acontecer, não deixaria que me penetrasse enquanto estava sangrando.

Abro os botões da sua camisa, quando seu peito definido está a mostra, puxo o tecido pelo seu braço.

— Gostoso — sussurro antes de beijar seu peito e morder seu ombro. — Quero te chupar, fica por baixo. — Ele passa os braços ao meu redor e nos rola, me colocando em cima dele. Sentada em seu colo, virilha com virilha.

Beijo-o, enquanto me esfrego contra sua dureza. Sinto sua mão apertar minha bunda me incentivando a me mover mais rápido.

— Acho que posso gozar assim, sendo tocada através das roupas — murmuro contra sua boca, meus lábios batendo contra o seu, conforme falo.

— Se continuar a se mexer assim, eu vou gozar. — Paro de me mover, ouço seu gemido de decepção.

— Quem mandou parar? — bateu na minha bunda com força. — Pode voltar.

Ao invés de voltar a me esfregar, me afasto um pouco e tiro seu pau da calça social. Agarro-o pela base, enquanto a outra mão o envolve e massageia. Ele coloca as mãos atrás da cabeça me observando.

Conforme movia minha mão, meus seios abraçavam, com um sorriso nos lábios, vejo que o agrado.

Não demora muito para ele gozar na minha mão, sua respiração fica ofegante e murmura meu nome. Caio deitada do seu lado, ele me abraça e beija minha cabeça.

— Você é a minha única tara. Perfeita para mim.

— Vamos tomar um banho? — Pergunto.

— Só se você me deixar retribuir o favor. — Levanto-me rapidamente.

— Eu vou primeiro, você vem daqui alguns minutos. — Fujo para o banheiro, para tomar um banho primeiro.

Capitulo

— Vai ter um debate político no sábado, queria que você fosse. — Eu estava deitada ao lado dele, com seus braços ao meu redor. Tínhamos acabado de sair do banho, estávamos nus. O lençol cobria meu corpo, enquanto Michael estava descoberto.

— Acho que esse tipo de evento não é o meu tipo.

— Odeio quando você faz isso. — Suspira.

— O quê? Só estou me negando a ir.

— Não estou falando de se negar a ir e sim de falar como se eu fosse melhor que você, se rebaixar.

— Desculpa, mas fui criada de modo diferente, ainda bem que terminei o colegial. Não me sinto bem em eventos chiques. — Apoia sua cabeça na mão e me olha.

— Não é nada demais, você ficará sentada e jantará. Estarei lá. Meu pai também.

— Mesmo assim terei que usar vestido...

— Você usa vestido.

— Uso, mas não com salto.

— Vai de All Star. — Dou uma risada seca, eu não iria em um evento de tênis.

— Isso é muito importante para você?

— Para minha carreira política é, mas quero você lá para me dar apoio. Não precisa falar com ninguém. — Sua mão alisa meu braço, me incentivando.

— E Flora, vai ficar com quem?

— Com a Maya, não voltaremos para cá. Então ela dormiria com eles... — não gostava de deixar minha filha, muito mais por uma noite inteira.

— Nuca fiquei tanto tempo longe dela.

— Ela estará segura com eles, Maya adora crianças e Mary é muito

amiga dela. — Seus lábios sobem pelo meu pescoço, até meu queixo, onde mordisca. — Quero você lá, sem falar que, se eu for eleito, você realmente vai ter que comparecer nestes eventos comigo.

— Sério?

— Claro que sim, você é a minha mulher, precisa estar lá.

— Não somos casados.

— Não no papel, mas moramos juntos, isso de fato é uma união estável. Se isso for um problema, podemos casar amanhã. — Empurro seu rosto, precisava de ar e suas carícias me afetavam muito.

— Isso não é problema.

— Mas e sobre o casamento? Temos uma filha, moramos juntos, só falta assinarmos.

— Não posso, casamento é algo bem mais sério do que morar aqui.

— Está dizendo isso por que pensa em ir embora? — ele se senta, nervoso com a possibilidade. — É isso, vai me abandonar de novo. Quando? Hoje? Amanhã ou no domingo?

— Deixe de me julgar, eu não falei que ia embora, mas estamos juntos há pouco tempo e se você olhar para mim um dia e me mandar embora?

— Eu nunca vou te mandar embora. — Sei que suas palavras são verdadeiras, mas o motivo era outro.

— Isso porque temos uma filha e você não quer ficar longe dela. Não porque me ama.

— Não é assim...

— Claro que é, no máximo quer me manter, pois a mulher que ama é casada com outro.

— Não vamos falar de Maya, isso não tem a ver com meus sentimentos por ela.

— Então você tem sentimentos? — questiono chateada, por saber que ele ainda gosta dela.

— E você tem segredos.

— Ótimo, não negou, sei que é verdade. — Jogo meu travesseiro nele e saio da cama, seu braço rodeia minha cintura e me puxa de volta para o colchão

— Para com isso, eu já a esqueci.

— Mentira, sei que não, e não confia em mim, sempre acha que vou embora.

— Você foi embora há cinco anos, pode ir agora também. — Mordo seu braço que me prende, ele grita e me solta. — Você me mordeu, Mazi.

— Eu te mordi porque me prendeu. E sim, tive que ir embora, mas eu não corri só de você. — Corro para o banheiro e bato a porta com força, quando ouço seus passos pesados, giro a chave trancando.

— Abra essa porta. — A maçaneta gira, quando ele tenta abrir.

— Não, pode ficar aí.

— Merda, abra a porra da porta, vamos conversar sem você fugir.

— Deve ser por isso que eu fujo, você é louco. Não adianta, quero ficar aqui, longe de você. — Abaixo a tampa do vaso e me sento, tentando ficar calma.

— É isso que você quer? Ficar longe de mim?

— Sim, ou uma porta trancada não é sinal o suficiente? — Michael esmurra a porta, o barulho e o medo arrepia a minha pele. Não tinha uma boa relação com os homens e nem podia imaginar o mal que poderia me fazer. Michael era muito maior que meu pai e Tor, não o deixaria me surrar como eles fizeram. — Vai embora — gritei.

— O que você acha que sou, seu pai? Ou seu ex-namorado, Tor?

— Está parecendo, batendo na porta e gritando comigo.

— Eu não sou eles... — insisti.

— Basta ir embora, não quero te ver, estou com medo de você. — Sua mão bate na porta, mas não é forte.

— Mazi, vamos conversar como adultos.

— Não quero falar com você agora. — Soluço. — Você pode ir

embora, por favor?

— Tudo bem, se é o que quer. — Espero até ouvir a porta se fechar com força, não controlo minhas lágrimas e desato a chorar. Odeio pensar que ele poderia me machucar, e odeio ainda mais, que mesmo comigo, ainda ame Maya.

Queria ficar com raiva dela ou dele, mas só tinha de mim. Nunca deveria ter voltado para essa maldita cidade. Odeio todas as lembranças que essa cidade me traz. Aproximo do espelho para ver meus olhos inchados, eu estava nua. Toquei minha cicatriz nas costas, sentindo a pele enrugada em meus dedos.

— Isso tudo vai acabar, você vai ver. — Observo-o jogar a gasolina pelo quarto, molhando os móveis e a cama que estou. Encolho-me, fecho os olhos e inalo o cheiro. Pelo menos não vou precisar vê-lo novamente. Nunca mais. Quero desistir.

Ele joga o galão no canto e pega um isqueiro, quase como se fosse em câmera lenta o isqueiro cai no chão e acende.

Desço minha mão para minhas coxas, onde tenho pequenas cicatrizes, cortes que ele fez com a cinta.

— Eu sou o único na sua vida, você tem que me obedecer. — O couro do cinto bate na minha coxa, sinto minha pele rasgar. — Você deve.

— Por favor. — Ele não para e me açoita várias vezes, até que eu não sinta mais minhas pernas. Não me movo. Fico lá porque parece horas, então ele me arrasta até o meu colchão de ar.

— Você é ingrata, fiz tudo por você. — Ele limpa minhas feridas, o álcool arde, mas só resmungo.

Ele sempre faz isso, me machuca, então cuida dos meus ferimentos. Nunca o entendo, mas nos últimos dias, eu o odeio, não consigo amá-lo como antes. Faz dias que não vejo a luz do dia, não sinto o calor do sol e nem vejo Michael.

Eu sinto falta dele.

— Você vai ficar boa, querida. — Ele acaricia meus cabelos, não

consigo abrir meu olho esquerdo, está inchado pelo soco que me deu. — Por que me força a fazer isso? Odeio te machucar, mas é necessário, para que saiba que tem que me obedecer.

— Desculpa.

— Eu te amo, querida. Nunca se esqueça, faço só isso para seu bem. — Então se afasta, me trancando lá. No escuro. Onde eu não consigo enxergar nada.

Odeio a escuridão

Odeio ele.

Odeio viver, só quero que ele me bata até eu morrer, assim não preciso sofrer mais.

Às vezes, queria perder a memória, para não lembrar do passado.

Não gosto do meu reflexo.

Na verdade, odeio-o.

Estava claro o porquê Michael não podia me amar. Quem amaria alguém com tantas marcas, cicatrizes e pesadelos? Ninguém.

Muito menos alguém como ele.

Bom.

Pego a saboneteira de porcelana e jogo contra o espelho o barulho é estrondoso, sinto alguns cacos baterem contra meu corpo, alguns me machucando. Mas a dor é mínima perto do que já senti.

Sento na banheira, ligo o chuveiro e deixo que minhas lágrimas se misturem com a água. Michael volta para o quarto, posso ouvi-lo bater à porta, chamar meu nome, preocupado comigo.

Não aguentando ouvir os barulhos, afundo na banheira, até que minha cabeça esteja submersa. Só continuo a vida por ela, minha filha. Se Flora não dependesse tanto de mim, eu já teria ido.

Apesar que agora ela tinha Michael, não precisava tanto de mim...

(...)

Michael

Continuo a bater na porta, pedindo para ela abrir. Estava na cozinha, quando ouvi um barulho estrondoso, fiquei com medo que pudesse se machucar. Corri para cima, mas ainda estava trancada.

— Abre a porta. — Pedi desesperado.

Ela não respondeu, com medo, chuto a porta até a trava ceder. Quando finalmente está aberta, entro no banheiro que está quente, o vapor vem da torneira da banheira ligada. Ando pelos cacos do espelho, a vejo submergida. Desesperado, pego seu corpo, a água estava tão quente que me queima. A tiro da banheira e caminho para o quarto. Assim que seu corpo bate na cama, seus olhos azuis abrem.

Ela tem algumas feridas na pele, imagino que sejam do espelho.

— Você está louca? — pego uma toalha para secar seu corpo, que está vermelho e em alguns pontos, sangra.

— Quero ficar sozinha.

— Você não pode ficar sozinha, é uma suicida.

— Não tentei me matar. — Sua voz é baixa. — Se tivesse tentado me matar, eu não estaria conversando com você

Pego seu corpo mole e abraço, eu não posso perdê-la.

— Você me assustou para caralho. — Ela não diz nada, a seguro até que ela dorme. Ainda com o coração acelerado, a coloco debaixo da coberta e limpo a bagunça no banheiro, com medo que ela volte ou que Flora venha em nosso quarto.

Já de madrugada, me deito ao seu lado, puxo seu corpo contra o meu, assim saberei que estará deitada enquanto durmo.

Na manhã seguinte, acordo antes dela. Sua respiração está calma, Flora entra no meu quarto arrastando seu coelho de pelúcia.

— Bom dia, papai. — Ajudo-a subir na cama, ela deita ao lado de sua mãe, totalmente coberta pelo cobertor.

— Bom dia, princesa.

Ela pede que eu faça um leite com achocolatado, a deixo no quarto, enquanto faço.

Ao voltar Mazi já está acordada, ela evita me olhar nos olhos e age normalmente. Entrego o copo para Flora, que bebe todo o leite.

— Preciso trabalhar, tenho uma reunião em algumas horas e ainda tenho que ir a Sacramento. Vou chamar Maya para ficar com você.

— Não perca seu tempo, pode deixá-la bem longe de mim. — Flora estava concentrada no desenho que passava na televisão, sento na beira da cama, ao seu lado.

— Maya é uma boa amiga e vai ser bom para você conversar.

— Está dizendo isso porque não quer me deixar sozinha.

— Tem razão, mas se quer ficar sozinha, posso levar Flora comigo. Assim pode limpar a mente.

— Você vai trazê-la de volta?

— Estarei aqui antes do jantar, não vou sumir com ela e nem deixar você. — Mazi ainda não me olhava nos olhos, puxo seu queixo e a forço. — Olha para mim. — Finalmente seus olhos azuis me encaram, estão marejados e inchados. — Não faça isto de novo, me assustou pra caralho.

— Tudo bem. — Aproximo-me e a beijo rapidamente. — Não é para deixá-la com a Maya e nem a mandar vir.

— Ela estará comigo e você sozinha. — Após trocar Flora, me arrumo também. Mazi não sai da cama, apenas nos observa. Antes de sair beijo sua testa, prometo vir o mais rápido possível.

Coloco Flora em sua cadeira e dirijo até Sacramento.

Fico pensando na Mazi e em como se tornou autodestrutiva ontem, foi horrível vê-la assim, meu coração doía por ela. Após a reunião, estava com medo do que Mazi poderia estar fazendo, contra seu pedido ligo para Maya e peço que vá até minha casa e confira Mazi.

Após a ligação, dirijo para San Rafael, queria saber como ela estava. Não atendia minhas chamadas.

Quando estacionei em casa, vejo seu carro aberto, mas vazio

— Está tudo bem, papai? — perguntou minha filha. Tiro-a da sua cadeira e tranquilizo.

— Sim, meu bem. — Entramos em casa, que estava silenciosa, exceto por Toby, que latia. Flora foi conferir o cachorro, procurei Mazi pela casa, chamando seu nome.

Subi para o andar de cima, nosso quarto estava vazio e todo bagunçado. Sento na beira da cama e suspiro. Não sabia onde estava, talvez tivesse errado em deixá-la sozinha como tinha pedido, mas acreditei nela e agora Mazi tinha ido embora.

Capitulo

Esperei que Flora e Michael saíssem de casa, assim que ouvi o barulho do carro, me levantei. Procurei uma roupa no meu closet, a manhã estava fria e não poderia usar um simples vestido.

Coloquei calça jeans e uma camiseta, meu habitual All Star no pé e estava pronta. Mal conseguia olhar nos olhos de Michael, com medo que ele pudesse ver as mentiras nele. Sem falar na vergonha.

Quando me pegou na banheira, submersa não estava tentado me matar, só silenciar os barulhos.

Desço a escada rapidamente, procuro a chave do meu carro pela sala, quando ouço um barulho vindo da cozinha.

— Michael, é você? — ele não responde, sabia que estava bravo comigo. — Amor, podemos conversar um pouco? Quero te contar sobre como fui embora.

Aproximo-me com passos curtos, com medo de encará-lo. Eu preciso contar a verdade para ele, dizer tudo que aconteceu comigo, mas é tão difícil. Talvez Michael fique com nojo de mim, me mande embora. Tudo poderia acontecer.

— Michael? — o chamo de novo ao encontrar a cozinha vazia, me aproximo da pia e fecho a janela que ventava forte.

Ele não estava, teria que esperar até a sua volta. Vejo Toby latir desesperadamente em minha direção, o seu latido é agudo e o mando deitar.

Dou um passo para trás e bato em algo duro, um peito masculino.

— Merda, por que não me respondeu? — ao me virar, não encontro Michael como pensava e sim um homem tatuado. — Tor? — minha voz é falha, mal consigo acreditar que seja ele.

Não, estava sonhando.

Belisquei meu braço e eu não acordei, ele continuava ali, na minha frente.

— Oi, meu amor. — Ele empurra o capuz, posso ver as marcas de queimadura do lado direito do seu rosto e em seu pescoço também.

Eu não tinha matado o filho da puta.

Ele estava vivo.

Tentei fugir dele, mas pegou meu braço e puxou. Bati meu ombro em seu peito, tentei alcançar o faqueiro em cima do balcão, só que sua mão chocou com meu rosto.

Fiquei desnorteada e minha visão borrou pelo soco. Pisquei repetidas vezes tentando limpar a visão, mas era melhor nem olhar para ele.

— Sua vadia, procurei você por anos e você estava aqui? Vivendo um conto de fadas com aquele merda? — senti sua mão enrolar no meu cabelo, puxou os fios e me arrastou para longe da cozinha.

— Tor, para com isso.

— Como parar, você já viu o que fez comigo? Você fodeu comigo, tenho queimaduras por todo meu corpo, quase morri, mas acho que o desejo de me vingar foi mais forte. — Entramos no escritório de Michael, posso sentir o cheiro do seu perfume, ele esteve aqui um pouco antes.

Jogou-me na poltrona, não sabia o que ele queria, provavelmente terminar o que começou há cinco anos.

— Tor, vamos conversar...

— Conversar? Você pensou nisto antes de quase me matar?

— Foi você que colocou fogo na casa — o acuso.

— Sim, para queimar você e não eu. — Estava transtornado, não sabia o que fazer. Andando de um lado para o outro. — Você acabou comigo, perdi tudo que tinha.

— Você foi o único que fez isso acontecer, não me deixou ir embora.

— Para você voltar com esse cara? — ele pega um porta-retrato com uma foto minha, de Flora e Michael, que foi tirada recentemente. — Vocês parecem a família perfeita.

Joga o quadro na parede oposta, o barulho me assusta e pulo na

poltrona.

— Só faz o que tem que fazer... — ele se aproximou, tinha uma faca nas mãos. — *Me mata logo, não vou aguentar mais você e suas torturas.*

— Matar você? Eu não quero matar você. — Sua mão desliza pelo meu rosto, desce pelo meu pescoço.

— Você ia colocar fogo em mim.

— Sim, para que nenhum homem a olhasse, só eu desejo você com todas suas imperfeições. Imagino que se tivesse todo seu corpo queimado, nunca teria voltado com você. — Sinto um enorme alívio quando recolhe sua mão, então bate no meu rosto. — Mazi... Mazi... Agora que te achei, não vou te deixar ir.

— Prefiro morrer a ir com você.

— Não se preocupa, vamos pegar a nossa filha, não podemos ser uma família sem uma criança.

— Ela não é sua filha, ordinário. — minha cabeça latejava, meu corpo dói, mas só de pensar que ele pode colocar a mão na minha filha, meu sangue ferve. Quero matá-lo.

— Não fala besteira, nós sabemos que ela é minha filha. Tem olhos castanhos, como os meus. Seu cabelo e preto como o seu. — Ele pega a foto do porta-retratos quebrado e me mostra. Na foto, não dava para ver a semelhança dos olhos de Michael e Flora, mas claramente se pareciam. Ainda estando tão próximos. — Ela é tão bonita. — Ele passa seu dedo sobre o rosto dela, meu estômago se contorce só de imaginar o que poderia causar na minha filha.

— Solta essa foto, quer me levar, estou aqui. Já Flora, está com o pai dela e não vai voltar hoje.

— Vamos esperar, quero minha filha. — Ele se aproximou, colocou a lâmina contra minha garganta. Engoli em seco, com medo. — Para de falar que é dele, sei que é minha. Você dormiu com ele uma vez, enquanto que comigo foram várias.

— Eu passei uma noite com ele, você não sabe quantas vezes ele me

fodeu. — Sinto a lâmina entrar na minha pele, um filete de sangue quente escorre. Meu coração estava acelerado, mal sentia a lâmina, até que a tirou e senti a ardência.

Meus dedos tocaram a pequena ferida que sagra.

— Uma puta mesmo. — Tor estava transtornado, sua boca repuxava. — Quero ver se ele ainda vai querer te foder várias vezes depois que acabar com você.

— Pensei que fosse me manter, mudou de ideia?

— Sim, mudei de ideia. Quero te foder inteira, se sobreviver, eu a devolvo para ele. Como um presente. — Ele agarra meus cabelos e me puxa para fora do escritório. Abre a porta da garagem e me arrasta pelo chão áspero. Pensei que fosse me colocar no meu carro, mas não. Leva-me para o fundo, tem materiais de mecânica, ele arrasta uma mesa, que revela uma porta de tamanho médio. — Acredita que estive aqui essa semana? Dentro da sua casa. Debaixo do seu nariz.

Tor se agacha para passar pela porta, não solta meus cabelos, me arrasta pela pequena escada de madeira. Sinto cada degrau bater nas minhas costas, grito de dor.

O lugar está escuro e cheira a mofo, quando ele acende a luz e percebo a sujeira do quarto, imagino que ninguém vem aqui em anos. Talvez Michael não soubesse que existia.

— Vai ser tão divertido, talvez quando ele chegar, posso trazê-lo aqui, para assistir. Tudo.

— Você é um filho da puta, fica brincando comigo só porque não quis ficar com você. Pode me bater, me estuprar, mutilar, mas não vai mudar o fato que eu não te amo, não te quero e prefiro morrer antes de voltar com você. — Isso o deixou nervoso, me jogou no chão e chutou minha cabeça repetidas vezes, tento me proteger com os braços.

— Ótimo, nem para mim e nem para ele. — Para de me chutar, demoro um pouco para levantar a cabeça. Observo-o andando até sua cama improvisada, mexe na sua mochila e volta com uma corda. — Vamos nos divertir primeiro.

Arrasta-me até a cama, me deito contra as cobertas, mesmo assim ainda posso sentir o chão duro. Esse lugar escuro me lembra o sótão, onde tudo começou, onde fui arruinada e aqui eu seria dilacerada.

Passa a corda ao redor dos meus pulsos, então puxa meus braços para trás e o prende na barra de ferro. Minha respiração fica ofegante, quando ele beija minha testa, suas coxas estão entre as minhas, posso sentir sua ereção. Meu estômago embrulha, só em pensar suas mãos sobre mim.

— Sei que gostava de mim há cinco anos, não pode ser diferente agora.
— Seus lábios deslizam até minha boca, beija meus lábios, mas mantenho minha mandíbula cerrada. Sem que pudesse me beijar com a língua.

— Nojo. Eu tenho nojo de você — murmuro contra seus lábios, sua mão aperta meu seio pelo sutiã. As carícias são as mesmas de cinco anos, sua mão no meu corpo, seus lábios em minha pele e meu nojo por ele.

Puxo minhas mãos, quando sinto a suas na minha calça, abrindo meu zíper. Tento chutá-lo, mas é mais forte e me domina. Puxa a calça, expondo minha calcinha de renda. Era vermelha e uma das preferidas de Michael.

Oh, Michael. Estaria tão longe agora, em outra cidade, enquanto eu morria aos poucos com Tor.

— Você continua tão gostosa, mesmo depois de um filho. — Ele se afasta para pegar a faca no balcão. Quando volta rasga minha camiseta, sentir o metal da faca arrepia minha pele. Depois corta meu sutiã no meio, expondo meus seios. Suas mãos ásperas apertam meus seios, seu dedo brinca com meu mamilo. Fecho meu olhos e respiro fundo.

Ele já fez isso uma vez, está só repetindo. Tento me manter firme, mas quando sinto sua boca na minha pele sensível, seus dentes mordendo meu mamilo. Não aguento, as lágrimas rolam, eu tenho tanto nojo dele.

Nojo de mim por ter me relacionado com um cara deste.

Um dia cheguei a acreditar que o amava.

Um dia cheguei a acreditar que era bom.

E um dia descobri que ele era ruim, muito ruim.

Não havia nada que eu pudesse fazer que me livraria dos meus medos. Se eu saísse deste porão — o que duvidava — eu nunca mais o esqueceria. Só de pensar na minha filha, crescendo sem mim, me parte o coração.

Há cinco anos estava nesta mesma posição, lembro que descobri que estava grávida só quando a sentia mexer. Minha barriga era pequena, mesmo com quatro meses. Demorei para aceitar o fato, pensei que fosse filho de Tor e preferiria morrer antes de ter uma versão menor dele.

Mas ela nasceu, iluminou meu dia. A flor mais linda do meu jardim. Nunca estive tão agradecida de ser filha de Michael, embora duvidasse que a deixaria ir, mesmo que fosse filha de Tor.

Nos últimos anos olhei para Flora como o símbolo da minha esperança, pois quando ele descobriu que eu estava grávida e deixou claro que bateria em minha barriga até que eu perdesse a criança, não tive escolha. Eu fui mais forte que ele, não o deixei matar alguém tão inocente.

Sua mão desce até a minha calcinha, o pequeno tecido não pode me proteger, ele puxa com força, a renda sede. Sinto o ar gelado, seus dedos passeiam pela minha vagina, quando me penetram eu grito. Normalmente eu estaria molha, excitando por um toque, mas não era o seu toque que me excitava. Por isso foi tão difícil ter seus dedos, que rasgam minha pele. Seus lábios estão nos meus peitos, sugando meus mamilos, enquanto seus dedos se movimentam. Dentro e fora.

Talvez ele esperasse que eu cedesse, demonstrasse prazer em suas carícias, mas era impossível, isso não estava acontecendo. Uma vez o desejei, mas foi antes de saber quem ele realmente era.

Mantinha meus olhos fechados, porque ao encarar seu rosto queimado, só podia imaginar o Freddy Krueger me tocando. Seria cômico, se não fosse aterrorizante. Eu odiava a Hora do Pesadelo, achava o filme ruim e após ver o rosto de Tor, tornava o filme ainda pior.

— Quero te ouvir, por que você não geme como fez com ele? Eu estava lá, no corredor, ouvindo a mulher que eu amo trepar com outro. Sei o quanto pode ser vocal, vai se negar a se entregar?

— Não me nego, pode fazer o que quiser comigo, eu não vou ceder. Você não é Michael, para você estou tão seca quanto o deserto. — Abro

meus olhos para encará-lo, cuspo no seu rosto. Sua boca repuxa, e seu corpo estremece.

Bate sua testa na minha com força, grito pelo impacto.

—Vadia. — Ele levanta para que pudesse abrir sua calça, não quero pensar no que vem depois.

Tor fica entre minhas pernas, posso sentir seu pau contra a minha perna.

Eu o odeio, quanto odeio seu toque.

Não adiantava gritar.

Ninguém me ouviria.

Ninguém estava aqui para mim.

Quando o sinto entre minha carne, ouço um barulho.

Ding Dong.

A campainha.

Capitulo

Maya

Estava corrigindo provas quando meu celular tocou, tentei procurar no meio dos papéis. Quando Mary aparece na sala, trazendo o aparelho.

— O seu celular está tocando.

— Obrigada, querida. — Minha menina com cabelo de anjo se afastou, não podia deixar de sorrir pela minha pequena filha. Estava agradecida que Luke tinha voltado para casa, estávamos aumentando a casa para a chegada de mais um filho.

Eu tinha decidido parar em Mary, mas Luke queria mais um filho e acabou me convencendo. Não sabia se estava preparada para começar tudo de novo, mas estava disposta a arriscar. Tinha falado para ele que seria nosso último filho, com trinta e oito anos já não era uma jovenzinha para parir um time de futebol. Ele se ofereceu para fazer a vasectomia, já que o anticoncepcional me fazia mal e ele odiava usar camisinha.

Não sei como não engravidei antes, já que nosso único método era o coito interrompido. Acaricieei minha barriga ainda plana e sorri, adorava a sensação de carregar seu filho. Uma parte minha e uma parte dele.

Atendo a ligação de Michael, que está preocupado.

— Michael?

— Maya, pode me fazer um favor?

— Claro, o que precisa?

— Eu e Mazi tivemos uma discussão ontem e as coisas saíram de controle...

— Ah meu Deus, você bateu nela, Michael? — pergunto surpresa.

— Quê? Não, claro que não. Nunca bati em uma mulher e muito menos na minha. — Suspiro aliviada. — Ela fez algumas coisas que não dá para explicar agora, peço que você vá até minha casa e veja se está tudo bem.

— Claro, estou indo lá agora. Vou conversar com ela.

— Pode ser que não a receba muito bem, já que você foi um dos motivos da discussão, mas, por favor, insista. Preciso saber se está bem.

— Tudo bem, depois conversamos. — Encerro a ligação, eu entendo que Michael e eu tínhamos uma longa história, apesar de amá-lo como um amigo, não era a mesma coisa para ele e Mazi sabia disto.

Recolho as provas e as coloco na minha pasta, Luke estava em casa, então poderia deixar Mary com ele. Avisei-o que estava saindo, beijou meus lábios e depois minha barriga, sorrindo de orelha a orelha.

Aquele cara era um ótimo pai, além de marido.

Saí de casa e dirigi até a de Michael, era engraçado que eu tivesse tantas lembranças da sua casa na minha adolescência. Eu nunca morei em outro lugar, sempre fui de San Rafael, apesar de ter viajado e conhecido outros lugares.

Estacionei na frente da sua casa, olhei ao redor e pelas janelas. Estava escuro, não sabia se ela estaria aqui.

Toquei a campainha e esperei. Sem resposta, voltei a apertar o botão.

Por favor, insista.

Se Michael estava tão preocupado deveria haver uma boa razão, peguei a chave reserva que ele mantinha embaixo do tapete e abri a porta; assim que entrei gritei seu nome e não obtive resposta.

Coloquei a chave em cima da mesa e fui conferir a casa, que estava vazia, parei perto da escada quando senti um vento, olhei para a janela aberta. Antes que pudesse andar, sinto duas mãos nas minhas costas me empurrando escada abaixo.

Minha visão ficou escura, conforme minha cabeça batia nos degraus. Quando cheguei no térreo, comecei a sentir pontadas. Com a visão turva, não conseguia ver quem era, mas um homem me arrastou pelas mãos, não sabia onde estava indo, até sentir o cheiro de gasolina da garagem. Ouço algo sendo arrastado, então ele abre uma porta e descemos por uma curta escada.

— Ai meu Deus! o que está fazendo com ela? — ouço a voz

desesperada de Mazi, pisco repetidas vezes até que pude limpar minha visão, estávamos num porão, o chão áspero de cimento esfola minha pele, conforme sou arrasta até Mazi, que está deitada.

Vejo que está nua e presa, suspiro por ver as condições que ela se encontrava.

— O que você me forçou a fazer. Tive que machucar mais uma pessoa, tudo porque não me contou que ela estava vindo.

— Eu mandei que ele não a chamasse, mas como sempre, teve que chamar a sua fiel companheira Maya. — Seguro minha cabeça, estou confusa. Não consigo entender direito o que está acontecendo.

— Não importa, agora está aqui e vai ter que morrer.

— Não, por favor, não a machuque — implora Mazi.

— Pensei que não gostasse dela. Não é a mulher que seu “namorado” ama?

— Sim, mas não significa que quero vê-la morta. — O homem se aproximou de mim, afastou meu cabelo do rosto, para que pudesse ver meu rosto.

— Ótimo, agora temos a mulher de Luke desnorteada, é melhor matá-la e esconder o corpo. O cara é ruim, ficou preso por matar seus familiares e depois postar o vídeo. — Ele pareceu desesperado, andando de um lado para o outro. — Que merda, que merda.

Nervoso ele caminha até Mazi e a chuta.

— Por favor... — imploro.

— Calada. Preciso pensar. — Respiro fundo e rolo até Mazi, que está deitada em uma cama improvisada.

— Deus, Maya. — Ela chorava ao me olhar. — Você tem um corte horrível na cabeça. — Toco minha testa e sinto o sangue quente sujar meus dedos.

Merda, isso dói tanto.

— Está tudo bem. — Tento tranquilizá-la.

— Desculpa, é tudo culpa minha. Você não deveria estar aqui.

— Precisava saber se estava bem... — tento manter meus olhos abertos, mas é tão difícil. Minha barriga dói, com tantas pontadas.

Ah meu filho.

Minhas lágrimas são involuntárias, não consigo pará-las. Não só pela dor, pelo medo de morrer, por estar perdendo meu filho, como também por Mazi.

Pelo seu estado, temia que fosse estuprada, por aquele homem com queimaduras no rosto.

— Não feche os olhos Maya, fica comigo.

— Eu não consigo. — A luz machuca meus olhos, não consigo mantê-los aberto. Aos poucos vou cedendo e minha mente esvaziando.

(...)

Mazi

Meus olhos estão em Maya, tenho medo que tenha morrido, mas não consigo checar seus sinais vitais com as mãos amarradas. Eu estava trazendo tanta destruição para aquelas pessoas, Maya não merecia isso. Preferiria ter sido estuprada várias vezes, do que ela aparecer.

Tor estava agitado por causa do marido dela, com medo. Isso era bom, talvez desistisse na ideia.

— Precisamos sair desta casa. Eles vão chegar quando perceberem que sumiram. — Começa a arrumar as coisas, juntar seus pertences. — Preciso te vestir, não pode ficar nua. — Ele sai do quarto, nos deixando sozinhas.

— Maya — chamo, mas ela não acorda. Precisava que tivesse acordada para desamarrar as cordas da minha mão, assim poderíamos fugir. Tento chutá-la, continua desacordada, então seus olhos se abrem. — Maya, você precisa acordar e me soltar.

Ela demora um pouco para entender, então se arrasta e alcança minha mão. Ela não era rápida suficiente, a sua cabeça deveria estar muito ferrada.

— Eu não consigo. — Maya esta desnorteada, começa a murmurar o nome de Luke e desata no chão.

— Maya, por favor — imploro aos prantos, ela volta a fechar os olhos e fica imóvel. Tor demora a voltar, tudo parece perdido. Nunca mais vou ver minha filha, nem Michael. Duas crianças perderam a mãe e Luke a esposa. Maya estava muito mal, precisava ser levada ao hospital, mas ele não a deixaria aqui e sim a mataria.

De repente ouço o som da garagem, o portão elétrico abrindo.

Era Tor fugindo com meu carro?

Era Michael chegando?

Só tive certeza quando ouvi uma voz.

— Está tudo bem, papai? — é Flora, minha pequena menina. Choro mais de alegria e ainda mais de medo, se Tor machucá-la, então eu estava acabada. Não restaria nada de mim.

— Sim, meu bem. — Sim, meu bem sua voz era como uma canção, gritei seu nome o mais alto que podia, mas não tinha forças.

Ouçó a porta batendo, eles estão na casa com Tor, aquele louco. Debato-me para sair, mas as cordas estão fortes ao redor do meu pulso. Quero fazer algo para avisar Michael, mas estou aqui, impotente e amarrada.

(...)

Michael

Flora foi conferir o cachorro, procurei Mazi pela casa, chamando seu nome.

Subi para o andar de cima, nosso quarto estava vazio e todo bagunçado. Sento na beira da cama e suspiro. Não sabia onde estava, talvez tivesse errado em deixá-la sozinha como tinha pedido, mas acreditei nela e agora Mazi tinha ido embora.

Pego meu celular e ligo para Maya, seu celular cai na caixa postal. Ligo para Luke, que atende rapidamente.

— Michael, tudo bem?

— Sim, eu acho. Cheguei em casa agora.

— A Maya está aí? Não chegou em casa ainda.

— Não tem ninguém aqui — revelo.

— Tem sim, Maya não atende minhas ligações, disse que estaria aí. Então, ela está aí porra. — Ficou desesperado, pude ouvi-lo gritando com as crianças, pedindo para Liam olhar sua irmã. — Estou indo aí, alguma coisa está errada.

Ele encerra a chamada, coloco o celular no bolso e vou atrás de Flora. Precisava levá-la a um lugar seguro para que pudesse procurar as mulheres. Ao descer a escada, noto uma gota avermelhada. Abaixo-me e vejo que é sangue.

— Flora, venha aqui agora. — Algo estava acontecendo e ia saber o que era. Ouço Flora gritar, me levanto e corro até a cozinha, pela janela não encontro Flora, só Toby deitado e sujo de sangue. — Flora, onde você está? — grito, nada poderia acontecer com a minha filha. Com o coração a mil, corro até meu escritório e pego minha pistola dentro da gaveta.

— Melhor guardar isso aí. — Levanto minha cabeça para ver Tor segurando minha filha, ele tem uma faca contra o pescoço dela.

— Tor?

— Sim, eu. Estou cansado de me perguntarem se sou eu. Sei que as queimaduras que sua mulher causou deformaram meu rosto. — Respiro fundo e coloco a arma na mesa. — Agora pode andar na minha frente, com as mãos para cima.

— Papai, estou com medo.

— Fica tranquila, querida. Vai ficar tudo bem. — Ao ver o terror em seus olhos, me controlo e faço tudo que manda.

Ando devagar, ele me leva até a garagem. Então me manda empurrar uma mesa de ferro, atrás há uma porta média.

— Abra. — Giro a maçaneta e me abaixo, para entrar. Desço alguns degraus e encontro Mazi e Maya.

Meus olhos saltam ao ver o estado de Mazi, me aproximo dela, mas me

detenho ao ver Maya desacordada.

— Merda, você está bem? — pergunto a Mazi.

— Sim, estou bem. Maya bateu a cabeça, está sangrando.

— Olha que legal. Michael e seus dois amores. — Tor solta Flora que corre na minha direção.

— Papai. — Ela começa a chorar nos meus braços, Mazi pede que a aproxime. Puxo um lençol para cobrir o corpo nu de Mazi, antes que Flora deite ao seu lado e chora contra o pescoço da mãe. — Mamãe, estou com medo.

— Vai ficar tudo bem...

— Não vai ficar nada bem. — Garante Tor, com a minha arma apontada para nós. Tento acorda Maya, mas ele fica imóvel, só resmunga. — Vamos brincar. Michael, você pode escolher. Vou deixar uma sair livre, viva. Quem será?

— Deixa-as irem, fica comigo.

— Não, você vai morrer de qualquer jeito, fodeu minha garota, agora vou foder você. Escolhe: Mazi ou Maya?

— Escolhe a Maya, ela está mal, precisa de um médico — sugere Mazi.

Entreolhei as mulheres na minha frente. Passei a vida pensando que amava Maya e agora tinha que escolher entre as duas. Uma vive e outra morre.

— Melhor escolher rápido. — Ele apontou a arma para Mazi, minha filha tinha o rosto escondido. — Mazi ou Maya? Mazi ou Maya? Mazi ou Maya? Mazi ou Maya? Mazi ou Maya? — Ele ficava falando o nome de ambas, me forçando a escolher. — Mazi ou Maya? Escolhe: Mazi ou Maya? — Gritou.

E não sabia o que escolher, não queria escolher, mas se tinha uma oportunidade de salvar um preferia que fosse...

— Mazi... Eu escolho a Mazi, você vai deixá-la ir com a Flora. — Ele abre um sorriso satisfeito.

— Que lindo, então você a ama? O amor sempre vence. — Ironiza, apontando a arma para Maya, puxa o gatilho, mas antes salta em sua direção. Eu era jogador de futebol americano, uma coisa que sabia bem era saltar em pessoas e derrubá-las.

Enquanto luto para pegar a arma, ele envolve as mãos ao redor do meu pescoço e aperta. Consigo socar seu rosto, suas mãos afrouxam, pego sua cabeça e bato contra o chão de concreto. Minha raiva era muito grande, continuava a bater, até ele perder os sentidos e desmaiar.

Pego a arma antes de ir até Mazi e desamarrar suas mãos, ouço passos pesados e grito por Luke, quando entra no porão.

Capítulo

24

Pilotei rapidamente para casa de Michael, que não era muito longe da minha. Tinha medo que algo acontecesse a minha mulher e meu filho, ainda não nascido.

Ela estava tão feliz hoje de manhã, fazendo planos para aumentar a casa é assim fazer mais um quarto e agora estava sumida. Esperava que não fosse meu primo Lúcifer, pois se algo acontecesse com Maya, eu não era capaz de sobreviver.

Mesmo que eu tivesse Liam e Mary para criar, nunca seria a mesma coisa. A minha doce mulher sempre traz o melhor de mim, me esperou por sete anos e me aceitou.

Não se importou que tivesse as mãos sujas de sangue, que tivesse matado pessoas, só importa quem eu sou agora.

Parei minha moto em cima da sua calçada, joguei o capacete para o lado e entrei pela porta principal, que estava aberta.

A casa estava vazia, chamei por Michael e então ouvi barulhos vindo da garagem, assim que passei pela porta notei na luz que vinha do fundo, ao me aproximar vi que era uma porta que dava provavelmente para o porão.

Com dificuldade, pois era maior que a porta, passei e desci alguns degraus, quando levantei minha vista vi Maya jogada no chão, inconsciente.

Corri até o seu corpo, afastei seu cabelo loiro do rosto e bati na sua bochecha.

— Maya, querida. — Beijo sua boca e bochecha, torcendo para que acordasse.

Michael estava agarrado com sua filha e Mazi, ambas choravam contra seu peito, enquanto ele se segurava para não fazer o mesmo.

Coloquei de corpo mole no meu colo, tentei acordá-la, mas só ouvi resmungos. Tinha um corte na cabeça que sangrava bastante, seu vestido estava sujo de sangue, pensei que fosse da cabeça, até reparar nas suas pernas nuas.

Respirei fundo, antes de levantar o vestido até sua cintura e comprovar o que eu já suspeitava. Maya estava perdendo nosso filho, a apertado contra meu corpo e aliso seu cabelo.

— Vai ficar tudo bem. — Já não mantenho minhas lágrimas, como uma garota, desato a chorar.

Não só por estar perdendo o bebê, ou ela, mas por tudo.

— Ele a machucou, não sei o que aconteceu, mas foi grave — disse Mazi, que estava enrolada em um lençol e chorava.

— Já ligaram para uma ambulância?

— Sim, acabei de fazer a ligação, logo estarão aqui.

— Você pode segurá-la? Tenho que fazer algo.

— Claro que sim. — Passei a cabeça de Maya para seu colo e me afastei, Mazi murmurava desculpas no ouvido dela. Michael embalava sua filha que chorava em seus braços.

Estava bravo, não estava entendendo muito bem, mas ele tinha a machucado e eu o machucaria. Muito pior.

Aproximo-me do cara deitado no chão, ele estava com os olhos abertos, mas não se movia. Ao redor da sua cabeça havia sangue, vejo que Michael bateu repetidas vezes sua cabeça no chão de concreto.

Pego um martelo na garagem, seguro forte o cabo de madeira. Eu podia

voltar para prisão, minha ficha era suja, mas minha consciência só ficaria limpa se soubesse que machuquei o responsável por toda essa tragédia.

— Luke, o que está fazendo? — pergunta Michael, apreensivo. — Ele já está machucado, a polícia está chegando. Se controla, cara.

— Não, ninguém mexe com a minha família e sai vivo. — Caminho até o cara, assim que me vê arregala os olhos castanhos. É magro e alto, mesmo se quisesse não conseguiria lutar comigo. Não quando eu pesava cento e sete quilos e parecia um guarda-roupa. — Vou te machucar. — O imobilizo sentado em sua barriga, colocando meus olhos em cada lado do seu corpo.

— Porr... faa.. — Ele não conseguia formular palavras, nem precisava, não tinha clemência comigo.

— Você machucou minha esposa. Abortou meu filho. Assustou uma garota de cinco anos e maltratou Mazi. — Seguro seu queixo, mantenho meu olhar no seu. — Acho que eu serei bom com você?

— Des... cul... pa.

— Desculpa não deixará minha esposa viva, não apaga as lembranças das meninas. Sempre vão lembrar desta sua cara feia queimada.

— Cara, deixa para lá. — Sinto a mão de Michael no meu ombro, aperto ainda mais o cabo do martelo.

— Não, a justiça é falha, vou dar o que esse ordinário merece. — O primeiro golpe é em seu olho esquerdo, depois o direito. Ele grita desesperadamente quando parto para seus dentes. Sinto os respingos de sangue contra meu rosto, não posso deixar de sorrir, essa era uma merda que sentia falta, descarregar a fúria em alguém que merecia.

Após ter quebrado todos os seus dentes e o nariz, viro o martelo, usando a alavanca abro todo seu crânio. Ele perde a consciência e eu não consigo parar de bater nele.

Ouçoo o barulho da polícia, mas nada me afasta, nem Michael que tenta me tirar de cima do cara.

Tudo que eu podia imaginar era se ela ficaria bem. Como reagiria ao

saber que machucou o nosso bebê.

Sem falar em Flora, uma criança de cinco anos que presenciou tudo. A culpa era desse cara e eu estava o fazendo pagar. Cada martelava era por um motivo, só parei quando três policiais e Michael me tiraram de cima dele. Solto o martelo, cai contra o corpo do morto. Seu rosto é irreconhecível, sua cabeça está afundada.

Sorrio ao ver meu trabalho, estava péssimo.

Não me importo quando a polícia me coloca de joelhos e me prende, fico tranquilo, pois os paramédicos estavam cuidando da minha mulher.

Eu estava sendo preso, não me importei se passaria o resto da vida na cadeia. Só de saber que o homem nunca mais voltaria a viver, que a justiça não o libertaria, já me deixou em paz.

Nunca mais machucaria ninguém e agora Mazi poderia dormir em paz, estava certa que o homem morreu.

Sou colocado atrás da viatura, Michael como advogado conversa com os policiais. Flora está grudado em seu pescoço, não o solta. Através da janela vejo os paramédicos empurrando Maya em uma maca, queria estar lá, ao seu lado, mas não podia.

— Pedi para Deus que sobrevivesse, que pudesse ver o azul dos seus olhos novamente. Matou-me ela não conseguir abrir os olhos quando a chamei, completamente inconsciente.

O policial dirige para longe da ambulância, antemão meu olhar nela, até que a perco de vista e tenho que encarar meu futuro.

(...)

Eu segurava Flora, enquanto esperávamos na sala do hospital. Queria saber como estava Maya e Mazi.

Maya está num estado pior, temia pela sua vida. Se acordasse como diria que Luke mutilou Tor até não sobrar mais nada. Era horrível de como eu gostei do que aconteceu, mas seu sorriso de satisfação quando terminou mostrou que ele era realmente frio.

Precisou de quatro pessoas para tirá-lo de cima do morto, estava com

muita raiva e provavelmente medo de perdê-la.

— Familiares da senhora Maya Johnson? — me levantei e aproximei.

— Sim?

— Senhor é da família?

— Sim, sou seu irmão — minto.

— *Me acompanhe.* — Ela me levou pelo corredor até um quarto, assim que entrei coloquei Flora no chão. — O médico já vem atendê-los.

— Querida, fica sentada no sofá, papai tem que falar com a tia Maya.
— Ela acenou com a cabeça, não falava desde que Tor nos colocou no porão.

Aproximo-me de Maya, há uma faixa na sua cabeça, seus olhos azuis estão abertos, assim que me vê tenta sorrir, mas não consegue, está fraca.

— Maya, está tudo bem. — Beijo sua bochecha, então acaricio seu cabelo. — O médico já vai nos receber, para falar do seu estado.

— Lu...ke...

— Ele está bem, está na delegacia e vem te visitar depois. — Seus olhos brilham ao falar dele, desta vez ela consegue sorrir. Era nítido que o amava profundamente e se Luke voltasse para a cadeia, isso a destruiria e eu não estaria lá para ajudar. Eu já tinha que ajudar Mazi, depois de tudo que ela passou, tenho receio que possa ficar mais perturbada. Só de lembrar o episódio no banheiro, meu desespero aumenta.

— Com licença. — Um médico bate na porta aberta antes de entrar, ele é alto e moreno. — Senhor Johnson podemos falar em particular?

— O senhor Johnson, seu marido, não está aqui presente, mas sou seu irmão. — Sinto a mão de Maya apertar a minha antes de me afastar. Flora gruda na minha perna, não me deixando andar. — Querida, papai precisa conversar com o médico, você pode ficar com a tia Maya e cuidar dela? — com muito esforço, vejo-a se afastar e se aproximar de Maya, segurando sua mão e beijando seu dorso.

— Senhor? — insiste o médico, saio do quarto com ele, ficamos no corredor.

— Pode falar, Doutor.

— Ela nos disse que caiu da escada, bateu a cabeça muito forte o que causou uma concussão cerebral, vamos mantê-la aqui por observação. — Respiro aliviado ao saber que vai se recuperar. — Sobre o bebê, sinto muito...

— Ela estava grávida? — pergunto triste, ele coloca a mão no meu ombro e aperta.

— Sim, doze semanas, mas já cuidamos dela, fizemos a curetagem, vai sentir dores, receitarei alguns remédios. Peço que ela faça um acompanhamento com o psicólogo se for necessário.

— Obrigado, Doutor.

— Qualquer coisa é só me chamar. — Observei-o se afastar, até que tive coragem para entrar no seu quarto. Flora não largava sua mão e acariciava seu cabelo.

— Micha... el... — Aproximo-me da sua cama, odiava vê-la nela, parecia tão enferma.

— Voltei... — fico do outro lado, acaricio seu braço antes de dizer. — Sinto muito pelo bebê.

Ela respirou fundo, então começou a chorar, tentei limpar as lágrimas, mas eram muitas.

— Vai ficar tudo bem, Tia — sussurra Flora em seu ouvido, então beija sua bochecha.

— Você poderá ter outros filhos, ainda era recente.

— Não... Não quero... — a enfermeira pede para sairmos, para que pudesse descansar. Beijo sua testa, antes de pegar a minha filha e sair do seu quarto.

Ao invés de voltar a esperar, a enfermeira nos leva até a Mazi. Flora se contorce em meu colo para descer, assim que está no chão, corre até a cama da sua mãe.

— Mamãe?

— Oi, querida. — Ela acaricia o cabelo de Flora, que chora contra seu

peito.

— Estou com medo, mamãe. — Não me aproximo para deixar que elas tenham seu momento. Quando Mazi tranquiliza Flora, que estava deitada ao lado da mãe, mas com cuidado para não esbarrar nas suas costelas quebradas.

Sento na beira da cama, ela não conseguia olhar para mim e isso me mata.

— Mazi... — ela mantém o olhar fixo no teto. — Mazikeen, para com isso.

— Não consigo te encarar. — Acaricio sua bochecha, apesar de ter um olho roxo e inchado, hematomas roxos, eu ainda a acho linda.

— Por quê? Não foi sua culpa.

— Foi sim, é tudo minha culpa. — Ela começa a chorar, puxo seu rosto na minha direção e nossos olhos se encontram. O azul estava intenso mergulhado com as lágrimas, ainda mais bonito. — Ele veio atrás de mim, acabou machucando a todos.

— Maya vai ficar bem, você também, é estamos todos vivos.

— Mas... Não vou conseguir me perdoar.

— Não chora mamãe. — Flora tenta acalmá-la, mas só desencadeia mais lágrimas.

— Desculpa, querida. — Ela aperta nossa filha contra o corpo, ignorando a dor. — Você viu coisas que não deveria, era o meu dever te proteger.

Ela acaricia o cabelo de Flora, até que a menina durma, agarrada em sua roupa. Inclino-me e beijo seus lábios rapidamente.

— Não adianta se culpar, ele estava louco e teve um final merecido.

— Não posso fechar meus olhos sem lembrar dele me machucando, ou apontando a arma para Maya.

— Isso acabou, pode fechar os olhos, ele não virá mais atrás de você.

— Você tem certeza? Porque eu passei anos acreditando que o matei, para ele voltar e ferir as pessoas que amo.

— Tenho certeza, quando Luke acabou com ele não sobrou mais nada. Você viu, estava lá.

— Só não consigo acreditar que é verdade. — Era tão verdade que Luke estava na delegacia, precisava ir até lá para ajudá-lo.

— É verdade, preciso ir vê-lo. Vou deixar Flora com os pais de Maya, estão com Liam e Mary também.

— Ela vai ficar segura lá?

— Sim, vai ficar segura. — Aperta minha mão, antes de beijar a cabeça de Flora.

— Pode levá-la. — Tiro meu celular de trabalho do bolso e coloco em sua palma.

— Fica com esse celular, vou dar outro para ela, assim sempre que precisar, você liga para ver que está tudo bem. — Ela gosta da ideia, depois de um beijo rápido, pego minha filha adormecida e saio do quarto.

Era bom saber que elas estavam bem, só tinha que saber o que aconteceu com Mazi, acreditava que não me deixou e sim foi forçada a isso.

Capítulo

25

Mazi

Eu tinha voltado para casa há um dia, as coisas ainda não voltaram ao normal. Primeiro: odiava aquela casa, cada parte dela tinha uma lembrança ruim. Segundo: Michael estava muito ocupado tendo que ajudar Maya a se recupera e livrar Luke, que estava sendo acusado.

Ninguém se importou que Tor, tivesse querendo nos matar, só sabiam que Luke tinha a ficha suja, seu nome era relacionado com a Máfia, seu primo Lúçifer era um cara conhecido na polícia e estavam tentando chegar até ele através de Luke.

Ainda de madrugada, me levantei da cama. Michael estava dormindo ao meu lado, mais longe possível de mim e mal se movia. Não estava o entendendo, mas me mantive forte. Fui até o banheiro, liguei a luz e fechei a porta rapidamente, assim a claridade não atrapalharia seu sono, recentemente seu sono era leve. Qualquer barulho o despertava e já estava pronto.

Ele acha que eu não sei, mas é impossível, Michael está perturbando tanto quanto eu.

Não posso me olhar no espelho sem lembrar da tragédia que aconteceu por minha causa. Eu deveria me afastar deles, só que não conseguia. Ficar

longe de Michael era um martírio para mim. Sem falar na nossa filha que está muito apegada ao pai e aos filhos de Luke, ela continua na casa dos pais de Maya.

Seu pai era policial aposentado, estava com as crianças, enquanto nos recuperávamos. Eu ligava todos os dias, ela falava comigo e pedia para voltar para casa. Não aguentava ficar longe dela, pediria que Michael a buscasse.

Era difícil eu sair para a rua, não pelo meu estado deplorável e sim por não conseguir encarar as pessoas. Todos os rostos eram o de Tor, ele me assombrava mesmo morto.

Não tinha chegado a me torturar, me estuprar, mas porra, tinha me traumatizado. Liguei a torneira, molhei minhas mãos e passei no meu rosto. Michael não tinha colocado um novo espelho e eu agradecia, embora achasse que ele me veja como uma suicida. Eu não faria isso, estava pensando na minha filha, estava pensando nele.

Tiro sua camisa preta e jogo dentro do cesto aberto, prefiro usar o chuveiro, já que quando eu entrava na banheira não queria sair e sempre ficava até que meu corpo enrugasse.

Pelo menos no chuveiro, de pé, me cansava e me obrigava a sair.

Liguei o chuveiro, a temperatura estava quente, minha pele queima, mas não reclamo e nem diminuo a temperatura.

A água escorre pelo meu rosto, molha meu cabelo e leva minhas lágrimas junto. O bom de chorar no banho é que não podemos diferenciar lágrimas e gotas de água.

Levo minha mão até a garganta, onde tem um pequeno corte cicatrizando, era a marca da faca, toda vez que a tocava lembrava que nada pior aconteceu.

Talvez eu devesse agradecer àqueles que me salvaram, como Luke e Michael, mas estava com vergonha. Não conseguia pensar em nada que não fosse sobre Tor. Aquele maldito.

Eu o odiava e mesmo depois da sua morte, não posso dormir direito. Respiro fundo, tudo tinha acabado.

Tor estava morto.

Papai estava morto.

E eu estava morrendo por dentro.

Ouçoo passos pesados, me viro para me deparar com Michael. Ele não diz nada, apenas abre o box e me abraça por trás.

Faz cinco dias desde o ataque, faz cinco dias que ele não me tocava assim. Pele com pele. Além de alguns beijos no quarto do hospital, Michael tinha se mantido longe. Normalmente dormíamos agarrados, mas agora ele ficava do lado oposto da cama, tão perto da beira que uma hora iria cair.

Abraçou-me enquanto a água caía em nossos corpos, sabia que ele nunca me amaria, não depois de tantas cicatrizes, de saber que fui tocada por ele.

Mesmo que seus braços tivessem ao redor da minha barriga, que eu sentisse seu corpo duro contra o meu, que me segurasse enquanto chorava, nunca seria a mesma coisa.

Por minha culpa Maya quase morreu e abortou seu filho.

Por minha culpa Flora nunca esqueceria o que viu naquele porão.

Por minha culpa Michael se acharia na obrigação de cuidar de mim.

Viro-me para admirá-lo, meus seios roçam contra seu peito, aliso seus braços morenos, sua pele em contraste com a minha.

— Você não precisa fazer isso.

— Fazer o quê? — pergunta desentendido.

— Cuidar de mim por pena, não sou merecedora dela.

— Não estou aqui por pena, quero cuidar de você por outro motivo. — mesmo com a água do chuveiro caindo direto no meu rosto, inclino a cabeça para olhar em seus olhos. — Não adianta tentar me afastar.

— É você que tem me tratado com uma boneca de porcelana, quase não me toca.

— Estou aqui agora, não estou? Meus braços ao seu redor, trazendo-a para mim.

— Isso porque se acha obrigado.

— A única obrigação que tenho é te fazer feliz. Quero estar contigo, quero que esqueça tudo que viveu até hoje e se concentre em nós. — Suas mãos subiram pela lateral do meu corpo, pegou meu rosto entre as mãos e acariciou meu lábio inferior com o polegar. — Para de tentar me afastar, não vou embora, não vou deixá-la ir embora.

Pego sua mão e coloco na minha cicatriz de queimadura, seus dedos correm pela pele enrugada, pela primeira vez é um toque ruim, como se queimasse.

— Era para eu queimar até que ficasse irreconhecível, assim nenhum homem me olharia só ele. Tor queimou boa parte das minhas costas, mas por algum motivo, consegui apagar o fogo. O peguei desprevenido, achava que estava queimando quando eu acertei sua cabeça com algo pesado e o deixei para morrer na casa em chamas. — Sua mão cai, com os punhos fechados, enquanto me ouve. — Eu não voltei para você porque achei que não ia me querer. Não voltei porque achei que a polícia viria atrás de mim pela morte do meu pai e de Tor. Não voltei porque achei que Flora fosse filha dele e você não a quisesse.

— Sabe como eu cheguei em San Francisco? Andando. Passei meses em um abrigo para mulheres, mesmo depois do nascimento de Flora. Só sai quando descobri que a morte do meu pai foi declarada como um acidente, a casa foi vendida e eu recebi o dinheiro. Nunca vi tanto dinheiro assim, sei que você cresceu com muito e talvez um milhão não faça tanta diferença, mas nos sustentou nos últimos três anos e meio.

— Eu teria te ajudado.

— Eu não podia, o estrago já estava feito. — Ele me abraçou apertado, quase não conseguia respirar com meu rosto pressionado no seu peito.

Ele desliga o chuveiro e me carrega até a cama, nossos corpos ainda molhados. Michael me mantém junto ao seu corpo, suas mãos esfregam minhas costas enquanto choro.

Odeio chorar, mas venho chorando há dias.

— Vai ficar tudo bem.

— Não quero mais morar aqui...

— Vamos comprar outra casa, não precisamos ficar aqui, onde você tem tantas más lembranças. — Não queria sair só desta casa, queria ir embora desta cidade.

— Quero ir embora da cidade, podemos morar em Sacramento? Você vai ser eleito, não acho justo que faça uma viagem de três horas para podermos morar aqui.

— Você tem tanta fé que vou ser eleito? — levanto meu olhar.

— Claro que sim, você é o melhor. É bondoso e não é corrupto. — Ele aproxima seus lábios dos meus, seu beijo é calmo.

— Podemos morar onde você quiser.

— Não vai ficar triste de irmos morar longe de Maya?

— Mazi, não importa onde estão os outros, me importa é que você e Flora estejam comigo. — Seus olhos castanhos brilharam. — Eu escolhi você.

— Eu?

— Sim, quando Tor me perguntou quem era para salvar, eu escolhi você. Pois se tivesse uma oportunidade de alguém sair daquele porão vivo, tinha que ser você e nossa filha.

— Pensei que fosse escolher Maya, quando começou a te pressionar eu não me importei que fosse ela, mesmo me escolhendo, ele teria me matado. Seu ódio era contra mim e o que fiz com seu corpo.

— Eu não sabia se cumpriria, mas eu escolhi você e sempre vou escolher. — Ele me afastou para que pudesse sair da cama, andou até a sua cômoda, sua boxer molhada marcava sua bunda definida, e eu não poderia deixar de olhar. — Eu achei uma coisa, enquanto você estava fora.

Volta com um papel na mão, me sento na cama e ele ao meu lado, para podermos ver o papel, que era uma carta.

A carta que fui obrigada a escrever.

— Minha carta.

— Sim, quando você chegou disse que eu tinha que a reler e ia saber a verdade. Mas não achei, então enquanto eu destruía meu escritório de raiva, com você no hospital, a encontrei. — Ele abre a carta, o papel estava amassado. — Eu a reli e encontrei o que quis me dizer. No texto há algumas letras de forma, que sempre pensei que tivesse sido um erro. Como nesta frase “*simplesmente para deixar que ficássemos na casa onde cresci, Eu recUei.*”, depois tem essa “*Não haveria dinheiro no mundo que pagasse TEr que conviver com alguém por obrigação*” e por último e principal “*Você cArente demais, aMando uma mulher que ama outrO.*”

— Se você juntar as letras, terá...

— Eu te amo — completou. — Todo esse tempo, que pensei que nunca me amou, na verdade amava e esta carta, com cinco anos, pôde provar isso.

— Acho engraçado que antes ficamos juntos por pouco tempo e eu já o amava, era mais nova e se contasse para você, pensei que ficaria assustado.

— Poderia ter contato, mas naquela época eu ainda estava preso a Maya, mas agora percebo, que eu a amo, mas como amigo, um amor fraternal. Você, Mazikeen é a única pessoa que eu amo, que sou apaixonado.

— Oh Michael... — envolvo meus braços ao seu redor e beijo seus lábios.

— Nunca precisará duvidar se a amo, se gosto de Maya, agora sabe que é a minha mulher. A única que pode fazer meu coração bater mais rápido com um sorriso.

— Desculpa ter duvidado tanto de você.

— Ah Mazi, eu só peço que se case comigo. Não por causa da política ou pelo meu pai, mas por nós. Quero que tenha meu sobrenome e se orgulhe disto.

— Já me orgulho da pessoa que você é, lógico que vou querer que me casar com você. — Ele abre a mão e me mostra um anel.

— Na última visita do meu pai, ele deixou isso. Foi da minha mãe e quero que seja seu. — Ele pega minha mão que treme, desliza o lindo anel de diamante no meu dedo. — Para que um dia possa ser da mulher do nosso filho.

Levou minha mão até os lábios e beijou o anel.

— Ele é lindo. — O anel de diamante com corte princesa parecia grande demais na minha mão, mas eu me acostumaria e nunca mais tiraria.

— Fico feliz que gostou. Agora que colocamos as cartas na mesa, você pode me dizer o que aconteceu há cinco anos. — Respirei fundo, limpei minhas lágrimas e comecei minha história.

— Você sabia que toda vez que durmo na sua cama, acordo tarde? Sempre achei que fosse o conforto que não tive na minha casa e naquele dia não foi diferente. Achei seu bilhete na geladeira, comi cereal e fui assistir televisão na sala. Adoro sua televisão, nunca vi maior e então ele apareceu...

Mesmo vestindo só uma camisa masculina, abri a porta, pois ele tocava a campainha impaciente. Após a noite passada, não esperava vê-lo tão rápido, confesso que fiquei com medo, mas por estar sóbrio, imaginei que não me faria mal algum.

— Você?

— Sim, eu, seu pai. — Ele agarrou meu braço e me puxou. — Precisamos ir, rápido.

— Ir para onde papai? Você falou para eu sair de casa.

— Mudei de ideia, não posso viver sem você e aquele homem vai te levar para longe. — Tentei me segurar no batente da porta, mas ele era mais forte.

— Papai, por favor, não faça isso. — Meus olhos marejados deixaram a visão borrada.

— Chega, não quero te ouvir falar mais sobre esse homem. Ele te comprou, vai passar a casa para mim e ainda me dá meio milhão.

— Se ele me comprou não vai querer o dinheiro de volta se me levar?

— Não estou me importando no momento. Só preciso de você, então chega de lutar.

— Pai... — gritei.

— Calada. — Tentei fugir dele, empurrava-o para longe e segurava

com uma mão o batente da porta. — Você sempre me obriga a machucá-la. — Pegou meus cabelos e empurrou minha cabeça contra o batente, isso me nocauteou por um certo tempo. Arrastando-me até um carro que não reconheci, fui jogada no porta-malas.

(...)

Não sei quanto tempo passei naquele porta-malas, mas quando papai o abriu, já era noite.

— Não corra e nem grite. — Ele tinha uma faca, assim que sai, reparei que estávamos na nossa garagem. Respiro aliviada. — Eu não sei o que faria sem você, filhinha. — Ele me abraçou. — Eu te amo.

Eu não sabia o que estava acontecendo com ele, tinha muitas alterações de humor.

— Papai, por favor, me deixe ir.

— Você quer me deixar, mas não vai acontecer. Minha filha fica comigo. — Papai me arrasta pela garagem, tropeço em uma caixa de ferramenta, mas isso não o detém, continua a me arrastar, desta vez pelo chão, já que não consigo ficar de pé. — Vou te deixar bem próxima de sua mãe.

— Pai, por favor. — Implorei desesperada, tinha medo de onde ele poderia me colocar e o que faria comigo.

— Eu disse para sua mãe não me deixar, quando ela se apaixonou por aquele bombeiro maldito. — Eu não estava entendendo sua história, o braço que ele me puxava doía muito, meu corpo inteiro estava dolorido. Nem podia lembrar que há algumas horas atrás eu estava vivendo meu melhor dia. — Eliza abandonaria nossa filha e nosso casamento, não poderia deixar isso acontecer.

— Não estou entendendo. Mamãe não teve uma overdose quando eu tinha oito anos? — minhas lembranças desta época eram poucas e muitas vezes confusas.

— Sua mãe nunca usou droga. — Chegamos na escada que dava para o sótão. — Vamos, suba a escada.

— Não — recuso, se eu subisse essa escada, duvidava que a desceria outra vez.

— Sim. — Agarrou meus cabelos e me arrastou pelos degraus, minhas costas batiam em cada quina, chorei em silêncio. Já tinha me acostumado com ele me surrando, mas nunca sóbrio o que o deixava ainda mais forte.

Ao chegarmos no sótão, me jogou no canto. Acariciei minha cabeça, tentando amenizar a dor.

— Você vai ficar aqui, até que eu tenha certeza que Michael acredite que você fugiu e passe a casa para o meu nome. — Ele pegou um colchão inflável e o encheu com a bomba de ar. — Se eu a deixasse com ele, poderia nunca voltar para casa. Acho que tem sentimentos por ele, escolheria um homem qualquer a seu pai?

Engatinho até um velho sofá empoeirado e sento com a coluna reta, assim quem sabe a dor diminuía.

— Claro que não, você é o meu pai, meu sangue. — Isto era mentira, eu nunca voltaria para esta casa livremente, nunca tive tanto medo dele.

— Você sempre foi péssima mentirosa, nunca conseguiu mentir para mim, pois sei que não me olha nos olhos. — Ele termina de encher o colchão, abre o armário e tira um velho travesseiro e uma manta. — Não teremos problemas, Mazi ficará aqui, escondida.

— Por quanto tempo?

— Por quanto tempo eu achar necessário. Quero também que escreva uma carta ao Michael. — Ele me entregou um papel e caneta, eu escrevi uma carta de despedida, sob o olhar atento do meu pai. Quando entreguei o papel, desejei que Michael não ficasse tão machucado quanto eu, por causa da carta. — Ótimo, ele vai acreditar. — Ele se aproximou e sentou ao meu lado, seu olhar suavizou, segurou minha mão com carinho e as levou até a boca, beijando o dorso. — Você é o meu bem mais precioso, não posso deixá-la escapar de minhas mãos.

— Disse que mamãe não teve overdose, então o que aconteceu? — aproveitei que naquele momento estava benevolente e tentei tirar informações dele.

— Pensei que nós abandonaríamos, mas não, Liza queria ir embora com seu amante, te levar e eu não podia deixar isso acontecer. Entenda que tudo que disse sobre ela, sobre nosso amor perfeito é uma mentira, as lembranças que você tem, fui eu que lhe contei. — Levantou do sofá e caminhou até escada, antes que pudesse descer, perguntei:

— Por que me fez relacionar com Michael por causa das lembranças que tinha nesta casa com a minha mãe? Se tudo foi uma mentira, então por que insiste em ficar com essa casa, ao invés de aceitar a nova que sua família nos daria?

Demétrio virou para responder.

— Quando derrubassem essa casa, achariam o corpo da sua mãe e não vou ser preso após treze anos.

(...)

Eu estava em choquei, isso não podia estar acontecendo. Ele tinha matado minha mãe, ele iria me matar.

Há dias estou aqui, não sei se é dia ou se é noite. Tudo escuro, tenho a companhia dos meus pensamentos. Ouvi passos pesados no andar de baixo, papai estava vindo trazer minha comida. Quero muito sair daqui, estou sem tomar banho, faço minha necessidade em um balde e tem alguns ratos escondidos nas velhas caixas. Tudo um horror.

— *Querida... — a porta se abriu, a luz queimou mesmo olhos. — Trouxe sua comida, querida.*

Não era meu pai e sim Tor, me arrastei até ele e grudei em suas pernas.

— *Ah Tor, por favor, tem que me tirar daqui. — Ele acaricia meus cabelos com uma mão e com a outra segurava uma sacola.*

— *Vou te tirar daqui, relaxa. Só precisamos dar um jeito nele.*

— *Como assim? — ele se abaixa, ficando de joelhos como eu, no chão sujo.*

— *Ele não vai te tirar daqui, Michael está procurando você em toda cidade, então precisamos dar um jeito nele. — Entregou-me a sacola,*

comecei a comer o salgadinho e beber a coca. Era bom comer “porcaria”. Quando terminei Tor me observava, então gritou o nome do meu pai. — Demétrio, venha aqui.

Papai demorou para aparecer, quando fez ficou perto da escada, nos observando.

— Esse é o homem que quero para você, nunca vai te tirar de casa.

— Você está enganado papai, o homem que você tem que querer é o que me tratará bem e que eu ame. E várias vezes Tor tentou me fazer abandoná-lo.

— Não, vai ficar com ele. Concordou em não a tirar deste sótão, ainda mais quando Michael a procura.

— Você tem razão Mazi — concorda.

— Como? — pergunta papai.

— Eu quero que você se livre dele. — então se aproximou de papai, bateu com ambas as mãos em seu peito. Perdeu o equilíbrio e caiu na escada, o vi rolando até parar no térreo.

— Ah meu Deus Tor, o que você fez?

— O que você me forçou a fazer. Precisamos sair daqui. — Ele agarrou minha mão e me puxou até a escada, então me carregou e assim que estava perto do meu pai, cai de joelhos e tentei acordá-lo.

— Papai?

— Não adianta chamá-lo, precisamos ir. — Ele me agarrou e carregou até o carro, gritei esperneei, queria saber como ele estava, meu pai estava morto.

Mesmo que tivesse me prendido e surrado a vida inteira, ainda era meu pai e a sua morte me machucou.

Tor me levou para longe da cidade, entrou em uma estrada de terra e parou em frente a sua cabana. Já tinha vindo aqui antes, em um fim de semana romântico com ele, mas agora não tinha nada de romântico.

— Por favor Tor, me deixe ir até Michael. Ele precisa saber que eu

não fugi.

— Não, eu te amo. — Acariciou minha bochecha molhada pelas lágrimas. — Quero você para a minha vida toda, não posso deixá-la ir.

— Você me tirou da casa do meu pai para me prender na sua?

— Você vai gostar, eu sei disto.

— Vai se foder. — Abro a porta do carro e corro pelo mato, ele não demora para me seguir, pula em cima de mim, caímos os dois no chão, como eu estava embaixo sofro o maior impacto. O gosto metálico do sangue enche a minha boca.

— Você vai ficar comigo. — Colocou meus braços para trás e me levantou do chão, meu rosto sujo de terra. Arrastada até a cabana, lembrei que vestia só uma camisa de Michael.

Michael meu amor. Eu gostava tanto dele e agora nunca mais o veria.

— Tor... Seu filho da puta.

— Achou mesmo que o deixaria ficar com você? Não mesmo. É minha. — Jogou-me em uma cama empoeirada, deitada contra o colchão, escondo meu rosto entre as mãos e choro.

— Prefiro morrer a aguentar isso.

— Morrer seria menos divertido, você é minha agora e ninguém vai te tirar daí. — Ele se aproximou e com uma tesoura cortou a camisa de Michael. eu gostava da camisa, não queria tirá-la e muito menos ficar nua na sua frente. — Pode esquecer Michael, só sai desta cabana morta.

Capítulo

26

Michael me segurava, enquanto eu contava a história chorando. Aquela merda estava acabando comigo.

— Não precisa continuar.

— Não, precisa saber de tudo e se não aguentar, pode falar.

— Eu só quero que ele morra de novo, por tudo que fez com você. — Tirou meu cabelo do rosto e beijou minha testa. — Além de bater ele a abusou?

— Todos os dias durante meses eu tive que aguentá-lo, por isso pensei que a filha fosse dele.

— Querida, eu sinto tanto. Deveria ter procurado mais, insistido que seu pai falasse onde estava. — De seus olhos escorrem lágrimas, estava chorando por mim.

— Tor começou a ficar mais na cabana, depois das tentativas de suicídio, isso só piorou. Tinha sua presença vinte e quatro horas, quando perguntou se eu o amava e neguei. Ficou furioso, foi aí que ganhei a cicatriz.

— Querida? — *a porta se abriu e Tor apareceu com um galão na mão, eu me afastei o máximo que a corrente no meu pé permitia, acabo subindo na cama. — Isso tudo vai acabar, você vai ver.*

Observo-o jogar a gasolina pelo quarto, molhando os móveis e a cama que estou. Encolho-me, fecho os olhos e inalo o cheiro. Pelo menos não vou precisar vê-lo novamente. Nunca mais. Quero desistir. Deslizo minha mão pela barriga arredondada, era pequena, mas eu sentia o filho dele mexer.

Não vou ter um filho de Tor, me recuso a parir uma miniatura dele.

Ele joga o galão no canto e pega um isqueiro, quase como se fosse em câmera lenta o isqueiro cai no colchão e acende.

Toco a minha cicatriz, lembrando do momento.

— Não lembro muito bem o que aconteceu em seguida, mas bati na sua cabeça com um dos troféus que tinha na estante. Ele ficou inconsciente, minha roupa começou a pegar fogo e os pés preso na corrente. Achei a chave em seu bolso, após me soltar corri para fora da cabana e apaguei o fogo rolando na terra. — Respirei fundo antes de continuar. — Eu assisti a cabana queimar até que eu tivesse certeza que tivesse morto, mas estava errada. Pensei em voltar para você, mas estava machucada e grávida, então eu corri.

— Se eu soubesse que Tor estava me procurando nunca tinha voltado e nada de ruim teria acontecido com você, Luke e Maya.

— Não foi sua culpa. — Tranquilizou-me, enquanto eu chorava.

— Agora que sabe a verdade, se quiser, pode me mandar embora, não precisa casar comigo.

— Você acha que vou te mandar embora? Nunca, você é o amor da minha vida, ter algumas cicatrizes emocionais e físicas não te faz pior e sim melhor, mostra o quanto e guerreira.

— Verdade?

— Sim, pode ter certeza que farei de tudo para te proteger, meu amor. — me beijou nos lábios, suas mãos acariciam meu corpo nu, fico de joelhos entre as suas pernas e digo contra seus lábios:

— Eu quero você.

(...)

Michael

— Tem certeza? Deve estar toda dolorida.

— Não me importo, só quero você. Faça com que eu esqueça das suas mãos em meu corpo. Faça-me sua.

Deito-a na cama, com meu corpo sobre o seu, deslizo minhas mãos pelos seus seios fartos até sua boceta.

— Michael... — murmurou.

— Abre as pernas. — ela assim o faz, quando tive a visão da sua boceta molhada, fez minha boca salivar para comê-la. Mesmo com as cicatrizes eu a achava muito linda e gostosa. Não era a mesma mulher de cinco anos atrás, era ainda melhor.

Com uma das mãos, espalhei os seus grandes lábios, revelando seu clitóris. Passei meus dedos para cima e para baixo em sua fenda, isso fez com que ela gemesse e murmurasse meu nome.

— Estamos sozinhos hoje, sem Flora, pode gritar o quanto quiser. — Mergulhei dois dedos em seu canal, seu calor me envolveu. Acaricieei o clitóris com o polegar, então retirei os dedos melados. — Abre a boca. — Coloquei meus dedos dentro da sua boca, sua língua lambeu seu caldo e raspou os dentes.

Suas mãos sobem pela minha coxa, pressiona as unhas contra a minha pele.

— Para de brincar comigo, eu quero você agora. — Dou um sorriso satisfeito, essa era a única maneira que um homem deve torturar uma mulher. Não com agressividade.

Voltei a acariciá-la, pressionei a ponta do meu dedo contra sua passagem, sem que afundasse. Gemendo com a tortura, recolho minha mão. Tiro meu pau ereto da cueca boxer molhada e massajeio com a paisagem em minha frente. Mazi com as pernas abertas.

— Posso passar o dia inteiro olhando você.

— Não mesmo, quero você agora, sem brincadeiras. — Ela senta na cama, tira minha mão e substitui com a sua. Desliza o polegar pelo cabeça rosada e coberta pelo pré-semem. — Eu nunca consigo envolvê-lo com uma

mão, gosto que seja grosso, assim me preenche totalmente.

— Vamos ver se posso te preencher totalmente atrás. — Ela ficou boquiaberta e suas carícias pararam, então sorriu.

— Você vai fazer o que estou pensando.

— A noite inteira, se você deixar.

— Prefere de quatro, de lado?

— Prefiro que você relaxe e deixe eu conduzir. — Ela volta a se deitar na cama e relaxar.

— Pode fazer o que quiser comigo. — Pulo fora da cama e tiro minha cueca molhada antes de ir até o banheiro e pegar um frasco de lubrificante.

— Tem certeza? — pergunto ao voltar.

— Absoluta, quero você em todos os buracos. — Volto a subir na cama, ela estava com as pernas aberta. Coloco o líquido gelado em seu monte e espalho com os dedos acariciando primeiro sua entrada da frente e depois a de trás.

— Está confortável com isso? — pressiono meus dedos na sua entrada, forçando uma abertura.

— Sim. — Ela respira fundo e relaxa, dando passagem. — Isso é bom...

— Calma... — Puxo meus dedos, lambuzo meu pênis com lubrificantes, antes me inclinar e encher sua boceta.

— Pensei... que fosse... — ela não conseguia falar, voltei a penetrá-lo com os dedos no buraco de trás, enquanto afundava meu pau na sua boceta. Seu calor me envolvia e algumas vezes apertava ao redor.

Com uma mão segurei sua cintura e investi com força várias vezes, seus seios balançavam e batiam contra meu rosto. Suas mãos puxavam meu cabelo e gritava meu nome, ela estava perto de gozar, então me retirei. Puxei meu pau para fora e meus dedos, ela reclamou de estar vazia.

— Calma, docinho, ainda não terminei com você. — Pego suas pernas juntas e as giro, ficando de barriga para baixo, sento em cima das suas coxas,

como suas pernas estão juntas, será mais apertada. Bato na sua nádega esquerda e ela estremece. — Está pronta?

— Sim. — Eu deveria usar uma camisinha, mas não tenho, sei também que ela só transou comigo e Tor e eu sempre usei camisinha com outras mulheres. Apesar que estávamos semanas fazendo sem nenhuma barreira, então não via problemas. Com meu pau lubrificado, segurei a base e me inclinei contra seu corpo, com uma mão de apoio. Assim que pressionei a cabeça do pau contra sua entrada enrugada, ela gemeu de antecipação. Com calma vou entrando, ela fica tensa. Aproximo minha boca da sua pele, beijo o começo da sua espinha e sussurro:

— Relaxa. — Ela segue o meu pedido, então relaxa, aos poucos vou entrando quando estou totalmente dentro me detenho, para que se acostume com a minha grossura. Não era longo, mas compensava na circunferência.

Um pau mais grosso era bem melhor que um longo. Nenhuma mulher ficava machucada e não sobrava espaço. Agarro sua cintura com ambas as mãos, ela pede para eu me mexer. Começo a movimentar os quadris, entrando e saindo do seu calor devagar.

— Dá para acelerar, isso está uma tortura.

— Então relaxa e não contraia. — Respiro fundo, antes de me movimentar mais rápido. Ela começa a gritar e manda eu parar. — Você que pediu mais rápido.

— Você está me zoando? — ela vira o rosto sobre o ombro para me olhar.

— Não, agora fica parada e me deixa achar meu ritmo. — Ela volta a deitar a cabeça no travesseiro.

Volto a me mexer, entrando e saindo com calma, quando seus gemidos de dor são substituídos pelo de prazer, aumento meu ritmo. Estava levando tudo de mim para não ir mais rápido, ela continuava a murmurar meu nome e eu sabia que a machucaria.

Ela estava tensa, acariciei ao longo da sua espinha isso fez que relaxasse. Então depois de muita calma, começo a fodê-la. Mazi afundou o rosto contra o colchão e suas mãos agarraram os lençóis.

— Ah meu Deus. Mais rápido. — Levantou a cabeça para gritar, depois afundo. Acelerei meu ritmo ao máximo, sempre gostei de sexo anal, mas com Mazi era muito melhor.

(...)

Era bom.

Era ruim.

Uma mistura de dor e prazer maravilhoso, quanto mais rápido ele ia, mas rápido eu chegaria ao orgasmo. Nunca imaginei que Michael com aquela cara de anjo poderia ser tão safado.

Fodendo meu cu como um profissional e me levando as alturas.

Quando perdi a virgindade não chegou a doer tanto quanto agora, com ele entrando no meu cu virgem. Nunca tinha deixando Tor chegar perto, mas Michael era diferente. O sexo com ele era maravilhoso.

Só de pensar que passaria o resto da vida sentindo seu pau entrando e saindo de mim, já me deixava feliz e era um bom motivo para casar com ele.

Não demorou muito para que gozasse, mordi o lençol para que não gritasse. Então rapidamente saiu de dentro e me girou, colocando de barriga para cima. Só de ver seu corpo suado, cabelo molhado e olhos ferozes, já me deixou excitada de novo. Não tive tempo para pensar muito, Michael colocou minhas pernas em seu ombro e voltou a entrar no meu cu, foi mais fácil que a primeira vez. Talvez fosse porque eu já estava dilatada, apertei meus seios e com os dedos, brinquei com meus mamilos. Ter seu olhar em mim me estimulou ainda mais, não demorou para que chegasse ao orgasmo mais uma vez.

Ele puxou seu pênis e derramou seu sêmen na minha boceta.

Ele caiu ao meu lado.

— O que foi isso?

— Não sei, você tirou tudo de mim. — Levanto-me da cama para me limpar, além do corpo suado eu tinha porra escorrendo pelo meu corpo.

Michael vem atrás de mim, olho para ele assustada.

— Ah garotão, não vai me foder mais não. — Corro para o banheiro e ele me segue.

— Calma, quero só tomar banho com você. — Ele entra no banheiro e fecha a porta, então me puxa contra seu corpo e beija meus lábios. — Nossa, você é tão linda após o sexo.

Não tinha nenhum espelho no banheiro, mas se tivesse teria certeza do meu estado deplorável.

— Está dizendo isso porque quer sexo de novo?

— Não, mas será que funciona? — arquei a sobrancelha e depois sorri quando fujo dos seus braços.

— Sim, funcionou. — Ele me segue até o chuveiro, puxando minha cabeça para um longo beijo. — Eu. — *Beijo*. — Te. — *Beijo*. — Amo.

— Sempre vou te amar. Todas suas cicatrizes, os seus defeitos, você é feita para mim, a única mulher que já amei realmente. — Afastou o cabelo do meu rosto e sorriu: — Perfeita para mim.

Epílogo

Alguns meses depois...

Michael

Estava sentado em um banco, no quintal de Luke, comemorando os trinta e nove anos de Maya. Parece que foi ontem que era uma garota de dezessete anos e eu correndo atrás dela.

Mazi vem na minha direção, seu cabelo está maior e voa com o vento, ela traz um copo de suco para Flora, que está sentada ao meu lado.

— Querida, ainda aborrecida? — pergunta sua mãe.

— Sim, nunca vou esquecer a humilhação que me fez passar. — Minha filha de seis anos estava muito brava com Liam, pois era dia dos namorados e ela foi entregar um correio elegante a ele, que a recusou na frente de todos.

— Ele negou porque é muito nova para isso, sem falar que Liam deveria ser como um irmão para você.

— Irmãos não enviam correio elegante? — perguntou ao voltar seus olhos para mim, que com o sol, estavam verdes.

— Não querida. Isso se dá para quem você gosta.

— Mas eu gosto de Liam, ele que parece não gostar de mim.

— Ele gosta, Flora. — Sua mãe com muito esforço se abaixa para ficar

na altura da filha. — Mas acontece que Liam foi criado por Michael, então é provável que ele te veja como uma irmã.

— Sem falar que é mais velho que você e tem uma namorada. — Avisto Liam se aproximar com uma menina da sua idade, apesar de achar cedo para namorar aos treze anos, seus pais tinham concordados. Com sua pouca idade, Liam era alto e muito bonito. Talvez fosse seu cabelo preto escuro como o pai ou os olhos azuis claros da mãe que desse esse charme. Parecia tão irresistível que até a minha filha caiu, mas acreditava fielmente que era um primeiro amor e logo ela o esqueceria.

— Eu não deveria ter dado agora.

— Sim. — Concordo.

— Vou guardar para quando eu for mais velha. — Pulou do banco e correu com o bilhete na mão, quase derrubando Mazi no processo. Consigo segurá-la e a ajudo a levantar.

— Essa menina é impossível. — Senta ao meu lado e esfrega sua barriga.

— Sua filha. — Acusou. Aproximo-me para beijar seu ventre que está enorme, cinco meses e parecia que eram dez. — Nossa, estou cansada, essa gravidez está me matando.

— Quer ir para casa? — Morávamos em Sacramento, mas sempre visitávamos a cidade. Agora com meu novo cargo político, Mazi montando sua própria floricultura e Flora na escola, era difícil visitar frequentemente Maya e Luke.

— Não, vamos esperar ela cortar o bolo. — Ficamos um tempo no banco conversando, até que Luke, que foi absolvido das acusações sobre Tor, sai com um bolo na mão e Maya vem atrás, cantando.

Ajudo minha esposa a levantar do banco e nos aproximamos com toda a sua família, Maya finalmente assopra a vela e todos comemoram.

— O primeiro pedaço vai para...

— Para mim é lógico. — diz uma voz grossa, todos viram em direção do som e encontramos um homem alto, com cabelo preto e olhos azuis. Era

com certeza da família de Luke, pois se pareciam. — Bom, para quem não me conhece sou Lúçifer, primo de Luke.

— O que está fazendo aqui? — pergunta Luke, passando pelas pessoas para chegar até o primo.

— Estou aqui por você, preciso de um favor. — Luke puxa o primo para dentro da casa e todos se entreolham, procurando uma resposta.

— O que está acontecendo? — pergunta Mazi.

— Lúçifer é o primo de Luke, assumiu seu cargo de chefe da máfia russa. Se ele está aqui, depois de tantos anos, boa coisa não é. — Mazi apertou meu braço, apesar de Maya querer continuar a festa, todos perceberam o clima estranho.

Saímos de lá duas horas depois, Flora dormiu em sua cadeira, Mazi estava pensativa esfregando sua barriga.

— Está tudo bem com nosso menino? — detenho sua mão.

— Sim, só estava pensativa. Podemos ir embora?

— Sim, meu amor. — Levo sua mão até meu lábios e beijo.

Dirijo até Sacramento uma viagem de 1h30min, quando chegamos em casa já está noite.

— Mazi, acorda. — Balaço o corpo adormecido, que logo desperta.

— Já chegamos?

— Sim, estamos em casa. — Ela abriu um sorriso, antes de esfregar os olhos.

Saio do carro e pego Flora no colo, entramos na nossa casa. Era muito bom estar no conforto do meu lar com as mulheres da minha vida e logo o meu menino.

Não demorou muito para após o incidente com Tor, para que Mazi e Maya engravidassem ao mesmo tempo, ambas eram muitas amigas e mantinham contato constante. Coloquei Flora na sua cama e segui para o meu quarto.

— Recebi uma mensagem de Maya, está tudo bem. — Falo após entrar

no quarto.

— Fico feliz. — Agarro-a por trás, deslizo minha mão pela sua barriga e beijo seu ombro. — Vamos deitar?

— Sim, só me deixe tirar o vestido.

— Pode deixar que eu faço. — Puxo o zíper lateral e depois as alças. O tecido escorrega pelas pernas de Mazi e cai ao redor dos seus pés. Viro-a de frente para mim e analiso seu corpo. — Perfeita. — Então a peguei no colo, ela dá um grito de surpresa e a levo até nossa cama e a coloco no meio.

— Eu te amo. — Cubro meu corpo com o seu e beijo seus lábios.

— Eu também te amo.

(...)

Quatro meses depois, às 10h55min nasce nosso filho. Um menino sadio e enorme, eu o embalava enquanto Mazi dormia na maca. Ele era a coisa mais linda, meu coração encheu de orgulho. Seu cabelo, sua cor e nariz eram parecidos com os meus, mas ao abrir os olhos, descobri serem azuis, como o de sua mãe.

— Ele é lindo, papai — comenta Flora ao meu lado, observando o bebê.

— Sim, muito lindo. — Era um bebê calmo, quase não chorava. Ouvi alguém bater na porta, levanto meu olhar para ver Luke e Maya se aproximarem com um balão azul.

— Oi papais. — Mazi desperta e sorri quando os vê.

— Oi, venham conhecer Connor Michael. — Eles entram no quarto, Maya toma meu filho dos meus braços e logo sinto falta.

Levando da poltrona e cumprimento Luke e Liam. Mary corre até Flora para conversarem baixinho.

— Oi cara, como está sendo?

— Tudo muito novo, ainda estou abismando como podemos amar alguém tanto que acabamos de conhecer.

— Fiquei assim com Mary, já que não participei do nascimento de Liam. — Luke coloca o bebê conforto no chão, um bebê loiro começa a resmungar. O bebê Brandon nasceu há duas semanas, era um bebê muito chorão e reclamação. Seu pai nunca o largava.

Olho ao redor para nossa família. Sempre imaginei que ficaria com Maya, mas agora percebi que ela estava destinada a Luke, como Mazi estava para mim. Nossos filhos crescerão amigos e um dia poderão estar em nossos lugares.

Aproximei-me de Mazi e beijei sua testa, Connor estava se alimentando de sua mãe, sugando com força para um recém-nascido, ele era realmente meu filho.

— Ele é lindo.

— Obrigado, querida. Por este momento. — Beijo sua cabeça e suspiro, nosso bebê abre os olhos azuis e impressionam a todos.

— Ele é perfeito. — Mazi acariciou sua bochecha, ele largou o bico da mãe e choramingou. Mazi colocou o bico na boca do garoto, que voltou a mamar.

— Acho que não vai ter sua esposa de volta por um bom tempo — brinca Luke.

— Neste momento não estou me importando, mas você não pode falar nada, tem um recém-nascido também.

— Como se esse pudesse esperar muito tempo. — Revela Maya, que dá uma tapinha no braço do marido.

— São apenas oito semanas, depois disto, eu tenho que compensar o atraso. — Todos dão risadas, menos as crianças que não entendem.

Acaricio o cabelo ralo de Connor e suspiro. Por ele valia ficar oito semanas sem sexo, por ele valia tudo.

Meu mundo era a minha família e eu que acreditei que nunca teria uma mulher que me amasse e não me abandonasse, agora era casado, pai de dois filhos e um político honesto.

Fim...

Até o próximo livro.

Envie print da avaliação, para o e-mail: thais.b.zanin@gmail.com com seu endereço e ganhe um kit de marcadores.

Senhor Mafioso

Malina Castillo participava de um programa para ajudar reabilitados a recomeçar sua vida, durante um ano ela trocou cartas com um homem desconhecido.

Ela ate poderia ser filha de um mafioso, mas não se metia nos negócios da sua família. Era uma professora de bale, escondida na pequena cidade San Rafael.

Lucian, Petkovic conhecido como Lúcifer, por ser o demônio em pessoa, ele trocou cartas com Malina por um ano, ela o ajudou a espantar seus demônios, mas após 4 anos desde a última carta, descobre que seu filho foi assassinado e o culpado é Mark Castilho.

Lucian quer se vingar, nada melhor do que começar pela filha do culpado, Malina.

Malina não consegue acreditar que o homem que trocou cartas era um mafioso. Ela não quer nada com ele, nada que envolva a máfia, mas lucifer desconhece a palavra Não.

O que ele quer, ele consegue, mesmo que ela possa ser seu cavalo de troia.

Capítulo 1

Lúcifer

Caminhei pelo corredor escuro, o molho de chaves pendurado em meu cinto, fazia barulho me distraindo por alguns segundos.

— Senhor, a sua encomenda está pronta. — segui meu segurança, que se detém na primeira porta. — Pronto, senhor.

O segurança a abriu a porta e eu passei por ele, o quarto estava mal iluminado. Somente um abajur ligado perto da cama, perto da moça. Seu cabelo loiro estava espelhado pela cama, e seu corpo contra o colchão. O motivo dela estar lá era seu pai, aquele fodido El Pecador. Não sabia seu verdadeiro nome, mas sabia o suficiente dele para saber que era um filho da puta.

Isso porque sua filha esta aqui, nua em um quarto mal iluminado comigo. Ele era um dos meus maiores concorrentes, estava pronto para usa-la contra ele.

— Qual seu nome?

— Malina. Malina Castillo. — sento na beira da cama, minha mão sobe pela sua coxa nua, até suas nadegas.

— Não se parece com seu pai.

— Minha mãe é búlgara e puxei muitos traços dela.

— Quantos anos você tem?

— 19 anos. — sua pele estava fria contra meus dedos, respirei fundo ao quebrar o toque. Ela era nova demais e fiquei irritado que minha consciência não me deixava fazer o que queria.

— Levante e coloque suas roupas, menina.

— Não, papai disse que tenho que ficar.

— Seu pai não está aqui, eu não fodo crianças e só preciso de algumas respostas. — me afastei da cama, caminhei até a janela e fiquei olhando o céu

escuro, enquanto ela se trocava.

—Pode se virar. — me virei para encontrar a loira sentada na cama, vestida com um bonito e fino vestido azul. Estava de noite e provavelmente muito frio, assim quando ela saísse do prédio passaria frio. Me aproximei e entreguei meu casaco, ela ainda era filha da realeza da máfia mexicana.

—Eu quero saber onde está meu filho.

—Eu não sei, a última vez que o vi ele estava no escritório do meu pai.
— ela tinha o olhar fixo no chão puxei seu queixo para que levantasse o olhar.

—Olhe nos meus olhos ao falar comigo.

— Eu não sei onde ele está?

— Deveria saber, ele é um menino, tem apenas 13 anos.

—Então como você perdeu ele? — aqueles olhos, com cores diferentes me desafiaram. O azul do olho esquerdo combinava com seu vestido, mas o olho direito castanho combinava com meu casaco sob seus ombros.

— Eu não o perdi, tomaram de mim e eu acho que foi seu pai, que jura que o encontrou na sua porta.

— Eu não sei o que aconteceu com ele, normalmente nas férias de verão eu passo na Búlgara com minha mãe, quando voltei para casa fui falar com papai e encontrei o menino loiro com meu pai, ele parecia saudável e alegre, então papai me expulsou de seu escritório e eu nunca mais voltei a vê-lo.

— Então seu pai está mentindo?

—Eu sei que não estou mentindo.

— Você sabe porque está aqui?

— Não.

— Você está aqui porque seu pai perdeu meu filho, então agora eu tenho a filha dele, mas eu não quero um Bambi assustado. — ela se levantou e se afastou.

— Posso ficar com você, papai me disse que era apenas uma noite.

— Então não seria a primeira vez que faz isso?

— Na verdade nunca fiz, eu vivi boa parte da minha vida em um internato, minha falecida irmã que ficava com meu pai e eu sabia que era comum papai selar acordos ou nos oferecer, hoje ele me chamou no escritório que eu como sua única filha viva, precisava começar a fazer coisas pela família.

— Você pode ir.

— Não vamos... Você sabe, transar? — dei uma risada seca com sua pergunta, me afastei ao caminhar até a porta.

— Não, eu já disse que não fodo criança.

— Eu tenho 19 anos, não sou criança. — Cruzou as mãos e bateu o pé, uma ação típica de criança.

— Porque está tão interessada? Deveria correr de mim e não me querer te fodendo.

— Desculpe, só fiquei curiosa, não tenho muita experiencia.

— Isso é mais um motivo para não transarmos, preciso mais que uma garota assustada para me satisfazer. Agora, eu vou até o meu secretario e cuidarei para que a levem em segurança até sua casa, duvido que voltaremos a nos ver, porem se seu pai tiver machucado meu filho, eu vou te machucar e muito. — me virei para sair, quando ouvi sua voz.

— Espere. — virei na sua direção, ela correu na minha direção, agarrou meu rosto entre suas mãos e me beijou.

Sabia que eu não deveria fode-la, mas aquele corpo contra o meu, seus lábios selados com os meus. Eu era a porra de um homem, e ela era gostosa.

Passei meus braços ao redor da sua cintura e a levei ate a cama, sem separar nossas bocas a deitei na cama. Sua mão acaricio meu cabelo, seu toco era tão sutil, suas mãos suaves contra a minha barba.

— Eu não vou embora daqui sem ser fodida por você. — me afastei para que pudesse olhar para seu rosto, a pele clara, olhos diferentes e os lábios carnudos e avermelhados pelos meus beijos.

— Pode ter certeza que depois desse beijo, você só sai daqui fodida. —

desci minha mãos ate as alças do seu vestido e o puxei, rasgando. Seu seios foram liberados. Eram pequenos, com os mamilos rosados. Um sorriso surgiu nos meus lábios, ela era pequena em todos os sentidos, ao contrario de mim, mas eu gostava disso. Meus dedos calejados passaram ao redor da auréola, deixando seu bico ereto e a pele enrugada.

— Você tem certeza disso?

— Absoluta. — respondeu ofegante, dei um leve sorriso e a virei brutalmente. Colocando seu rosto contra o colchão e a bunda empinada.

— Foi você que pediu. — Levantei a saia do vestido ate ficar ao redor da sua cintura, estava sem calcinha, então tinha sua boceta descoberta. Separei suas nadegas, passei a língua da sua abertura ate o clitóris, em seguida puxei o clitóris entre os dentes. Malina gemeu, ela era uma coisinha tão linda e nesta posição ficava ainda melhor.

Abri a braguilha da minha calça, puxei meu pau ereto para fora e passei a cabeça contra seu clitóris e pressionei, a vontade era enorme, só precisava afundar meu pau na sua boceta, mas tinha que ser consciente. Então tirei um preservativo da minha carteira, abri o pacote com auxilio dos dentes e puxei o látex. Deslizei a camisinha pelo meu pau, ajustei a ponta e me posicionei contra sua entrada.

— Pronta?

— Enfia logo. — suas mãos agarram os lençóis, então deslizei meu pau para dentro ate a base. Sua respiração estava ofegante, mas não parei. Agarrei sua cintura e comecei a me mover, no começo fui devagar, mas conforme ela se acostumava com meu tamanho, fui acelerando. — Vai ficar assim? Seja mais rápido, está me torturando assim.

Feliz por poder me mover mais rápido, seguro sua cintura com força deixando sua pele vermelha ao redor dos meus dedos. Começo a me mover com rapidez e força.

Essa tinha sido uma semana conturbado e não transava há vários dias, uma coisa que estava me deixando louco, mas me satisfaria com alguma puta, mas ela era muito melhor. Mesmo que tivesse só 19 anos, era tão gostosa e porra, seria difícil depois deixa-la ir.

Investi contra seu corpo o mais rápido que pude, seus gemidos ficaram mais altos, deslizei minha mão pela sua costa, ate seu cabelo, puxei levantando seu rosto.

— Olha para mim. — ela manteve a cabeça virada e seu rosto no seu, conforme minhas estocadas ficaram mais rápidas. Uma das suas mãos, deslizou entre suas pernas e estimulou o clitóris.

Não demorou para ela chegar no clímax, em seguida a porta se abriu brutalmente.

— Senhor, temos problemas.

— Revolva então, estou oculpado. — não parei de me mover, Malina escondeu o rosto entre os leicois, enquanto o segurança evitava nos olhar.

— Senhor, precisamos de você para revolver.

— Que porra. — soltei o corpo dele, tirei meu pênis e puxei a camisinha com um pouco de sangue, não me importei muito, joguei no chão e arrumei minha calca. — Voce conseguiu o que queria, uma foda. Vou mandar alguém te levar para casa.

— Ta. — ela se afastou, cobrindo seu corpo com o lençol.

— Eu estou de olho em você. — me fastei, mas antes de sair sua voz de deteve.

— Senhor, espero que ache seu filho em segurança e vivo.

— Eu também espero, caso contrário você e seu pai vão sofrer. — então segui para fora e bati a porta atrás de mim, deixando aquela garota loira com olhos incomuns sozinha. O segurança ficou na beira da porta e eu caminhei para fora do prédio. Encontrei Clay, meu secretario encostado no meu carro. Quando me viu me aproximando, se afastou do meu bebe — carro — e fez uma mesura desnecessária. Eu não era o rei, não precisava de pessoas me mesurando.

— Cuide da garota, a leve para casa.

— Mas senhor, você tem certeza?

— Estou mandando, então não questione. — passo por ele e entro na minha Porsche Veneno, dou partida no carro e acelero, indo para meu

escritório.

Estava deixando aquela garota agora, mas eu voltaria.

Série Senhores

Senhor Perigoso – Livro 1 – Luke e Maya
Senhora Perigosa – Livro 1.5 – Luke e Maya

Senhor Corrupto – Livro 2 – Michael e Mazi
Senhora Corrupta – Livro 2.5 – Michael e Mazi

Senhor Mafioso – Livro 3 – Lucifer e Malina
Senhora Mafiosa – Livro 3.5 – Lucifer e Malina

Querido Militar – Livro 4 – Liam e Flora